The background is a vibrant, abstract composition of overlapping, semi-transparent geometric shapes in various colors including red, yellow, blue, green, and purple. A black silhouette of the map of Brazil is centered over the composition, serving as a backdrop for the main title.

ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO

Estudo de caso de ecossistemas brasileiros

Organizadores:

Gilson Pôrto Jr.

Leonardo Pinheiro da Silva

Observatório
Edições

Audiodescrição:

Capa do Livro **ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: Estudo de caso de ecossistemas brasileiros**. Organizador: Gilson Pôrto Jr. e Leonardo Pinheiro da Silva. Publicado sob o selo Observatório Edições. Capa retangular vertical com fundo colorido, utilizando cores quentes e frias, tendo o mapa do Brasil circunscrito no centro da capa, na cor preta. No rodapé a logomarca, alinhado à direita: Observatório Edições e centralizado o nome do organizador Gilson Pôrto Jr e e Leonardo Pinheiro da Silva. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.
Leonardo Pinheiro da Silva
(Org.)

ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: Estudo de caso de ecossistemas brasileiros

Observatório Edições
2024

Diagramação/Projeto Gráfico: Leonardo Pinheiro da Silva/Gilson Porto Jr.

Arte de capa: Adriano Alves.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

**Dados Internacionais de Catalogação
Código de Catalogação Anglo-Americano AACR2**

E96

ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: estudo de caso de ecossistemas brasileiros / Organização: Gilson Pôrto Jr., Leonardo Pinheiro da Silva. -- Palmas, TO: Observatório Edições, 2024.
222 p.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-981820-9-0

1. Inovação. 2. Ecossistemas de Inovação. 3. Ensino. I. Pôrto Jr., Gilson. II. Silva, Leonardo Pinheiro da.

CDD 378.175
CDU 378.147
LCC LB2331-2335

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os artigos passaram por avaliação dos pares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

REITOR
Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato

Pró-Reitor de Graduação
Prof. Dr. Eduardo Cezari

VICE-REITOR
Prof. Dr. Marcelo Leinerker
Costa

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Prof. Dr. Raphael Sanzio Pimenta

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Profa. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos

Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)

Dra. Erika da Silva Maciel
Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior
Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma
Dr. José Lauro Martins
Dr. Nelson Russo de Moraes
Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Dra. Marli Terezinha Vieira
Dra. Eliane Marques dos Santos

SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE
Prof. Dr. José Lauro Martins

Membros:

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do
Amazonas, Brasil

Profa. Dra. Thais de mendonça Jorge
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares
Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História
Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Prof. Dr. José Manuel Pelóez
Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes
Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

Como Referenciar ABNT NBR 6023/2018

Documento no todo

PÔRTO JR, Gilson; SILVA, Leonardo Pinheiro da (org.). **ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: Estudo de caso de ecossistemas brasileiros**. Palmas, TO: Observatório Edições, 2024. 222 p. ISBN 978-65-981820-9-0.

Nos Capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do capítulo.
In: PÔRTO JR, Gilson; SILVA, Leonardo Pinheiro da (org.). **ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: Estudo de caso de ecossistemas brasileiros**. Palmas, TO: Observatório Edições, 2024, p. xx-xx. ISBN 978-65-981820-9-0

.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO/ 9

Adelice Thomaz Soares Novak

PREFÁCIO / 11

Leonardo Pinheiro da Silva e Gilson Porto Jr.

CAPÍTULO 1: O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO NA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TO: Ações de Governança e Capital Para Desenvolvimento da Maturidade do Ecosistema Local / 19

Leonardo Pinheiro da Silva e Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior

CAPÍTULO 2: A COMUNICAÇÃO NA ÁREA B TEM SOTAQUE BINACIONAL / 43

Fernanda Moreira Araújo

CAPÍTULO 3: ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER AÇÕES EM CONJUNTO: Um Estudo de Caso do Grande Pacto da Inovação Rio Grande-RS /65

Cláudia Rodrigues Maia e Samuel Vinícius Bonato

CAPÍTULO 4: ESTUDO DE CASO: ecossistema de inovação de Parnaíba-PI / 85

Ariny Carvalho de Freitas Fonteneles e João Carlos Hipólito Bernardes do Nascimento

CAPÍTULO 5: ARMADILHA DOS DADOS: Um Estudo de Caso no Ecosistema de Inovação Soteropolitano / 103

Lucas Alves do Nascimento e Edilson Nolaço Dos Santos

CAPÍTULO 6: SUPERANDO DIVERGÊNCIAS: A Jornada de dois movimentos de inovação no ecossistema de Feira de Santana / 121
Andreizza Albernaz Vanin Rosado e Edilson Nolaço Dos Santos

CAPÍTULO 7: DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA APROXIMAÇÃO ENTRE ACADEMIA E MERCADO EM JANDAIA DO SUL, NO VALE DO IVAÍ / 137

Francine De Lima Santos e André Luiz Turetta

CAPÍTULO 8: O PODER DA FERRAMENTA COMMUNITY CANVAS EM UM ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO / 157

Luiz Fernando Cauduro Telles e Samuel Vinícius Bonato

CAPÍTULO 9: O FOMENTO DO ECOSSISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO A PARTIR DE AÇÕES REALIZADAS NA ACADEMIA: o caso da Universidade Federal de Santa Catarina / 179

Janaína Galdino de Barros e Clarissa Stefani Teixeira

CAPÍTULO 10: EVENTOS DE INOVAÇÃO E SEUS IMPACTOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O SUMMIT IGUASSU VALLEY / 197

Henrique Romão Marcondes e Ana Paula Murakawa

GLOSSÁRIO / 209

ÍNDICE REMISSIVO / 213

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES / 215

Em um mundo cada vez mais dinâmico e globalizado, a inovação emerge como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento sustentável e a competitividade de qualquer região. A construção de ecossistemas de inovação sólidos se mostra indispensável, oferecendo um ambiente onde instituições, empresas, governos e sociedade civil interagem e colaboram para transformar ideias em soluções que geram impacto econômico e social. Esses ecossistemas representam redes complexas, onde cada ator contribui com seus recursos e especialidades, criando um espaço propício para o surgimento de novas tecnologias, negócios e oportunidades.

Neste cenário, o papel do SEBRAE se destaca como um mediador estratégico e promotor do empreendedorismo e da inovação. Por meio do programa Agentes Locais de Inovação (ALI), o SEBRAE capacita profissionais especializados que atuam diretamente dentro desses ecossistemas, facilitando a implementação de estratégias inovadoras e promovendo a

integração entre os diferentes atores. Através do programa ALI, agentes atuam como catalisadores do ecossistema, ajudando empreendedores a acessar conhecimento, financiamento, infraestrutura e networking — elementos essenciais para o avanço e sucesso de iniciativas inovadoras.

A importância de um ecossistema de inovação bem estruturado está na sinergia criada entre os seus participantes. Ao conectar conhecimentos especializados, recursos financeiros, infraestrutura e oportunidades de networking, o ecossistema favorece a criação e a aceleração de projetos inovadores, tornando-os mais competitivos e impactantes. A presença de uma governança clara, com ações articuladas e direcionadas para as necessidades regionais, também se faz essencial, facilitando a realização de eventos, o fortalecimento de ambientes inovadores, o aprimoramento das leis de incentivo e a promoção de rodadas de investimento para startups e empresas tecnológicas.

O programa ALI contribui diretamente para o fortalecimento desses ecossistemas. Através de sua atuação, vemos o crescimento no número de negócios inovadores em diversas localidades, a geração de empregos em áreas estratégicas e o desenvolvimento de soluções que atendem às demandas específicas de cada região.

Este livro é um guia para todos que se dedicam à construção de ecossistemas de inovação sólidos, especialmente aqueles envolvidos no programa ALI/SEBRAE. Que esta leitura inspire novos agentes, líderes e colaboradores a se unirem para impulsionar a inovação e transformar suas regiões.

Palmas, Tocantins, Outono de 2024

Adelice Thomaz Soares Novak

SEBRAE Tocantins

Não é nova a utilização da expressão “ecossistema”. Ela transita no vocabulário brasileiro mais associado às Ciências Naturais. Nas últimas décadas, ecossistema também surge nas ciências humanas e sociais aplicadas, reconhecendo fora das visões mais “sistêmicas”, um novo arranjo que se consolidava.

Dessa forma, falamos de um ecossistema de inovação como um construto colaborativo e integrativo, que reconhece diferentes atores neste processo. Esses novos ambientes, longe de se constituírem segundo regras mais rígidas, surgem de arranjos muito particulares, porém ricos no reconhecimento das especificidades onde estão circunscritos. Tornam-se catalisadores de potenciais inovações, sendo ambiências novas, mesmo agregando antigos atores já consolidados.

Neste sentido, você encontrará nesse livro intitulado **ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO: Estudo de caso de ecossistemas brasileiros** uma variedade de complexos tecidos sociais que se entrelaçam para a constituição de ricos ambientes de inovação. São diversos em suas composições, mas acima de tudo, unos no potencial educativo de sua compreensão. São 10 capítulos que enfocam os caminhos e (des)caminhos percorridos na construção de estratégias de fortalecimento, alinhados em ações de atores que focam no trabalho inovador em equipes e ecossistemas¹.

No capítulo 1, **O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO NA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TO: Ações de Governança e Capital para desenvolvimento da maturidade do ecossistema local**, Leonardo Pinheiro da Silva e Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior investigam o ecossistema de inovação em Araguaína, com ênfase nas dimensões de governança e capital. Adotando uma abordagem exploratória, a metodologia se baseia na classificação de níveis de maturidade proposta pelo Sebrae, posicionando Araguaína como um ecossistema em desenvolvimento. O plano de intervenção traça estratégias específicas, evidenciando avanços notáveis na vertente de Capital por meio do lançamento do "Programa Mais Anjos" e da criação de uma cartilha sobre investimento em inovação. Na vertente da Governança, destacam-se a instituição do Conselho Local do Ecossistema de. Os resultados do primeiro ciclo revelam progressos substanciais, apontando para uma trajetória de fortalecimento contínuo do ecossistema, com contribuições significativas para o desenvolvimento local e regional.

No capítulo 2, **A COMUNICAÇÃO NA ÁREA B TEM SOTAQUE BINACIONAL**, Fernanda Moreira Araújo explora a transformação da comunicação no ecossistema binacional de inovação da Área B,

¹ Este livro foi fruto de uma chamada pública, aberta e divulgada nacionalmente, com o objetivo de reunir experiências em ecossistemas de inovação, sendo os textos encaminhados pelos autores para avaliação cega por pares.

impulsionado pelo Projeto Agente Local de Inovação Ecossistemas do Sebrae/RS. O ecossistema enfrentava desafios de comunicação, incluindo a falta de informações claras e um canal de comunicação eficaz, resultando em baixo engajamento e falta de alinhamento. Para resolver isso, foram adotadas várias estratégias de comunicação, incluindo a divulgação proativa de informações, a criação de um ambiente transparente e a resolução eficaz de conflitos. Como resultado, houve um aumento no envolvimento dos membros, uma compreensão mais clara dos objetivos do ecossistema e um ambiente mais unido e colaborativo. A Área B ganhou reconhecimento nacional e a história da Fronteira da Paz foi valorizada com uma narrativa entregue pelo Sebrae. As melhorias na comunicação equiparam o ecossistema para enfrentar desafios futuros e aproveitar oportunidades, prometendo um futuro promissor para todos os membros.

No capítulo 3, **ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER AÇÕES EM CONJUNTO: Um Estudo de Caso do Grande Pacto da Inovação Rio Grande/RS**, Cláudia Rodrigues Maia e Samuel Vinícius Bonato destacam a evolução do ecossistema de inovação em Rio Grande/RS, abordando desde sua concepção até a superação de desafios emergentes. A partir do mapeamento do ecossistema em 2022, o programa Grande Pacto foi concebido para promover a inovação por meio da colaboração entre poder público, academia, iniciativa privada e sociedade civil. Diante da interrupção do suporte da consultoria externa em 2023, o programa enfrentou um dilema crucial: como avançar sem esse suporte? Três ações foram cruciais para superar esse desafio: a integração do Agente de Inovação Local à Governança Tática, a reativação e integração da governança por meio de kick-offs de projetos, e a elaboração e manutenção do Calendário de Ações do Ecossistema de Inovação. Além disso, a estruturação da comunidade OceanValley e a inclusão de um consultor do Sebrae como Gestor de Projetos fortaleceram ainda mais o programa. Essas estratégias evidenciaram a importância da

colaboração e do reconhecimento das diversas ações realizadas no ecossistema, consolidando-o como um ambiente dinâmico e interconectado que impulsiona a inovação e o progresso em Rio Grande.

No capítulo 4, **ESTUDO DE CASO: ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO DE PARNAÍBA-PI**, Ariny Carvalho de Freitas Fonteneles e João Carlos Hipólito Bernardes do Nascimento analisam o Ecossistema de Inovação em Parnaíba em seu estágio inicial de desenvolvimento. Apesar de promissor, esse ecossistema operava de maneira fragmentada, carecendo de eficiência, integração e coordenação. A Comunidade de startups Carnaúba Valley, embora ativa na promoção da inovação e tecnologia, era vista por alguns como o próprio ecossistema, levando à necessidade de uma abordagem mais colaborativa e integrada. Duas alternativas surgiram para resolver esse dilema: fortalecer a Carnaúba Valley ou conscientizá-la sobre a importância da governança formal. A escolha recaiu na segunda opção, resultando em desafios como resistência à mudança, demanda de tempo e negociações complexas. O estudo de caso destaca a natureza dinâmica e desafiadora do desenvolvimento de ecossistemas de inovação, com lições que guiarão futuras ações e dilemas à medida que o ecossistema cresce e evolui.

No capítulo 5, **ARMADILHA DOS DADOS: UM ESTUDO DE CASO NO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOTEROPOLITANO**, Lucas Alves do Nascimento e Edilson Nolaço Dos Santos focam na agenda de apoio à tecnologia de ecossistema de inovação. Destacam que esse é um terreno que exige um vasto leque de políticas públicas e muita coordenação entre os atores governamentais e o setor privado. Dela dependerá o estilo de desenvolvimento que Salvador terá nas próximas décadas. A inovação é a agenda central do futuro e o motor da inovação é a necessidade de conquistar novos mercados de forma diferenciada. Assim, o objetivo deste estudo de caso é apoiar o mapeamento do ecossistema de inovação

soteropolitano, a partir de parâmetros mensuráveis integrados entre si, visando identificar o nível de desenvolvimento, a qualidade de seus relacionamentos e, através de dados, amparar a mensuração eficaz do grau de maturidade, da produtividade e, sobretudo, das possibilidades econômicas gerado pelo ecossistema verificado. Como resultado foi observado efetiva não duplicidade de dados e informações melhor organizadas e auditáveis para tomadas de decisões assertivas em prol do ecossistema. Por outro lado, o denominado ecossistema de inovação soteropolitano, procura reunir o conjunto de dados organizados para tomadas de decisões desses aspectos de maneira colaborativa, porém, o que se percebe é que, na maioria das vezes, se dá ainda de forma não planejada.

No capítulo 6, **SUPERANDO DIVERGÊNCIAS: A Jornada De Dois Movimentos de Inovação no Ecossistema de Feira de Santana**, Andreizza Albernaz Vanin Rosado e Edilson Nolaço Dos Santos identificam o nível de maturidade, além de elaborar um plano de intervenção para o ecossistema de Feira de Santana (Bahia). Os autores destacam que foi constatada a existência de atores engajados com inovação e grandes potencialidades para serem exploradas. No entanto, as frequentes divergências entre os dois principais grupos envolvidos com inovação colocavam em risco a própria sobrevivência do ecossistema da região. Com o surgimento do Sertão Inovador, o grupo pioneiro Santana Valley acabou de afastando das ações do ecossistema devidos os conflitos quanto a identidade e protagonismo dos movimentos. Diante dessa situação, tornou-se urgente uma ação para resolver as divergências e restaurar o caminho para desenvolvimento colaborativo. A solução então, direcionava-se para o entendimento que as duas comunidades poderiam coexistir. Nesse sentido, o surgimento do Sertão Inovador não precisava significar a extinção do Santana Valley. O caminho encontrado foi trabalhar para constituir governanças individuais e definir as frentes de atuação de cada movimento, evitando sobreposições de ações e otimizando os

resultados. Neste processo, além do Sebrae, Fundação CERTI e Fecomércio, que atuaram em conjunto na aplicação da Metodologia ELI, houve a participação de diversas instituições, como Hub Feira, Prefeitura Municipal, UEFS, UFRB, Pensar Feira, IEL, SENAC, SESI, SENAI, entre outros. Também merece destaque o Programa Sebrae ALI Ecossistemas, representado pelo Agente Local de Inovação na execução de ações de fortalecimento da cooperação entre os atores.

No capítulo 7, **DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA APROXIMAÇÃO ENTRE ACADEMIA E MERCADO EM JANDAIA DO SUL, NO VALE DO IVAÍ**, Francine De Lima Santos e André Luiz Turetta destacam os programas e ações que foram essenciais para iniciar os trabalhos do ecossistema de inovação de Jandaia do Sul, no estado do Paraná, relatando a vivência da agente local de inovação no período de outubro de 2022 a novembro de 2023, visa demonstrar como a aproximação entre a academia e o mercado podem fortalecer a relação com os empresários da região. O ecossistema local de inovação é fundamentado pela trílice hélice e através de um mapeamento de maturidade elaborado pelo Sebrae, a cidade se encontra em um estágio inicial. A Universidade Federal do Paraná - Campus de Jandaia do Sul cumpre papel relevante no ELI, e o grande desafio está em aproximar as empresas com potencial inovador no interior do Estado, com a estrutura de pesquisa e desenvolvimento que a universidade dispõe. Atualmente diversos atores estão trabalhando e articulando ações para a criação de novos negócios, especialização da mão-de-obra e fortalecendo os negócios locais.

No capítulo 8, **O PODER DA FERRAMENTA COMMUNITY CANVAS EM UM ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO**, Luiz Fernando Cauduro Telles e Samuel Vinícius Bonato analisam um case de sucesso referente ao papel potencializador da comunidade do ecossistema de inovação. Este breve relato, conta um pouco da história do ecossistema de inovação de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Passo Fundo. Nele você encontrará insights que podem auxiliá-lo na resolução de problemas comuns

aos ecossistemas de inovação de todo o Brasil. Entenderá como a aplicação da ferramenta “Community Canvas” pode estruturar uma governança em torno de um propósito em comum e como isso potencializa a construção coletiva envolvendo a quádrupla hélice.

No capítulo 9, **O FOMENTO DO ECOSISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO A PARTIR DE AÇÕES REALIZADAS NA ACADEMIA: o caso da Universidade Federal de Santa Catarina**, Janaína Galdino de Barros e Clarissa Stefani Teixeira levantam as principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação para uma Universidade mais empreendedora. A metodologia adotada derivou de uma análise documental e bibliográfica, de forma descritiva, através de dados secundários. Os resultados atestam que a Universidade Federal de Santa Catarina fomenta a política da cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora através de suas diversas ações ao longo do tempo, culminando num propósito de alavancar o seu ecossistema local de inovação de forma excelente no tocante ao pilar acadêmico. Os estudos futuros inferem que há uma necessidade de correlacionar a UFSC com outras instituições de ensino superior para alavancar a competitividade acadêmica de forma salutar, elevando a excelência acadêmica e o impacto que esta disputa poderá sensibilizar, significativamente, a elevação da maturação do sistema nacional de inovação.

No capítulo 10, **EVENTOS DE INOVAÇÃO E SEUS IMPACTOS: um estudo de caso sobre o Summit Iguassu Valley**, Henrique Romão Marcondes e Ana Paula Murakawa analisam o engajamento dos atores nas cidades, superando um dilema comum: a falta de compreensão sobre o que a inovação abrange. O Summit Iguassu Valley, realizado em junho de 2023, em Foz do Iguaçu, representou um marco crucial para o ecossistema de inovação do oeste do Paraná, Iguassu Valley. Este estudo de caso concentra-se na perspectiva de Taiuska Villa de Lima, coordenadora do Summit, e explora a jornada desde o contexto desafiador até a resolução bem-sucedida do dilema. Serão abordados os desafios iniciais, as

estratégias adotadas e os impactos significativos que moldaram a construção e o sucesso do Summit. Além disso, será evidenciado o papel fundamental do evento na promoção da inovação e no fortalecimento do ecossistema de inovação do oeste do Paraná. O estudo também destaca a participação estratégica do SEBRAE e de outros parceiros na realização do Summit, demonstrando como a colaboração entre os atores do ecossistema impactou positivamente na promoção da inovação regional.

Esperamos que os olhares aqui compartilhados possam contribuir para você compreender a riqueza que um ecossistema de inovação tem em si e na necessidade de respeitar seus percursos.

Palmas, Tocantins, Outono de 2024

Leonardo Pinheiro da Silva
Gilson Pôrto Jr.

O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO NA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TO: Ações de Governança e Capital para desenvolvimento da maturidade do ecossistema local

Leonardo Pinheiro da Silva²

Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior³

INTRODUÇÃO

A inovação, como catalisadora do desenvolvimento econômico e social, tem ganhado crescente destaque em contextos locais. Nesse cenário, este trabalho se propõe a explorar e aprimorar o ecossistema de inovação em Araguaína. No âmbito dessa pesquisa, as estratégias adotadas e as ações propostas buscam promover uma sinergia entre os diversos atores do ecossistema da cidade de Araguaína no Tocantins, visando potencializar a inovação e o desenvolvimento local.

²Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Araguaína/Tocantins

³Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Tocantins.

Dentro desse contexto, a delimitação do tema concentra-se na análise do nível de maturidade do ecossistema de inovação em Araguaína, com enfoque especial nas vertentes de governança e capital. Surge, então, a seguinte dilema central: Como aprimorar a governança e fomentar o capital para fortalecer o ecossistema de inovação em Araguaína?

Para buscar soluções para essa problemática, levantamos algumas hipóteses. Acredita-se que a criação de um Conselho Local do Ecossistema de Inovação e a viabilização de editais para fomento de soluções inovadoras, entre outras ações, podem contribuir significativamente para o fortalecimento dessas dimensões.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, aprimorar o ecossistema de inovação em Araguaína, com foco nas dimensões de governança e capital. Para alcançar esse objetivo, propomos os seguintes objetivos específicos: estabelecer o Conselho Local do Ecossistema de Inovação, viabilizar editais para fomento de soluções inovadoras, desmistificar e sensibilizar sobre o investimento anjo, entre outros.

A importância deste trabalho reside em sua contribuição para o desenvolvimento local e regional, considerando que Araguaína desempenha um papel fundamental na região norte do estado, sendo reconhecido como a capital econômica. O estudo oferece insights e estratégias práticas para fortalecer o ecossistema de inovação em Araguaína. Adicionalmente, a pesquisa apresenta relevância para a comunidade acadêmica ao propor abordagens específicas para impulsionar dimensões cruciais do referido ecossistema.

ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

A sociedade evoluiu ao longo da história e o homem foi aprimorando suas habilidades a cada nova descoberta, dando origem aos denominados "ecossistemas de inovação". Nessas configurações, em que a inovação tem como base as necessidades

do usuário, indivíduos têm a oportunidade de desempenhar uma variedade de papéis ao longo do processo, desde a concepção até a utilização dos produtos e serviços gerados (Koslosky; De Moura Speroni; Gauthier, 2015).

O ecossistema de inovação pode ser entendido como uma rede dinâmica e colaborativa composta por atores, relações e instituições que influenciam o processo inovador em uma determinada região, promovendo uma inter-relação e integração de diferentes conhecimentos fontes e fornecedores (Romano; Passiante; Del Vecchio, 2014). Segundo Komninos, Pallot, Schaffers (2013) ecossistemas de inovação são caracterizados por uma combinação de iniciativas “bottom up” e “top down”, liderando a rede colaborativa entre partes interessadas que se estende progressivamente para as comunidades reais de inovação. Notavelmente, cidadãos, empresas avançadas e governos locais desempenham cada vez mais um papel ativo como catalisadores da inovação, promovendo a transformação das cidades em agentes de mudança.

Aprovada em 2 de dezembro de 2004 e regulamentada em 11 de outubro de 2005 pelo Decreto nº 5.563, a Lei de Inovação Tecnológica nº 10.973 representa um marco para a inovação no Brasil. Reconhecida como uma ferramenta de promoção e incentivo à inovação, bem como à realização de parcerias tecnológicas entre diversos atores no país, sua estrutura se baseia em três pilares: (i) a criação de um ambiente propício para parcerias estratégicas entre universidades, institutos tecnológicos e empresas; (ii) o estímulo à participação de institutos de ciência e tecnologia no processo de inovação; (iii) e a promoção da inovação nas empresas (Koslosky; De Moura Speroni; Gauthier, 2015).

A criação dos ecossistemas de inovação tornarem-se relevante na observância de que a inovação é uma fonte crucial para a criação de valor agregado e riqueza em uma economia, implicando na formulação de estratégias específicas para estabelecer essas

interconexões, visando impulsionar o desenvolvimento econômico e servir como alicerce para a recuperação durante períodos de menor dinamismo ou crise (Kon, 2016). A construção de um sistema de inovação bem-sucedido requer a interdependência e interações entre os principais agentes da atividade econômica, possibilitando operações eficazes em nível regional (Pedrinho et al., 2020).

Os ecossistemas de inovação evoluem a partir de modelos nacionais de sistemas de inovação, sendo que o ecossistema de inovação é uma compreensão do entendimento de ambiente ou ecologia formada por diversas instituições, atores e outros fatores relacionados à prática de pesquisa e inovação, não existindo apenas um único ator que atue de forma independente (Akoijam; Krishna, 2017). A compreensão destes ecossistemas orienta estratégias para diversos participantes, incluindo empresas, ICTs (Instituições Científicas e Tecnológicas), e organizações governamentais e não governamentais. Inicialmente, o foco recai sobre formuladores de políticas e articuladores setoriais, mas, recentemente, empresas interessadas em desenvolvimento inovador colaborativo também mostram interesse, buscando ampliar suas fontes para o planejamento estratégico (Ikenami; Garnica; Ringer, 2016).

Na concepção de Zhang et al. (2013), a origem de ideias inovadoras muitas vezes está associada a ecossistemas de inovação caracterizados por um sistema universitário robusto, investimentos substanciais em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e proteção efetiva dos direitos de propriedade intelectual. Para Tomaél e Marteleto (2006), é crucial promover a inovação e a colaboração não apenas dentro das empresas, mas também entre diferentes tipos de organizações, incluindo instituições científicas e tecnológicas. Pellegrin (2007) ressalta que a criação do conhecimento essencial para inovação torna-se mais desafiadora quando limitada às fronteiras de uma única organização. Deste modo, nesse processo, universidades, centros de pesquisa, empresas de diversos portes, instituições e órgãos governamentais são instigados a colaborar

mutuamente, compartilhando conhecimento e trocando experiências. Este cenário promove uma participação mais direta e ativa dos usuários em todas as fases do processo inovador.

A busca pela inovação nas organizações, em especial, as empresas, têm se configurado como um dos fatores-chave da competitividade e crescimento nos diferentes mercados. O fenômeno da influência dos ambientes de inovação para elevar e acelerar a capacidade de inovação das organizações nele inseridos, além de contribuir com o desenvolvimento econômico e tecnológico dos países também ganhou relevância destacada nos últimos anos no âmbito da implementação de políticas e práticas pelas organizações (Ikenami; Garnica; Ringer, 2016). Devido às diversas incertezas envolvidas no processo de inovação o estabelecimento de parcerias mostra-se vantajoso tanto para acelerar a inovação quanto para reduzir o risco de fracasso (Adner, 2006; O'connor; Rice, 2013; Adner; Kapoor, 2010). Os principais fundamentos desse crescente movimento estão situados, não exaustivamente, nos conceitos de sistema nacional de inovação, hélice tripla e inovação aberta (Nelson, 1993; Etzkowitz, Leydesdorff, 2000; Chesbrough, 2003).

De acordo com Jackson (2010) as formas apontadas na literatura econômica para elevar o valor agregado de uma economia consistem em aumentar o número de insumos no processo produtivo, ou pensar em novas maneiras de extrair maior valor do mesmo número de insumos. Esta última é a essência da inovação, definida como a introdução de novos produtos ou produtos significativamente melhorados, novos processos, métodos organizacionais e de marketing, nas práticas internas das firmas ou do mercado.

A função de um ecossistema líder é possibilitar os membros da comunidade de dividirem ideias para alinhar seus investimentos e encontrar modos de apoio mútuo, desde que o sucesso da continuidade do ecossistema está no fato de que cria uma rede de relacionamentos que se recompensam de forma mútua (KON, 2016).

GOVERNANÇA E CAPITAL

O conceito de governança surge durante a transição para o novo século, ligado a transformações estruturais, como a reforma administrativa e a redefinição do papel do Estado, além do fortalecimento da democracia participativa e deliberativa (Ferrão, 2010). Deste modo, esse conceito passa a definir formas de governo mais abertas e participadas e relações de cooperação entre o Estado e os parceiros económicos e cívicos, incluindo as relações de poder entre os atores, para determinar como, quando e de que forma é feita a partilha de responsabilidades, a negociação entre as partes e a tomada de decisões (PEREIRA, 2013).

Segundo Mayntz (2009) a governança é compreendida como a variedade de maneiras pelas quais os diversos recursos são utilizados para estabelecer ordem entre os participantes, através de processos de adaptação, negociação, manutenção da ordem e obediência (XAVIER et al., 2014; BRUNNER et al., 2005). De acordo com Folke et al. (2005) essa interligação é permeada pela troca de conhecimento entre pessoas, organizações, agências e instituições em variados níveis político-administrativos e escalas geográficas. Além disso, a associação entre governança e desenvolvimento endógeno se revela ao se perceber a inter-relação entre "indivíduos, organizações, agências e instituições em diferentes estratos organizacionais". Deste modo, a governança é fundamentada em acordos e contratos resultantes de negociações com diversos participantes, e abrange o conjunto de processos, culturas, políticas, normas e leis que supervisionam a administração de uma relação interorganizacional (Bobbio, 2005; Moreiras; Tambosi Filho; Garcia, 2012).

O termo governança territorial refere-se a iniciativas ou ações que representam a "habilidade de uma sociedade organizada territorialmente para administrar os assuntos públicos por meio do envolvimento conjunto e colaborativo de atores sociais, económicos

e institucionais" (Pereira, 2013). A governança territorial, sempre considerada numa perspectiva multi-escalar, destaca a importância dos meios utilizados para a ação, todavia, as estruturas de governança, embora teoricamente atraentes, costumam apresentar desafios na sua implementação (criação, organização, funcionamento e manutenção) devido à variedade de participantes envolvidos e à disparidade em seu poder de intervenção (Grisel; Van De Waart, 2011).

Segundo Cruz et al (2016) o crescimento econômico de uma região está intrinsecamente ligado à sua capacidade de organização social, que por sua vez, é influenciada por diversos fatores, como a ampliação da autonomia regional para a tomada de decisões, o fortalecimento da capacidade de retenção e reinvestimento do excedente econômico gerado pelo crescimento local, um contínuo processo de inclusão social e um comprometimento constante com a conservação e preservação do ecossistema regional.

Conforme orientações do Guia de Desenvolvimento de Ecossistemas e Centros de Inovação (Santa Catarina, 2017), o ecossistema de inovação pode ser categorizado em seis dimensões fundamentais: Política, Financeira, Cultura, Suporte, Capital Humano e Mercado. Ao direcionar o foco exclusivamente para a dimensão financeira, observa-se a presença de agentes responsáveis ou facilitadores do acesso ao capital, seja próprio ou de terceiros. Esses agentes incluem investidores-anjo, investidores de capital semente, aceleradoras, fundos de capital de risco (venture capital), bancos e agências de fomento. Esses investidores desempenham um papel crucial ao fornecer recursos para investimento, benefícios e estímulos às empresas embrionárias, contribuindo para a elaboração de planos de negócios, modelos de negócios e validação de produtos, facilitando sua inserção no mercado.

Além disso, de maneira indireta, os investidores proporcionam acesso a redes de contatos, mentoria, conhecimento especializado de mercado e a possibilidade de conexão com novos

investidores para futuras e mais substanciais rodadas de investimento (De Alcantara et al., 2023).

O crowdfunding ocorre por meio de plataformas online, visando converter o capital social das redes sociais em capital financeiro para a concretização de ideias e projetos. O equity crowdfunding, também conhecido como crowdinvesting ou financiamento coletivo por valores mobiliários, representa uma variação que proporciona capital de risco para startups (Potenza, Oliveira, 2016; Izzo, 2017). Conforme indicado por Li (2017), essa forma de financiamento permite que os investidores obtenham retorno financeiro quando as startups realizam ofertas públicas de ações ou são adquiridas por outras empresas.

Investidores anjos são indivíduos com experiência profissional e recursos financeiros suficientes para investir nas fases iniciais de startups, em troca de participação acionária (Bilau, Sarkar, 2016; Mineiro et al., 2016). Esses investidores não apenas oferecem conhecimentos estratégicos e operacionais para os novos empreendimentos, mas também compartilham conexões, fornecem mentoria e promovem networking para os empreendedores em ascensão, desempenhando um papel crucial no estímulo à atividade empreendedora e no fomento do crescimento econômico (Bilau, Sarkar, 2016; Mineiro et al., 2016; Wollherim, Nuccio, 2016).

A maioria dos investidores anjos se vê como parceira dos empreendedores, perseguindo objetivos além da mera maximização do valor investido. Esses objetivos incluem a satisfação pessoal, a geração de empregos e a oportunidade de influenciar o desenvolvimento de uma startup. O relacionamento entre investidor anjo e empreendedor é a principal maneira pela qual os investidores adicionam valor ao seu portfólio (Collewaert, Manigart, 2016).

O venture capital é uma das formas mais reconhecidas de financiamento de capital, embora financie apenas uma parcela restrita de startups. As organizações de venture capital angariam recursos por meio de doações universitárias e fundos de pensão,

proporcionando investimentos em portfólios de empresas jovens e inovadoras (startups) em contrapartida a esses investidores (Drover et al., 2017). Hain e Jurowetski (2017) caracterizam os investidores de venture capital como intermediários financeiros que unem competências financeiras e tecnológicas para oferecer suporte financeiro e gerencial aos empreendedores de negócios inovadores.

METODOLOGIA

A pesquisa abordada neste estudo assume uma natureza exploratória, incorporando a revisão bibliográfica, análise documental e estudo de caso. Esta abordagem, conforme preconizado por Gil (2002), visa estabelecer uma maior familiaridade com o problema, com o intuito de elucidá-lo ou formular hipóteses.

Para este estudo, empregou-se a metodologia "Atuação, gestão e monitoramento por níveis de maturidade dos ecossistemas de inovação," desenvolvida em colaboração entre o Sebrae Nacional, Sebrae Paraná e a Fundação CERTI. Essa abordagem visa compreender e avaliar a eficácia e a integração das iniciativas dentro de um ecossistema de inovação, classificando-o com base nas características identificadas e delineando um plano de intervenção compartilhado entre todos os participantes (SEBRAE, 2019).

A metodologia abrange sete etapas, a saber: i) Caracterização do ecossistema de inovação; ii) Avaliação do nível de maturidade do ecossistema; iii) Identificação de áreas de aprimoramento; iv) Elaboração de um plano de intervenção; v) Organização da intervenção; vi) Atuação conjunta dos participantes; e vii) Monitoramento contínuo do ecossistema. Os resultados apresentados neste contexto referem-se às etapas iv a vii da metodologia, uma vez que as etapas subseqüentes anteriores já haviam ocorrido previamente por meio de consultorias especializadas na cidade de Araguaína no Tocantins.

O surgimento desta iniciativa decorreu da necessidade de orquestrar o ecossistema local de inovação para promover o

desenvolvimento territorial. Este método tem como objetivo compreender e avaliar a eficácia e integração das ações ocorrentes dentro do ecossistema de inovação, classificando-o com base em suas características identificadas e delineando um plano de intervenção compartilhado entre todos os participantes (SEBRAE, 2019).

Inicialmente, procedeu-se ao mapeamento dos principais agentes do ecossistema local de inovação, identificando simultaneamente os setores econômicos prioritários por meio da análise cruzada de dados entre as vocações territoriais e os potenciais tecnológicos da região.

Posteriormente, realiza-se a atribuição de notas, variando de 0 a 5, para seis dimensões do ecossistema (ambientes de inovação; programas e ações; instituições de ciência e tecnologia; políticas públicas; capital; e governança). Isso é realizado por meio de fontes primárias e secundárias, além de entrevistas semiestruturadas com os principais atores mapeados e inseridos direta ou indiretamente nos setores priorizados. É relevante ressaltar que essas notas passam por validação pelos integrantes do ecossistema em workshops e oficinas.

A soma das notas resulta no grau de maturidade do ecossistema, podendo ser classificado como: inicial (0 a 11,99), em estruturação (12 a 17,99), em desenvolvimento (18 a 23,99) ou consolidado (24 a 30). Após a determinação do posicionamento do ecossistema em relação à sua maturidade, são delineadas três estratégias estruturantes para facilitar a fluidez das atividades com o ecossistema, sendo preferencialmente cada estratégia vinculada a uma vertente diferente.

Quadro 1 – Vertentes para nível de maturidade.

Vertente	Descrição
Ambientes de inovação	Realiza-se uma avaliação abrangente da eficácia e integração das ações em ambientes homônimos,

	abrangendo estratégias como pré-incubação, incubadoras, aceleradoras, espaços makers, centros de inovação, parques tecnológicos e coworkings. Cada uma dessas facetas é examinada individualmente, recebendo avaliações variando de 0 a 5. Posteriormente, é atribuída uma nota global à dimensão por meio da média aritmética.
Programas e ações	Analisa-se a qualidade de todos os programas e ações executados no território, considerando as diversas fases da vida de um empreendimento. Todos os programas e ações no território são minuciosamente avaliados e identificados, juntamente com o público-alvo de cada um. Após esse processo, atribui-se uma nota global para a vertente.
ICTI	Primeiramente, identificam-se as quatro principais ICTIs do território e atribui-se uma nota global para duas integrantes desta vertente: Formação de Talentos e Promoção da Inovação. Posteriormente, calcula-se a média aritmética das notas para chegar ao valor final da vertente.
Políticas públicas	Nesta vertente, avaliam-se dois pontos distintos: a atuação do principal órgão público ligado à ciência, tecnologia e inovação, e a existência de leis que propiciem o surgimento e desenvolvimento de negócios da Nova Economia. Notas são atribuídas a esses dois pontos e, posteriormente, obtém-se a nota global por meio da média aritmética.
Capital	Essa vertente abrange a análise das principais formas de acesso a recursos financeiros no ecossistema de inovação, incluindo investimento-anjo, venture capital e acesso a editais de órgãos

	de fomento. Para cada um desses pontos, é atribuída uma nota de 0 a 5, e ao final, a nota da vertente é obtida por meio da média aritmética.
Governança	A Governança é a forma como os diferentes atores e instituições do tríplice hélice interagem para promover o fortalecimento do ecossistema de inovação., então é atribuída uma nota de 0 a 5.

Fonte: Sebrae (2019)

Reconhecendo o posicionamento atual do ecossistema quanto à sua maturidade, são definidos três objetivos estruturantes para que os trabalhos com o ecossistema possam fluir, preferencialmente, cada estratégia vinculada a uma vertente diferente. Por último, todo o trabalho é direcionado para a construção de planos de intervenção coletivos, com ações, tarefas, prazos e responsáveis. Encerrando desta forma as etapas de identificação dos pontos de melhoria e plano de intervenção. Esta primeira fase aconteceu no período de julho de 2022 a agosto de 2023, e, em seguida, a partir do as ações previstas, auxiliados pelo monitoramento do Sebrae Araguaína.

Correspondendo às fases de organização da intervenção, atuação conjunta dos atores e monitoramento do ecossistema por parte do Agente Local de Inovação (ALI) da cidade. O plano de intervenção foi executado no período de setembro de 2022 a novembro de 2023. Na próxima seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir do mapeamento realizado no primeiro ciclo, bem como as ações executadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Primeiro Ciclo De Aplicação Da Ferramenta

A primeira mensuração de resultados do nível de maturidade do ecossistema local de inovação de Araguaína classificou este como um ecossistema em desenvolvimento, obtendo uma nota de 17,2. Os valores alcançados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Nível de Maturidade Ecossistema de Inovação de Araguaína.

Vertente	Nota
Ambientes de Inovação	2,4
Programas e Ações	4,1
ICTI	4,1
Políticas públicas	5
Capital	1,6
Governança	0
Total	17,2

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa, 2023.

Além da análise do nível de maturidade da cidade, foram identificadas as vocações potenciais e oportunidades do município, com foco nas áreas de inovação e tecnologia. Quatro parâmetros foram considerados para identificar essas vocações:

1. Representatividade do número de empresas: Calcula a participação do número de empresas em cada atividade econômica existente no município sobre o total de empresas municipais.

2. Representatividade do número de grandes empresas: Calcula a participação do número de grandes empresas em cada atividade econômica existente no município sobre o total de grandes empresas estabelecidas.

3. Representatividade do número de empregos: Calcula a participação do número de empregos em cada atividade econômica existente no município sobre o total de empregados municipais.

4. Representatividade do Valor Adicionado Fiscal (VAF): Calcula a participação do VAF em cada atividade sobre o total do VAF do município.

Dessa forma, foram listadas as seguintes vocações: Atenção à Saúde Humana; Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados; Fabricação de Produtos de Minerais Não Metálicos; Fabricação de Produtos Alimentícios; Serviços de Tecnologia da Informação; Fabricação de Produtos de Metal; Eletricidade, Gás e Outras Utilidades; Telecomunicações.

No que tange ao potencial do município, a avaliação do potencial científico e tecnológico é conduzida mediante a análise dos cursos de graduação, mestrado e doutorado. No tocante aos cursos de graduação, calcula-se o número total de cursos nas áreas pertinentes. Para os cursos de mestrado, tanto acadêmicos quanto profissionais, determina-se o número de cursos nessas áreas, além de considerar o conceito CAPES atribuído a cada curso. No caso dos cursos de doutorado, realiza-se um cálculo semelhante, incorporando o conceito CAPES. O Business Intelligence (BI) elabora um relatório apresentando os resultados derivados do tratamento de informações provenientes de bancos de dados específicos, como o Censo do Ensino Superior do INEP e Dados Abertos da CAPES, referentes a cursos de graduação, mestrado e doutorado.

Os cursos de graduação, mestrado e doutorado são agrupados em áreas tecnológicas pela Fundação CERTI, considerando sua natureza e orientação nas pesquisas acadêmicas. Essas informações são processadas e disponibilizadas automaticamente pelo BI do Sebrae Paraná. Vale ressaltar que áreas como ciências humanas, ciências sociais aplicadas, linguística e letras não foram incluídas na análise, uma vez que o potencial tecnológico

é identificado predominantemente em áreas com um enfoque mais acentuado em tecnologia e inovação. Destaca-se que a área de economia criativa foi contemplada na avaliação. Os cursos de graduação recebem um peso 1 e são pontuados com base em sua quantidade, enquanto os cursos de mestrado têm peso 2 e os de doutorado, peso 3, sendo pontuados conforme o conceito atribuído pela Capes. Dessa maneira, foram identificados os seguintes potenciais: Agropecuária, Saúde, Serviços de Apoio à Saúde, Computação, Mecânica e Automação.

Plano De Intervenção

Com base nos dados coletados e compartilhados com os participantes do ecossistema por meio de workshops realizados em agosto e setembro, elaborou-se um plano de ação e intervenção destinado ao aprimoramento do ecossistema, visando a melhoria da nota obtida durante o processo de mapeamento.

Este plano de ação é segmentado em seis partes, seguindo uma lógica sequencial das dimensões trabalhadas ao longo do programa. Para as iniciativas nos ambientes de inovação, foram delineadas oito ações; em relação aos programas e ações, foram estabelecidas outras oito; no âmbito das Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTI), foram planejadas sete ações; no contexto de políticas públicas, foram formuladas oito ações; para a dimensão de capital, foram delineadas sete ações; e, por fim, na governança, foram definidas duas ações. Isso resulta em um total de 40 ações a serem implementadas. Este conjunto de medidas busca proporcionar uma abordagem abrangente e estratégica para fortalecer e dinamizar o ecossistema de inovação em questão.

Imagem 1 – Plano de ação do ecossistema local de inovação de Araguaína.



Fonte: SEBRAE, 2022.

No âmbito da Governança, destaca-se a criação do Conselho Local do Ecossistema de Inovação, uma iniciativa que visa agregar representantes das diversas vertentes do ecossistema. A participação nesse conselho será formalizada por meio de publicações no Diário Oficial do município, com mandato de dois anos. Além disso, a identificação de dois casos de sucesso, com características semelhantes à realidade local, proporcionará uma valiosa imersão técnica, envolvendo representantes das vertentes de inovação do município.

Já no contexto do Capital, foram estabelecidas diversas ações para promover o investimento e financiamento de soluções inovadoras. Destaca-se a viabilização, através da Prefeitura Municipal de Araguaína, de editais preferencialmente a fundo perdido. Esses editais visam fomentar projetos alinhados às vocações identificadas no município, com recursos provenientes de um fundo de inovação local. Paralelamente, eventos como "Café com Empresários" buscarão desmistificar e sensibilizar sobre o investimento anjo, especialmente para negócios em fase de ideação e prototipação. A criação de uma cartilha digital "Como Investir em Inovação", adaptada à realidade de Araguaína, e a realização de palestras com a participação da Agência de Fomento do Estado oferecerão

orientações e oportunidades de captação de recursos. Além disso, iniciativas como "Rodadas de Negócios para Negócios Inovadores" e encontros com Instituições Financeiras e Fundações visam promover o contato direto entre investidores e empreendedores, fortalecendo a rede de apoio ao ecossistema local de inovação.

Nesta fase da metodologia, coincidindo com a apresentação do mapeamento, ocorreu a incorporação do Agente Local de Inovação de Ecossistemas (ALI Ecossistema). Sua função central é impulsionar a transformação e o aprimoramento dos ecossistemas, desempenhando atividades adaptadas à realidade específica de cada localidade. Essas atividades envolvem a articulação de diversos atores e a implementação de iniciativas voltadas para o estímulo à inovação.

Ações Realizadas

Os resultados alcançados nas ações voltadas para a vertente de capital do ecossistema de inovação em Araguaína demonstram avanços significativos. O lançamento do "Programa Mais Anjos" na Feira EXPOARA foi um marco estratégico, proporcionando um espaço para apresentação das diretrizes, objetivos e ações do programa. A presença de representantes do ecossistema, investidores, empresários e autoridades locais fomentou o networking e a criação de conexões, fortalecendo as possibilidades de parcerias e investimentos para as startups locais.

Destaca-se ainda a criação de uma cartilha sobre como investir em inovação. Essa iniciativa visa preencher uma lacuna ao fornecer informações valiosas e orientações para potenciais investidores, orientando sobre a avaliação de projetos de inovação, análise de riscos e recompensas, além da identificação de oportunidades de investimento promissoras.

A realização de eventos de linhas de fomento, com a participação de instituições como Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPT), Agência de Fomento do Estado do Tocantins, Federação das

Indústrias do Estado do Tocantins (FIETO), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) e SEBRAE Tocantins, demonstra o esforço em promover fontes de financiamento e apoio às iniciativas inovadoras da região.

Os eventos de apresentação de pitches de empresas inovadoras que buscam investidores e captação de clientes contribuíram para criar um ambiente propício à visibilidade e interação entre empreendedores e potenciais apoiadores.

Em conjunto, essas ações têm impactado positivamente ao capital do ecossistema de inovação em Araguaína, estabelecendo bases sólidas para o fortalecimento e a sustentabilidade das iniciativas locais.

Das sete ações planejadas para ocorrer no primeiro ciclo, apenas a iniciativa denominada "Editais de Fomento" não pôde ser concretizada. Esta ação visava viabilizar, por intermédio da Prefeitura Municipal de Araguaína, editais (preferencialmente a fundo perdido) para o estímulo de soluções inovadoras relacionadas às vocações identificadas no município. A fonte de recursos seria um fundo de inovação local. Infelizmente, sua realização não foi possível devido à falta de tempo hábil para planejamento e execução.

Os avanços observados nas ações direcionadas à vertente de governança do ecossistema de inovação em Araguaína refletem melhorias significativas em sua estruturação.

A apresentação do Estatuto de Governança aos membros do ecossistema em Araguaína representou um passo significativo na estruturação e organização desse ambiente de inovação. A formatação desse documento foi conduzida de maneira cuidadosa, estabelecendo as diretrizes e princípios que nortearão a atuação do ecossistema.

Durante esse processo, foi realizada uma etapa crucial de apontamento dos representantes das instituições que compõem o ecossistema. Essa medida visa assegurar a representatividade e participação efetiva de diversos setores na tomada de decisões,

garantindo uma governança plural e alinhada com os interesses da comunidade inovadora local.

Além disso, a definição de suplentes para as funções desempenha um papel estratégico na continuidade e estabilidade da governança. A presença de suplentes proporciona uma camada adicional de suporte, assegurando que, em eventual ausência dos titulares, a continuidade das atividades e a representatividade sejam mantidas de forma consistente.

Essa ação não apenas estabeleceu um marco normativo para o funcionamento do ecossistema, mas também promoveu um processo democrático e participativo na escolha de seus representantes. A transparência e a colaboração inerentes a essa iniciativa contribuem para fortalecer os laços entre os membros do ecossistema, consolidando uma governança sólida e alinhada com os objetivos comuns de impulsionar a inovação na região.

A segunda ação planejada, intitulada "visitas técnicas", consiste em identificar dois casos de sucesso, com contextos semelhantes ao município de Araguaína, visando uma imersão técnica para compreender as trajetórias percorridas. A participação de representantes das vertentes de inovação do município é fundamental. Nesse contexto, realizamos uma visita técnica ao Startup Summit 2023, proporcionando aos membros do ecossistema a oportunidade de vivenciar de perto o funcionamento de um ecossistema de referência e entender como as instituições realizam articulações em busca do desenvolvimento local.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos durante o primeiro ciclo de aplicação da ferramenta para mensurar o nível de maturidade do ecossistema local de inovação em Araguaína revelaram um cenário em desenvolvimento, refletido na nota global de 17,2, conforme apresentado na Tabela 1. Essa avaliação, dividida em diversas

vertentes, destacou áreas de destaque e oportunidades para aprimoramento. Além da avaliação do nível de maturidade, a identificação das vocações potenciais e oportunidades do município evidenciou setores estratégicos para inovação e tecnologia.

O plano de intervenção, concebido a partir dos dados compartilhados nos workshops de agosto e setembro, se estrutura em seis dimensões, cada uma com ações específicas. No que tange à Governança, a criação do Conselho Local do Ecossistema de Inovação de Araguaína destaca-se como uma medida estratégica para agregar representantes das diversas vertentes, promovendo a participação democrática e efetiva.

No contexto do Capital, diversas ações foram delineadas para impulsionar o investimento e financiamento de soluções inovadoras. O destaque vai para a criação do "Programa Mais Anjos" na Feira EXPOARA, um marco estratégico que proporcionou networking e parcerias para startups locais. Contudo, a iniciativa de "Editais de Fomento" não pôde ser realizada devido a limitações temporais.

As ações executadas na vertente de Governança também demonstraram avanços significativos. A apresentação do Estatuto de Governança, a formatação cuidadosa do documento e a etapa de apontamento dos representantes garantiram uma base sólida para a estruturação e organização do ecossistema. A inclusão de suplentes reforça a continuidade e estabilidade na governança.

A realização das "visitas técnicas", exemplificada pela participação no Startup Summit 2023, proporcionou uma imersão valiosa para os representantes das vertentes de inovação do município, permitindo a compreensão das trajetórias de casos de sucesso similares.

Em síntese, os resultados obtidos até o momento indicam progressos tangíveis na estruturação do ecossistema de inovação em Araguaína, evidenciando o potencial para o fortalecimento contínuo e sustentável das iniciativas locais.

REFERÊNCIAS

ADNER, R. Match your innovation strategy to your innovation ecosystem, **Harvard Business Review**, Harvard Business School Publishing Corporation, v. 84, n. 4, p. 1-11, abr, 2006.

ADNER, R.; KAPOOR, R. Value creation in innovation ecosystems: How the structure of technological interdependence affects firm performance in new technology generations, **Strategic Management Journal**, Wiley-Blackwell, v. 31, n. 3, p. 306-333, mar, 2010.

BILAU, J.; SARKAR, S. Financing innovative start-ups in Portuguese context: what is the role of business angels networks?. **Journal of the Knowledge Economy**, v.7, p.920–934, 2016.

BOBBIO, L. Governance multilivello e democrazia. **Rivista delle Politiche Sociali**, Roma, n. 2, p. 51-62, 2005.

BRUNNER, R. D. *et al.* Adaptive governance: integrating science, policy, and decision making. **Columbia University Press**, 2005.

CHESBROUGH, H. W. Open innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology. **USA: HBS Press Book**, 272p.,2003.

COLLEWAERT, V.; MANIGART, S. Valuation of Angel-Backed Companies: The Role of Investor Human Capital. **Journal of Small Business Management**, v.54, n.1, p. 356–372, 2016.

CRUZ, A. C. *et al.* Desenvolvimento endógeno: uma compreensão da perspectiva dos pesquisadores de uma empresa federal. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 9, p. 61-75, 2016.

DROVER, W.; BUSENITZ, L.; MATUSIK, S.; TOWNSEND, D.; ANGLIN, A.; DUSHNITSKY, G. DROVER, Will et al. A Review and Road Map of Entrepreneurial Equity Financing Research: Venture Capital,

Corporate Venture Capital, Angel Investment, Crowdfunding, and Accelerators. **Journal of Management**, p.1820-1853, 2017.

DE ALCANTARA, I. R. *et al.* O papel do ambiente institucional na inovação do agronegócio: análise do ecossistema de Piracicaba. **Desafio Online**, v. 11, n. 1, 2023.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: from national systems and "mode 2" to a triple helix of university-industry-government relations. **Research Policy**, v.29, n. 2, p.109-123, 2000.

FERRÃO, J. Governança e ordenamento do território: reflexões para uma governança territorial eficiente, justa e democrática, **Prospectiva e Planeamento**, Lisboa: DPP, v. 17, p.129-139, 2010.

FOLKE, C. *et al.* Adaptive governance of social-ecological systems. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 30, p. 441-473, nov. 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

GRISEL, M.; VAN DE WAART, F. (Eds). Multilevel urban governance or the art of working together. methods, instruments and practices. Amsterdam: EUKN, 2011.

HAIN, D. S.; JUROWETZKI, R. Local Competence Building and International Venture Capital in Low Income Countries. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, 2017.

IKENAMI, R. K.; GARNICA, L. A.; RINGER, N. J. Ecossistemas de inovação: abordagem analítica da perspectiva empresarial para formulação de estratégias de interação. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, 2016.

JACKSON, D. J. What is an Innovation Ecosystem? Arlington, VA: **National Science Foundation**, 2010.

KOMNINOS, N.; PALLOT, M.; SCHAFFERS, H. "Special Issue on Smart Cities and the Future Internet in Europe", **Journal of the Knowledge Economy**, v. 4, n. 2, p. 119-134, 2013.

KON, A. Ecosistemas de inovação: a natureza da inovação em serviços. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, 2016.

KOSLOSKY, M. A.N.; DE MOURA SPERONI, R.; GAUTHIER, O. Ecosistemas de inovação—Uma revisão sistemática da literatura. **Revista ESPACIOS| Vol. 36 (Nº 03) Año 2015**, 2015.

MAYNTZ, R. **Über governance. Institutionen und Prozesse politischer Regelung**. Frankfurt: Campus, 2009.

MINEIRO, A. C.; CORREIO, B. P. M.; OTTOBONI, Celia; PASIN, L. E. Investigação do Potencial de um Polo de Inovação para a Criação de uma Rede de Investidores Anjos a partir de seu Ecosistema Empreendedor. RACEF – **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, Ed. Esp. Ecosistemas de Inovação e Empreendedorismo, p. 71-83, 2016.

MOREIRAS, L. M. F.; TAMBOSI FILHO, E. T.; GARCIA, F. G. Dividendos e informação assimétrica: análise do novo mercado. **Revista de Administração – Rausp**, v. 47, n. 4, p. 671-682, out./nov./dez. 2012.

NELSON, R. National Innovation Systems: A Comparative Analysis. **Oxford University Press**, New York & Oxford, 1993.

O'CONNOR, G. C.; RICE, M. P. A comprehensive model of uncertainty associated with radical innovation, **Journal of Product Innovation Management**, v. 30, n. 1, p.2-18, 2013.

PELLEGRIN, I. *et al.* Redes de inovação: construção e gestão da cooperação pró-inovação. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 42, n. 3, p.313-325. 2007.

PEREIRA, M. Da governança à governança territorial colaborativa uma agenda para o futuro do desenvolvimento

regional. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 3, n. 2, p. 52-65, 2013.

POTENZA, G. P.; OLIVEIRA, A. E. D. Regulando A Inovação: O Crowdfunding e o Empreendedorismo Brasileiro. **Revista de Direito Empresarial**, v.15, p.69-107, 2016.

ROMANO, A.; PASSIANTE, G.; DEL VECCHIO, P. Knowledge-intensive Entrepreneurship in Innovation Ecosystems: towards the conceptual model of a Regional Entrepreneurial Learning Center, v. 16, n. 1, p. 24-61, 2014.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável. **Guia de implantação dos centros de inovação: Livro II - Plano de Implantação**. Florianópolis, Brasil, 2017.

SEBRAE. **Metodologia de atuação, gestão e monitoramento por níveis de maturidade dos Ecossistemas de Inovação**. Brasília: Sebrae, 2019.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação 10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p75. Encontros Bibli: **revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, p. 75-91, jul. 2006. ISSN 1518-2924.

XAVIER, T. R. *et al.* Desenvolvimento regional endógeno contexto histórico para o surgimento de uma estrutura de governança regional no Estado Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento em Questão**, v. 12, n. 27, p. 185-215, 2014.

ZHANG, L. *et al.* Are elite university graduates aiding China's transition to an innovation-based economy? Results from a career choices survey among would-be innovators in China and the USA. **Asia-Pacific Journal of Accou.** v. 20, p. 58-69, 2013.

WOLLHERIM, B.; NUCCIO, D. Nasce um empreendedor - Dicas, provocações e reflexões para quem quer começar um negócio próprio negócio. **Editora Schwarcz S.A**, 2016.

A COMUNICAÇÃO NA ÁREA B TEM SOTAQUE BINACIONAL

Fernanda Moreira Araújo⁴

1 INTRODUÇÃO

A Área Binacional (Área B), um ecossistema binacional de inovação, é uma iniciativa única que une Santana do Livramento, no Brasil, e Rivera, no Uruguai. Os membros da governança da Área B tem como objetivo fomentar o empreendedorismo e a inovação na região. Composta por diversos atores, incluindo empresas, instituições de ensino, governo e sociedade civil, a Área B busca criar um ambiente propício para o crescimento e desenvolvimento de startups e empresas inovadoras. Esta união transfronteiriça tem o potencial de criar um ambiente de inovação vibrante, aproveitando os recursos e talentos de ambos os lados da fronteira. No entanto, a

⁴ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Santana do Livramento/Rio Grande do Sul.

natureza binacional do ecossistema também apresenta desafios únicos, especialmente no que diz respeito à comunicação.

Um dos principais desafios enfrentados pela Área B é a comunicação eficaz entre esses atores. Isso era evidente em várias áreas. Por exemplo, as atividades e conquistas do ecossistema não estavam sendo adequadamente divulgadas, o que limitava o engajamento de novos atores. Além disso, a comunicação interna entre os membros do ecossistema também era insuficiente, o que poderia levar a mal-entendidos e falta de alinhamento.

A falta de uma estratégia de comunicação clara e eficaz estava impactando a capacidade do ecossistema de se conectar, compartilhar informações e colaborar efetivamente. Isso tem consequências significativas para o funcionamento do ecossistema, incluindo a dificuldade de engajar novos atores, a falta de alinhamento entre os membros existentes e a ineficiência na execução de projetos e iniciativas.

Nesse contexto, o programa Agentes Locais de Inovação (ALI), uma iniciativa do SEBRAE, desempenha um papel crucial. O programa ALI tem como objetivo fortalecer os ecossistemas de inovação por meio da capacitação de agentes que atuam diretamente no ecossistema, auxiliando na implementação de estratégias de inovação e na melhoria da comunicação entre os atores do ecossistema.

Este estudo de caso irá explorar a atuação do programa ALI na Área B, com foco especial na melhoria da comunicação dentro do ecossistema. Através de uma análise das ações realizadas e dos resultados alcançados, o estudo buscará entender como o programa ALI tem contribuído para superar os desafios de comunicação na Área B e quais lições podem ser aprendidas para outros ecossistemas de inovação.

Esta narrativa panorâmica apresenta, inicialmente, o cenário anterior à intervenção do ALI, destacando os principais desafios e a

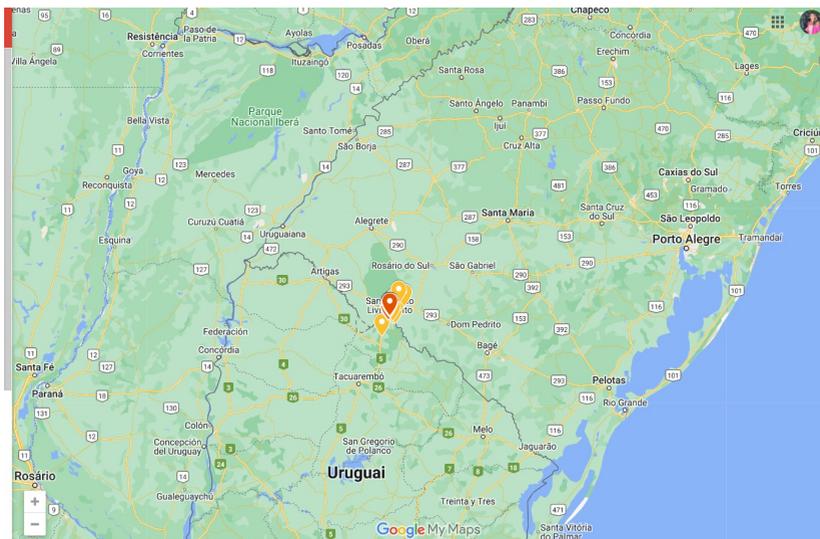
avaliação inicial do ecossistema como poderá ser verificado, a seguir, na contextualização e apresentação do dilema deste estudo de caso.

2 CONTEXTO E DILEMA

A Área B recebeu esse nome por ser escrito basicamente da mesma forma tanto em português, quanto em espanhol, com a pequena diferença de que em espanhol “area binacional” não tem acento agudo e porque o ecossistema compreende a “área binacional” formada por Santana do Livramento, situada no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e Rivera, sua cidade vizinha no Uruguai, formam uma região singularmente integrada e são conhecidas como a “Fronteira da Paz”.

Com uma localização geográfica estratégica, que pode ser vista na Imagem 01 que apresenta o mapa, na sequência, inclui uma extensa fronteira internacional que se estende por aproximadamente 1000 km ligando o sul do Brasil ao norte do Uruguai. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, Santana do Livramento possui uma população de cerca de 84.070 habitantes, enquanto Rivera tem aproximadamente 103.493 habitantes, tornando essa região binacional uma área de significativa densidade populacional. A economia da região é impulsionada por setores como agricultura, comércio e serviços, e sua cooperação comercial desempenha um papel fundamental na dinâmica econômica da fronteira.

Imagem 1 – Mapa mostrando a localização geográfica do ecossistema.



Fonte: Ecossistema Área B Disponível em: <<https://bit.ly/36oBwK8>>, 2023.

Com a economia baseada em setores tradicionais, fazer da inovação um tema compreensível para a população era um grande desafio. A Área B, formalizada desde 2021, não contava com líderes do setor tradicional em sua governança e permanecia relativamente desconhecida pelo público em geral.

Para compreender melhor o contexto cabe salientar alguns pontos-chave na história do ecossistema. Até 2017 era um ecossistema sem articulação, ou seja, iniciativas isoladas e atores desarticulados trabalhando de forma isolada e por isso havia iniciativas duplicadas e a informação não chegava a tempo de envolver mais atores e potencializar os resultados.

Em 2018, houve uma aproximação inicial entre os primeiros atores - Universidades iniciam a trabalhar conjuntamente. UTEC, IDR e UTU criam o espaço Cowork Rivera.

Outros atores realizam outros projetos de forma pouco articulada tanto em Rivera quanto em Santana do Livramento.

O ano de 2019 marcou o acesso ao recurso que possibilitou o mapeamento do ecossistema. Um recurso da Agencia Nacional de Desarrollo (ANDE) permitiu que fosse realizado o estudo do ecossistema binacional. UTEC, IDR e ARKANO foram convocados para a convocatória dos Bens Públicos Regionais da ANDE e conquistaram recursos para o projeto de mapeamento e ativação de um ecossistema binacional.

Já no período da pandemia, em 2020, foi aplicada a metodologia do Grupo ESTAÇÃO VIA, da Universidade de Santa Catarina (UFSC) para ativação de ecossistemas. A ativação do ecossistema começou a partir da articulação dos atores mapeados. Com base na metodologia de ativação ecossistêmica do grupo VIA, os atores dos dois lados da fronteira foram mapeados e convidados a cooperar na criação de um diagnóstico ecossistêmico.

A formalização ocorreu em 2021, quando a ativação do ecossistema binacional Área B foi oficializada. No dia 30 de julho foi assinado o Pacto Binacional pela Inovação. Com o diagnóstico em mãos, os atores se organizaram em três linhas de trabalho: Governança, Informação e Talentos. O Pacto pela Inovação, que foi assinado pelos stakeholders de ambas as cidades, representantes das quatro hélices: conhecimento, governo, sociedade e empresas, simboliza o compromisso dos atores em cooperar para consolidar a cultura de inovação e empreendedorismo na fronteira.

A Área B encarava desafios importantes em relação à maturidade de seu ecossistema de inovação. Dentre os problemas identificados estavam a falta de conscientização sobre a existência de um ecossistema de inovação na região, recursos limitados para o desenvolvimento de ações que fortaleceriam o ecossistema e a

ausência de liderança e coesão entre os atores locais. Os problemas de comunicação permeavam tanto o âmbito interno quanto o externo. Internamente, a comunicação entre os membros da governança era insuficiente, resultando na falta de apoio mútuo e em esforços isolados, que muitas vezes passavam despercebidos ou eram reconhecidos pelo grupo somente após a realização. Externamente, havia dificuldades no diálogo com a população local, pois o tema de inovação e tecnologia parecia distante da realidade dos habitantes, limitando o reconhecimento e a celebração das ações do ecossistema apenas dentro desse grupo.

A avaliação inicial do ecossistema Área B revelou uma série de desafios que estavam impedindo o ecossistema de alcançar seu pleno potencial. Entre esses desafios, a comunicação emergiu como um obstáculo significativo. A falta de uma estratégia de comunicação clara e eficaz estava criando barreiras à colaboração, dificultando o alinhamento entre os atores do ecossistema e limitando a capacidade do ecossistema de se adaptar e responder às mudanças.

A comunicação eficaz é a espinha dorsal de qualquer ecossistema de inovação. Ela permite que os atores compartilhem ideias, colaborem em projetos e se alinhem em torno de objetivos comuns. No entanto, no ecossistema binacional da Área B, a comunicação havia sido identificada como um desafio persistente. Diferenças linguísticas, culturais e regulatórias entre os dois lados da fronteira estavam dificultando a comunicação eficaz e, por consequência, a colaboração.

Além disso, a falta de uma estratégia de comunicação clara e estruturada havia levado a mal-entendidos e a uma falta de alinhamento entre os atores do ecossistema. Isso estava impactando a capacidade do ecossistema de realizar sua prerrogativa de se tornar um hub de inovação binacional.

O desafio principal era a falta de conhecimento e percepção sobre a existência de um ecossistema de inovação na região. Além

disso, havia uma carência de lideranças efetivas e uma ausência de planejamento estratégico para ações que fortalecessem a região e atraíssem mais atores para o ecossistema. Esses desafios representavam obstáculos importantes para o desenvolvimento do pensamento empreendedor, fortalecimento e renovação da governança. Tornou-se imperativo, portanto, aprimorar estrategicamente a comunicação do ecossistema binacional de inovação, Área B.

Este dilema de comunicação apresenta uma questão crucial: como a Área B pode superar esses desafios de comunicação para se tornar um ecossistema de inovação reconhecido em âmbitos local, regional e nacional? Neste contexto, o programa Agentes Locais de Inovação (ALI) passa a contribuir com o objetivo de melhorar a comunicação e a colaboração dentro do ecossistema.

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

Diante desse dilema, a Agente Local de Ecossistemas (ALI) foi encarregada de desenvolver e implementar estratégias para melhorar a comunicação dentro do ecossistema. O objetivo era não apenas superar as barreiras linguísticas, culturais e regulatórias existentes, mas também criar um ambiente onde a comunicação aberta e eficaz pudesse prosperar.

As estratégias de atuação da ALI incluíam a criação de canais de comunicação claros e eficazes, a promoção de uma cultura de comunicação aberta e transparente, e a facilitação do diálogo e da colaboração entre os atores do ecossistema. Além disso, a ALI também se propôs a trabalhar de perto com os atores do ecossistema para ajudá-los a entender e navegar pelas complexidades da comunicação em um ambiente binacional.

Os resultados esperados dessas estratégias eram duplos. Em primeiro lugar, esperava-se que a melhoria da comunicação levasse a um maior alinhamento e colaboração entre os atores do

ecossistema, permitindo ao ecossistema operar de forma mais eficaz e eficiente, ampliando o orgulho de pertencer ao ecossistema. Em segundo lugar, esperava-se que a melhoria da comunicação ajudasse a aumentar a visibilidade do ecossistema, gerando reconhecimento e atraindo novos entrantes para atuar na Área B.

Para enfrentar esse dilema, a ALI Ecosistemas elaborou um plano estratégico abrangente ao estabelecer seu plano de trabalho, no próximo tópico vamos abordar as ações empregadas para alcançar a solução do dilema.

As ações foram planejadas com base em um diagnóstico detalhado do ecossistema e em uma compreensão clara dos desafios de comunicação enfrentados. Uma estratégia de longo prazo foi desenvolvida para abordar esses desafios de maneira abrangente e sistemática, com foco em melhorar a comunicação e a colaboração entre os atores do ecossistema. As decisões foram tomadas em colaboração com os atores do ecossistema, em um constante processo de co-criação, garantindo que as ações planejadas sejam atendidas com as necessidades e objetivos do ecossistema. Validando cada decisão e fazendo com que todos se sentissem protagonistas. A ALI Ecosistemas desempenhou um papel central na facilitação deste processo de tomada de decisão por meio da escuta ativa, da comunicação não-violenta, da gestão de conflitos, do apoio nas iniciativas lideradas pelos mais diferentes membros do ecossistema e pelo suporte para que cada um se tornasse um embaixador do ecossistema.

A implementação das medidas foi realizada de maneira faseada, sendo cada ação cuidadosamente monitorada para avaliar seu impacto e eficácia. Isso permitiu ajustes e refinamentos contínuos, garantindo que as ações fossem adequadas na resolução do dilema. A governança compreendeu que uma estratégia de comunicação robusta e bem personalizada é fundamental para superar os desafios de comunicação.

Para resolver o dilema que a governança do ecossistema enfrentava, recorreu-se à estratégia de comunicação de longo prazo que foi desenvolvida pensada para os próximos cinco anos. Esta estratégia, que incluía a realização de eventos acadêmicos, a promoção da diversidade local, o desenvolvimento conjunto com organismos públicos, a utilização de efemérides, a colaboração com influenciadores locais, a comunicação eficaz das atividades da Área-B e a adesão a um protocolo de difusão, foi a chave para superar os desafios que enfrentávamos.

Para realização deste plano estratégico foi feita uma reunião inicial com membros-chave no início de abril de 2023, na Universidad Tecnológica del Uruguay (UTEC), em Rivera. Nesta reunião foram desenhados os pontos fundamentais para a construção do Plano Estratégico de Comunicação 360° da Área B. Um guia, de 44 páginas, para nortear decisões para os próximos 5 anos, como se fosse um plano de governo desta gestão dos fundadores do ecossistema binacional.

O objetivo do plano estratégico de comunicação é aplicar uma melhoria contínua na imagem da marca Área B, aumentando sua presença nas redes sociais. Propõe-se apresentar cada uma das propostas de maneira clara e amigável, facilitando o entendimento e a adesão do público. Além disso, busca-se integrar todas as atividades e iniciativas de inovação da fronteira, criando um ecossistema cooperativo e dinâmico. Acredita-se que, ao atingir esses objetivos, será possível fortalecer a marca e ampliar o impacto na região.

Além deste plano estratégico cujo foco principal é a comunicação externa, a ALI implementou novas rotinas para fortalecer a comunicação interna. Uma visão geral dos principais esforços empreendidos pode ser vista na lista que detalha as sete Ações Principais Tomadas para a Resolução do Dilema.

Ação 1: Identidade visual do ecossistema

Conforme estabelecido no plano estratégico, ficou acordado utilizar as cores do ecossistema para comunicar e destacar eventos e realizações importantes de organizações que integram o ecossistema, mantendo a identidade visual da Área B. Isso ajudou a aumentar a visibilidade do ecossistema, que apoia seus parceiros ao mesmo tempo que fortalece sua própria marca. Isso reforça o sentimento de que todos fazem parte, ou como a governança costuma dizer “Somos Área B” e ajudou a promover um maior envolvimento dos atores do ecossistema.

Na Imagem 2 um exemplo do uso de uma moldura que caracteriza a identidade visual do ecossistema usada para divulgar evento de membro da Área B, garantindo o apoio fortalecido pela marca.).

Imagem 2 – Exemplo de material com a identidade visual do ecossistema.



Fonte: plano estratégico de comunicação Área B.

Ação 2: Promoção da Diversidade Local

Foi um destaque do plano estratégico de comunicação realizado com grande êxito. A diversidade local foi promovida através de várias iniciativas, incluindo a realização de eventos e atividades que destacaram a rica diversidade cultural e social da região. Isso ajudou a criar um ambiente mais inclusivo e diversificado no ecossistema. A realização de eventos de alto impacto, como conferências, workshops e competições de inovação, ajudam a atrair a atenção da mídia e do público, aumentando a visibilidade da Área B. Esses eventos também podem servir como plataformas para a apresentação de inovações e realizações do ecossistema. Alguns dos eventos de destaque foram: os "Desayuno con innovación", "Boteco empreendedor", "Desafio Fronteira inteligente" e a 2ª edição da "Semana Binacional de Inovação".

Ação 3: Participação em missões e eventos de outros ecossistemas

A participação do Ecossistema Binacional de Inovação, Área B, em missões e eventos de outros ecossistemas teve um impacto significativo em 2023, proporcionando uma perspectiva global sobre inovação e fortalecimento do ecossistema. A experiência desenvolvida em novos conhecimentos e conexões que são fundamentais para o desenvolvimento contínuo do ecossistema na Fronteira da Paz, além de estimular a busca por mais eventos e colaborações internacionais.. Em maio, a Área B marcou presença no Eli Summit, realizado em Santa Cruz do Sul. Este evento, organizado pelo Sebrae, reuniu ecossistemas de inovação de todo o Rio Grande do Sul, com destaque para a participação da Área B, que teve a marca

profundamente trabalhada na palestra da Agente Local de Inovação do Sebrae, que utilizou uma abordagem inovadora de cocriação com a plateia. Como resultado, todos os presentes saíram do evento com a clareza de que “Área B é um ecossistema binacional de inovação”.

Em agosto, a Área B participou do renomado evento Startup Summit 2023 e foi selecionada como semifinalista na categoria de Ecossistemas de Inovação no prestigioso Prêmio Nacional de Inovação, reforçando a sua posição como um centro de inovação exemplar, cujo impacto transcende fronteiras e inspira comunidades locais e regionais. Em outubro, a Área B esteve representada no ELI Summit nacional, em Recife, por meio de sua governança. A participação no evento não só abordou desafios preexistentes, mas também permitiu que uma representante da Área B apresentasse o ecossistema no palco, neste evento de alcance internacional, gerando orgulho e permitindo um envolvimento ativo com outras comunidades de inovação. O Eli Summit de 2023 provou ser um evento transformador para a Área B, destacando a importância da colaboração global e do aprendizado para o crescimento dos ecossistemas locais de inovação.

Ação 4: Atualização constante do site

O site da Área B tem sido continuamente atualizado e aperfeiçoado para atender de forma mais eficaz às necessidades do ecossistema. Novas funcionalidades foram adicionadas, como a seção "Talentos", que centraliza todas as ofertas de ensino superior de ambos os lados da fronteira em um único local. Isso não apenas facilita o acesso a informações cruciais, mas também promove a educação e o desenvolvimento de talentos dentro do ecossistema. Além disso, foi estabelecido um registro da Semana Binacional de Inovação no site. Isso serve não apenas como um registro de conquistas, mas também como uma fonte de inspiração para futuras iniciativas de inovação. A seção do blog, que pode ser visto na Imagem 3, é atualizada regularmente com postagens escritas pela

ALI e outros membros do ecossistema, tanto em português quanto em espanhol.

Imagem 3 – Blog do site do ecossistema.



Fonte: Site da Área B.

Ação 5: Memória das reuniões e comunicações nos grupos do whatsapp

A ALI assumiu a responsabilidade de documentar as reuniões do ecossistema, organizando-as por tema. Assim, aqueles que não puderam comparecer a uma ou mais reuniões tiveram acesso a um documento detalhado, contendo fotos dos participantes, pautas e encaminhamentos, com prazos e responsáveis claramente definidos. Durante cada reunião, a ALI apresenta o documento, permitindo uma revisão eficiente das

tarefas pendentes, o registro de progressos e a manutenção da produtividade e objetividade da reunião. Todos os membros do grupo de trabalho tinham acesso ao documento, permitindo-lhes contribuir, opinar ou se atualizar sobre os desenvolvimentos e participar de futuras reuniões com conhecimento dos avanços no projeto ou atividade. Para facilitar o acesso a estes dados foi criada uma página no Notion, que se tornou um repositório de modelos, mapeamentos, memórias de reunião e facilitaram a gestão dos dados do ecossistema.

Além disso, os eventos realizados por membros do ecossistema foram divulgados em uma agenda semanal compartilhada pela ALI no grupo geral da governança no Whatsapp. Isso valorizou os promotores de eventos locais e promoveu o apoio mútuo para destacar o ecossistema e suas atividades, aumentando a visibilidade do ecossistema e atraindo novos participantes.

Ação 6: Comunicação Eficaz das Atividades da Área-B e Colaboração com a imprensa local

Uma estratégia de comunicação eficiente foi renovada para garantir que as atividades da Área B fossem divulgadas de maneira clara e oportuna. Isso não só aprimorou a comunicação dentro do ecossistema, mas também incentivou um maior engajamento dos atores envolvidos. Para fortalecer a presença e visibilidade do ecossistema, foram aplicadas várias ações estratégicas. Uma delas foi a inclusão do logotipo do ecossistema em eventos organizados pelos membros da Área B, como é possível observar na figura 02, o que aumentou a visibilidade do ecossistema e fortaleceu o sentimento de pertencimento e unidade entre os membros. As atividades do ecossistema foram divulgadas de forma contínua no site da Área B e na mídia local. Essas atividades foram compartilhadas com o grande grupo de governança via WhatsApp, incentivando os membros a divulgar notícias em suas redes sociais e a marcar a Área B. Isso ampliou o escopo de nossas atividades e

envolve um público mais amplo. Os detalhes desta chamada à ação serão explorados no próximo tópico.

Ação 7: Adesão a um Protocolo de Difusão

A Área B é composta por líderes e representantes de diversas organizações do âmbito privado, público e social, o que confere grande relevância ao impacto das comunicações orgânicas geradas pelos membros deste grupo. Propõe-se, então, alcançar um acordo comum de comunicação entre os participantes, criando uma rede de estados no WhatsApp e redes sociais que potencializam o alcance das atividades realizadas pelas diferentes partes envolvidas no grupo.

Foi adotado um protocolo de difusão para garantir que as informações e eventos fossem comunicados de maneira eficaz e oportuna. Isso ajudou a melhorar a comunicação dentro do ecossistema e a promover um maior engajamento dos atores do ecossistema. A ALI chamou isso de "Esforço de divulgação conjunta", ao divulgar um material de interesse para o ecossistema, a agente solicitava que os participantes do grande grupo da governança replicassem o material, desta forma o alcance era ampliado e amplificado, já que pelas redes de contatos pessoas que não são do ecossistema se deparavam com o material diversas vezes e isso reforçava a informação. Um grande exemplo disto foi a divulgação da narrativa do ecossistema e do aniversário de 200 anos de Santana do Livramento e 2 anos do pacto pela inovação. O engajamento foi alto e todos relataram que essa publicação gerou grande reconhecimento.

Cada uma dessas ações desempenhou um papel crucial na resolução do dilema de comunicação enfrentado, contribuindo para a criação de um ecossistema de inovação mais forte e mais resiliente. Ao implementar esta estratégia, foi possível melhorar a comunicação e a colaboração entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera,

promovendo a inovação e o desenvolvimento, e criando um ambiente mais inclusivo e diversificado. Além disso, ao seguir o protocolo de difusão, garantindo que as informações e eventos fossem comunicados de forma eficaz e oportuna.

Os resultados tangíveis das ações implementadas refletiram-se em melhorias significativas na comunicação e colaboração dentro do ecossistema, aumento da visibilidade do ecossistema em níveis local, regional e nacional, e maior engajamento dos participantes do ecossistema. Os indicadores numéricos destacam-se da seguinte forma: o número de matérias no blog do site da Área B dobrou, com 20 matérias publicadas em 2023.

A rede social, que estava inativa, viu um aumento de seguidores de 689 em janeiro de 2023 para 1014 em novembro de 2023, um crescimento totalmente orgânico, com 45 postagens no feed ao longo do ano. A cobertura da imprensa impressa incluiu 10 matérias, cobrindo 100% dos principais eventos do ecossistema ao longo do ano. O grupo principal da governança no Whatsapp também dobrou em tamanho, passando de 80 membros em janeiro de 2023 para 160 membros em janeiro de 2024, indicando um claro aumento na participação na governança.

Apesar da redução no número de eventos da Semana Binacional de Inovação (de 40 atividades na primeira edição para 5 na segunda), o público presencial manteve-se estável em 1000 participantes. Além disso, a implementação da estratégia de comunicação de longo prazo estabeleceu uma base sólida para o futuro, posicionando o ecossistema de forma robusta para enfrentar desafios futuros.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

A participação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) na solução do dilema enfrentado pelo

Ecosistema Binacional de Inovação, Área B, tem sido de extrema importância. Como uma instituição que tem como missão promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos pequenos negócios no Brasil, o Sebrae tem fornecido orientação estratégica, recursos financeiros e acesso à sua ampla rede de contatos para apoiar o desenvolvimento do ecossistema. A colaboração ativa entre a Área B e o Sebrae para viabilizar a participação dos membros da governança em missões para eventos como o Eli Summit foi um marco crucial para o sucesso da iniciativa. Além disso, o Sebrae tem trabalhado em colaboração estreita com parceiros locais, como universidades e órgãos governamentais, que desempenham um papel vital na implementação das ações.

O Sebrae também tem desempenhado um papel fundamental na entrega da narrativa do ecossistema. Para comemorar os 200 anos de história de Santana do Livramento e os dois anos de assinatura do pacto binacional pela inovação que deu origem à Área B, o Sebrae presenteou a cidade com um e-book que mergulhou na rica história do município e na formação do ecossistema binacional de inovação. O e-book, que destaca os marcos históricos e culturais de Santana do Livramento e a evolução da Área B, é uma homenagem ao passado glorioso da cidade e uma reflexão sobre o futuro promissor que a Área B oferece para a cidade e a região.

Em suma, a participação do Sebrae na solução do dilema da Área B tem sido multifacetada e impactante. Através de sua orientação estratégica, de recursos financeiros, de acesso à rede de contatos e entrega da narrativa do ecossistema, o Sebrae tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento e aumento da maturidade do ecossistema binacional de inovação. A organização reafirma o seu compromisso com o desenvolvimento local, incentivando a inovação e o empreendedorismo como pilares fundamentais para o crescimento sustentável.

Além do Sebrae, deve-se destacar a liderança fundamental do empresário uruguaio Ale Salmantón e a equipe de sua empresa de marketing, a Frame, no desenvolvimento da estratégia de comunicação de forma totalmente voluntária e na construção de peças de design sempre que o ecossistema demandou. Com o apoio e revisão da ALI, o empresário uruguaio supracitado liderou também a organização do calendário de atividades de organizações pertencentes ao ecossistema, que pode ser visto na Imagem 4.

Imagem 3 – Blog do site do ecossistema.



Fonte: Plano estratégico de comunicação 360º da Área B.

O engajamento ativo dos membros da governança de todas as quatro hélices do ecossistema, que trouxeram as datas mais importantes para suas organizações, foi fundamental para a transição bem-sucedida da estratégia de um plano para uma ação concreta. No lado uruguaio, a UTEC, já mencionada neste documento, ofereceu suporte constante de várias formas. Isso incluiu o apoio de sua equipe, assistência financeira para a hospedagem do site e acesso a ferramentas pagas para melhorar as

entregas de comunicação do ecossistema. No lado brasileiro, o Jornal Correio do Pampa demonstrou uma abertura notável às demandas do ecossistema. A jornalista Patrícia Cossio proporcionou ampla cobertura impressa e realizou lives noticiando as principais atividades da Área B.

Durante o ano de 2023, o Grupo de Trabalho (GT) de comunicação passou por uma reestruturação e reativação significativas. Foi realizada uma revisão completa dos membros, avaliando a disponibilidade contínua dos participantes existentes e introduzindo novos voluntários, ao mesmo tempo em que se mantiveram alguns membros que faziam parte do grupo desde a sua formação em 2021.

O GT de comunicação evoluiu para um papel de curador de conteúdo, assumindo responsabilidades de aprovação e sugestão de melhorias de conteúdo. Além de produzir peças de design, os membros do grupo também contribuem para a edição do site da Área B, arebinacional.com, mantendo as redes sociais do ecossistema atualizadas com publicações e repostando conteúdos nos quais a Área B é mencionada.

Todas as decisões são tomadas em consenso pelos membros do grupo, e todos os materiais são cocriados e aprovados conjuntamente. Trabalhar em um ecossistema exige mais tempo para tomada de decisões, mas, assim como a responsabilidade é compartilhada, o crédito também é coletivo.

Assim, após esta reflexão sobre as contribuições valiosas dos parceiros, cujo apoio se mostrou fundamental para o progresso e os resultados alcançados, a seção seguinte proporcionará uma revisão abrangente do que foi detalhado neste estudo de caso até o momento, destacando os pontos principais e os aprendizados. Em seguida, as principais descobertas e lições aprendidas serão sintetizadas, proporcionando uma visão clara e concisa do impacto e das implicações deste estudo de caso.

5 CONCLUSÃO

Este estudo de caso oferece uma visão aprofundada da transformação ocorrida na área de comunicação no ecossistema binacional de inovação da Área B, fruto das ações do Projeto Agente Local de Inovação Ecossistemas, uma iniciativa do Sebrae/RS. O caso tem como objetivo ilustrar as mudanças tangíveis e positivas no ecossistema por meio de uma estratégia específica de atuação planejada no Plano de Trabalho e aplicada ao longo dos 18 meses de atuação da bolsista.

O ecossistema Área B enfrentou inicialmente desafios significativos na comunicação eficaz entre seus membros. A falta de informações claras e atualizadas, juntamente com a falta de um canal de comunicação eficaz, criou um ambiente de incerteza e confusão. Isso levou a um baixo engajamento dos membros e a uma falta de alinhamento em torno dos objetivos e iniciativas do ecossistema.

O dilema central era como melhorar a comunicação dentro do ecossistema sem sobrecarregar os membros com informações excessivas ou irrelevantes. Além disso, era necessário encontrar uma maneira de resolver conflitos de maneira eficaz e transparente, para evitar mal-entendidos e promover a colaboração.

Várias soluções foram implementadas para resolver esses desafios. Isso incluiu a divulgação proativa de notícias e informações relevantes através de vários canais, a criação de um ambiente de transparência e abertura, e a resolução eficaz de conflitos. Além disso, foram feitos esforços para garantir que todas as informações fossem apresentadas de forma clara e amigável, tornando-as acessíveis a todos os membros do ecossistema.

A solução para este dilema, conforme indicado no plano de trabalho da ALI desde o primeiro momento, envolveu o desenvolvimento e fortalecimento de estratégias de comunicação que visam divulgar e propagar as ações realizadas em relação ao ecossistema de inovação. Isso incluiu a criação de conteúdo para

redes sociais, a organização de um armazenamento em nuvem com documentos do ecossistema, e a criação e divulgação de um calendário de eventos e atividades compartilhadas entre os atores do ecossistema. Todas estas atividades estão alinhadas por um plano estratégico de comunicação.

Como resultado dessas soluções, houve um aumento significativo no engajamento dos membros e na colaboração dentro do ecossistema. Os membros agora têm uma compreensão mais clara das atividades e objetivos do ecossistema, e estão mais dispostos a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, a confiança dentro do ecossistema foi fortalecida, criando um ambiente mais unido e colaborativo. A Área B foi reconhecida pelo protagonismo do ecossistema em eventos nacionais e na condição de ecossistema semifinalista do Prêmio Nacional de Inovação. A Fronteira da Paz teve sua história valorizada com uma narrativa sobre o ecossistema, entregue pelo Sebrae, marcando os 200 anos de Santana do Livramento e os 2 anos do Pacto pela Inovação em 30 de julho de 2023.

Em conclusão, as mudanças implementadas na comunicação no ecossistema Área B tiveram um impacto profundo e positivo. Elas demonstraram o poder de uma comunicação eficaz para unir um ecossistema, promover a colaboração e impulsionar o progresso em direção a objetivos comuns. Com estas melhorias na comunicação, o ecossistema Área B está agora mais bem equipado para enfrentar desafios futuros e aproveitar oportunidades, criando um futuro promissor para todos os seus membros.

REFERÊNCIAS

Área B. **Site da Área Binacional**. Disponível em: <https://areabinacional.com/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

Área B. **Mapa identificando a Fronteira da Paz**. Data de publicação 2021. Disponível em: <https://bit.ly/36oBwK8>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

Área B. **Plano Estratégico de Comunicação 360°**. Rivera, 2023.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: 16 jan. 2024.

INE (Uruguai). **Evolución de la población uruguaya por sexo y edad, según zona geográfica**. Montevideo, 2020. Disponível em: <https://www.gub.uy/instituto-nacional-estadistica/>. Acesso em: 16 jan. 2024.

ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER AÇÕES EM CONJUNTO: Um Estudo de Caso do Grande Pacto da Inovação Rio Grande/RS

Cláudia Rodrigues Maia⁵

Samuel Vinícius Bonato⁶

1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo da oficialização do Ecossistema de Inovação, a cidade estratégica de Rio Grande, localizada no extremo sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, já se destacava como um polo com vasto potencial para o avanço tecnológico e a cooperação voltada ao desenvolvimento econômico e social. Esse cenário propiciou o florescimento de uma cultura robusta de inovação, onde diversos atores desempenharam papéis cruciais nesse trajeto pioneiro. Ao longo do tempo, diferentes iniciativas e protagonistas emergiram, amalgamando-se na região até que se tornasse evidente que Rio Grande abriga um potencial expressivo para estabelecer e consolidar seu próprio ecossistema de inovação.

⁵ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Rio Grande /Rio Grande do Sul

⁶ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Rio Grande do Sul.

Em 2020, a cidade foi incluída no programa INOVA RS, proposto pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, marcando o início do mapeamento do ecossistema local. A análise, realizada entre junho e setembro de 2020, abrangeu diversas esferas, desde talentos e conhecimentos até infraestrutura e legislação, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico, social, cultural, inovador e sustentável.

Atualmente, Rio Grande ostenta o título de Capital Nacional das Águas, sendo reconhecido não apenas por suas belezas naturais e rica cultura, mas também por suas atividades econômicas sustentáveis relacionadas aos recursos hídricos. A região sul do estado destaca-se pela abundância de recursos naturais, incluindo extensos mananciais de água doce, ampla costa marítima e singular bioma Pampa. Estrategicamente localizada para relações comerciais com países do Mercosul, a cidade tem forte presença no agronegócio, pesca e serviços, oferecendo um panorama industrial diversificado. Além disso, é um polo acadêmico de excelência, abrigando universidades federais, institutos de pesquisa e centros de ensino renomados.

Em 2022, o SEBRAE realizou um levantamento do Ecossistema de Inovação de Rio Grande por meio do programa Cidade Inovadora, marcando um esforço significativo para mapear e consolidar as forças inovadoras da região. Reconhecendo a importância da integração e do papel fundamental de diversos atores, o SEBRAE engajou empresários, universidades, a prefeitura e outros órgãos locais para reunir e fortalecer o ecossistema em evolução na cidade. O programa tinha como objetivo fomentar a inovação nas cidades, modificando a cultura local e promovendo a integração dos diversos atores do ecossistema em prol do desenvolvimento regional.

No primeiro módulo do programa, durante a fase de mapeamento do ecossistema, o grupo VIA Estação Conhecimento identificou os atores presentes em cada território e realizou uma

escuta ativa para elaboração de um diagnóstico sobre os principais desafios de cada ecossistema. Na fase de reconhecimento, foram identificados 33 atores divididos nas seguintes hélices: 08 atores de conhecimento; 03 atores públicos; 05 atores da hélice institucional; 04 atores de habitats de inovação; 11 atores empresariais e 03 atores de fomento. Além disso, alguns atores da sociedade civil foram identificados. Um workshop de diagnóstico sobre o ecossistema do Rio Grande reuniu 55 atores de diferentes hélices, possibilitando a troca de experiências e a descrição das percepções quanto às práticas e necessidades do ecossistema local. No workshop, realizado de forma virtual com mediação do Grupo VIA, os atores foram divididos em dois grupos e relataram suas percepções conforme as sete funções do ecossistema de inovação: governança, visibilidade, informação, talentos, inovação, fomento e sociedade.

Imagem 1 – Workshop de identificação dos desafios do ecossistema de inovação do Rio Grande – RS.



Fonte: Via Conhecimento, 2022.

A partir das informações coletadas em entrevistas e no workshop, o ecossistema de inovação de Rio Grande foi classificado como "reativo", de acordo com as categorias de avaliação das subfunções do ecossistema de inovação (VIA Conhecimento, 2022), indicando que há iniciativas em alguns casos esporádicos, sendo mais reativo do que proativo.

Com o objetivo de ativar o ecossistema de inovação e construir uma cultura voltada para o empreendedorismo inovador, o segundo módulo do programa deu origem ao "Grande Pacto pela Inovação" na cidade do Rio Grande. Esse pacto foi concebido como um instrumento para promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável por meio da inovação, com a colaboração do poder público, iniciativa privada, universidades e sociedade civil organizada.

2 CONTEXTO E DILEMA

No final de 2022, o Grande Pacto pela Inovação emergiu como uma proposta decorrente do mapeamento realizado pelo Sebrae, delineando uma rota para fomentar o desenvolvimento socioeconômico sustentável. Essa avaliação evidenciou um crescente interesse de diversos atores, incluindo a universidade, o poder público, um conselho de ciência, tecnologia e inovação ativo, recursos disponíveis, uma legislação de inovação, a presença de grandes empresas e habitats de inovação que apoiam empreendedores, entre outros. Estes elementos sinalizaram a existência de mecanismos e componentes com potencial para transformar Rio Grande em um ecossistema de inovação vibrante.

O Grande Pacto da Inovação representa uma iniciativa de ação integrada e conjunta das quatro pás da hélice da inovação: poder público, academia, iniciativa privada e sociedade civil. O programa teve início com a preparação do governo e o mapeamento do ecossistema de inovação de Rio Grande. Conforme indicado pelo

mapeamento realizado pelo Cidade Inovadora em 2022, o ecossistema alcançou um estágio de maturidade avaliado em 18,8. Essa classificação, designada como "em desenvolvimento", define o ecossistema de inovação da cidade, apontando para amplas oportunidades de crescimento e evolução, com potencial a ser explorado.

Dessa forma, por meio da colaboração entre instituições, foram conduzidos diagnósticos e propostas de projetos capazes de transformar a realidade da cidade, impulsionando o desenvolvimento econômico, social e sustentável, com enfoque na inovação. Nesse contexto, a riqueza natural e o potencial turístico de Rio Grande tornaram-se elementos-chave para a construção de uma visão de futuro fundamentada na inovação e no desenvolvimento sustentável.

Como parte desse processo, uma marca foi criada para representar o Grande Pacto da Inovação, incorporando elementos da mandala da sustentabilidade e dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, conforme Figura 2. Essa marca enfatizava a preocupação da cidade de Rio Grande com o desenvolvimento sustentável, com especial destaque para a Economia Azul. Além disso, a cidade carrega o título de Capital Nacional das Águas, reforçando sua identidade histórica voltada para atividades aquáticas. Esses aspectos do contexto histórico e geográfico desempenharam um papel importante no desenvolvimento do Grande Pacto da Inovação, influenciando sua visão de futuro e objetivos.

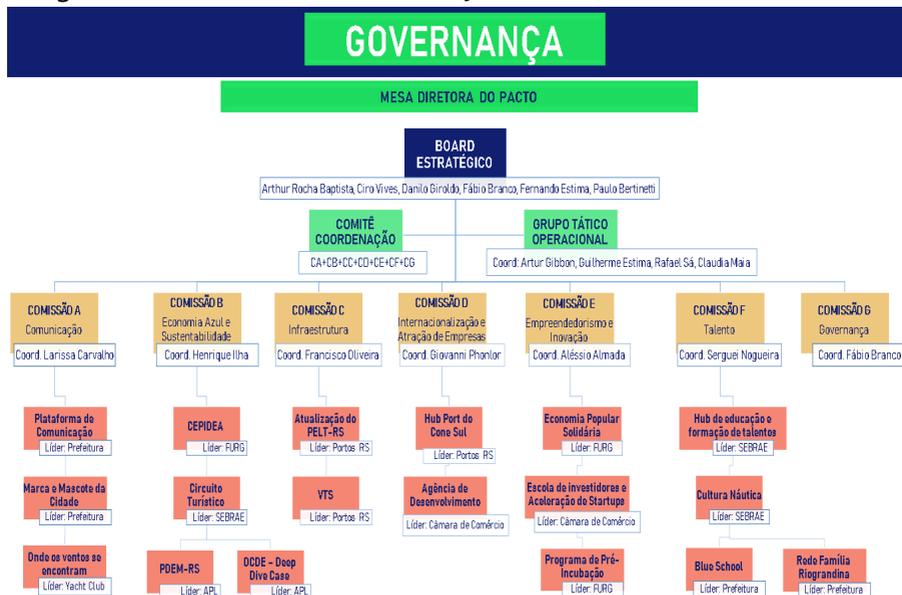
Imagem 2 – Marca do Ecossistema de Inovação de Rio Grande - Grande Pacto.



Fonte: <https://grandepacto.com.br>.

Um importante marco no desenvolvimento do Pacto foi a realização de um workshop em 19 de dezembro de 2022, que reuniu líderes do poder público, academia, setor empresarial e sociedade civil. Nesse evento, foi definida uma estrutura da Governança, conforme Figura 3. A governança estabelecida compreende a Mesa Diretora do Grande Pacto, representada por mais de 70 instituições, sendo a instância máxima que delibera sobre os projetos. Logo abaixo, estão board estratégico, comitê de coordenação e grupo tático operacional, que, reunidos, traçaram o manifesto, identificaram pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças, e definiram a visão de futuro para a cidade.

Imagem 3 – Estrutura de Governança do Pacto.



Fonte: <https://grandepacto.com.br/index.php/governanca>.

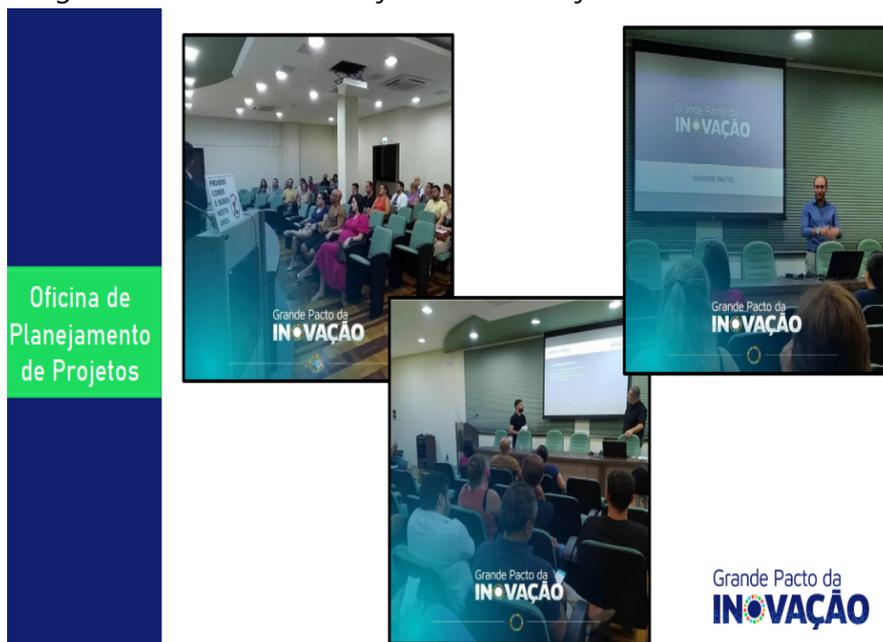
A visão de futuro estabelecida foi ambiciosa: transformar Rio Grande em uma referência internacional na economia Azul. Contudo, essa visão só poderia ser realizada por meio de um esforço conjunto, com todos os membros da comunidade e os órgãos envolvidos trabalhando de forma alinhada e colaborativa, compartilhando um objetivo comum. Para orientar esse esforço, foram delineados sete macrodesafios, abrangendo áreas como governança, talento, empreendedorismo, comunicação, internacionalização, infraestrutura e estratégia para a economia Azul e sustentabilidade.

No período de janeiro a março de 2023, a comunidade teve a oportunidade de submeter projetos para cada Macrodesafio do Grande Pacto da Inovação. Para auxiliar nesse processo, uma Oficina de Planejamento de Projetos foi realizada em 9 de fevereiro de 2023 (Figura 4). Posteriormente, ocorreram os Workshops de Cocriação de

Projetos (Figura 5), que reuniram dezenas de participantes de diversas instituições em encontros temáticos divididos por Macrodesafio, com o objetivo de gerar ideias para projetos a serem desenvolvidos (Grande Pacto, 2023).

A partir desses eventos, mais 17 projetos foram selecionados. Após a submissão e seleção dos projetos, o Board Estratégico avaliou as propostas em 28 de março, com a participação do consultor Josep Piqué, para posterior apreciação pela Mesa Diretora. Finalmente, em 17 de abril, durante a Reunião da Mesa Diretora, que contou com a participação de representantes de mais de 70 instituições, foram escolhidos os 18 projetos que serão desenvolvidos no âmbito do Grande Pacto da Inovação (Grande Pacto, 2023).

Imagem 4 – Oficina de Planejamento de Projetos.



Fonte: Grande Pacto da Inovação.

Imagem 5 – Workshops de Cocriação de Projetos.



Fonte: Grande Pacto da Inovação.

É imprescindível salientar que todas as fases foram conduzidas com o apoio dos consultores Paulo Renato Ardenghi Rizzardi e Josep Pique, seguindo um plano estruturado que compreendeu a preparação das esferas governamentais e das hélices, mapeamento e diagnóstico dos principais desafios, estabelecimento de governança, definição da visão de futuro, identificação dos macrodesafios, lançamento do pacto e realização de workshops para a co-criação de projetos. Contudo, é de extrema importância destacar que a Etapa 5, que envolveria a transferência de tecnologia e a preparação de novos ciclos de projetos, incluindo o planejamento dos kickoffs individuais, a estruturação dos mapas de rota, a modelagem de squads, a gestão e execução dos projetos, as reuniões de acompanhamento com o Board Estratégico, a organização da próxima reunião da Mesa do Pacto dentro de 6

meses, e a elaboração do plano de comunicação, não foram executadas conforme o planejado.

O acompanhamento do dinamismo do ecossistema de inovação de Rio Grande torna-se visível por meio da Figura 6, a qual apresenta a linha do tempo das atividades desde o início do Programa Cidade Inovadora em 2022 até os avanços registrados no âmbito do Programa Grande Pacto da Inovação no município, incluindo a chegada do ALI Ecossistemas no Programa.

Imagem 6 – Linha do Tempo do Grande Pacto da Inovação.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base na evolução temporal do Ecossistema de Inovação de Rio Grande e do Programa Grande Pacto, é possível identificar uma interrupção crucial em maio de 2023, quando o contrato com a consultoria externa terminou, inviabilizando sua renovação devido à escassez de recursos para novas contratações. Essa abrupta interrupção deixou a equipe desprovida de uma liderança externa essencial para orientar o Programa. Neste momento crítico, um dilema substancial emerge, afetando tanto o ecossistema quanto o referido programa. A desmotivação se instala, permeando até

mesmo a liderança, principalmente em virtude da limitação de tempo para dedicar às próximas ações.

Diante desse cenário, surge o dilema central que norteará este estudo de caso: como desenvolver ações de inovação em conjunto diante da ausência do suporte de uma empresa de consultoria externa?

Nas seções seguintes deste estudo de caso, será apresentado como o Ecosistema de Rio Grande superou esse desafio, desenvolveu projetos de inovação sem depender de consultoria externa e garantiu o envolvimento da hélice quádrupla, composta por governo, academia, setor empresarial e sociedade civil.

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

Ação 1 - Integração do Agente de Inovação Local à Governança Tática

A superação do dilema enfrentado pelo Grande Pacto demandou algumas decisões estratégicas após dois meses de impasse. O impasse, caracterizado por uma relativa inatividade decisória, gerou a necessidade urgente de retomar o ímpeto do programa de inovação da cidade. Uma das soluções estratégicas adotadas pela governança foi incorporar a Agente de Inovação do projeto ALI Ecosistemas Sebrae/RS à equipe de governança do programa.

Essa medida não apenas visava preencher a lacuna deixada pela interrupção do contrato com a consultoria externa, mas também tinha o objetivo crucial de fortalecer o engajamento e a articulação entre os diversos atores do ecossistema. A presença do Agente Local de Inovação não apenas preencheu uma lacuna operacional, mas também se mostrou catalisadora para o progresso e a sustentabilidade das iniciativas dentro do ecossistema.

Sua colaboração ativa, aliada à sinergia com os coordenadores do programa, não apenas impulsionou a

continuidade das ações, mas também fortaleceu os alicerces para um ecossistema mais robusto e interconectado, capaz de gerar impactos positivos localmente. Essa integração harmoniosa entre estratégias de governança e atores do ecossistema não só permitiu superar o impasse inicial, mas também pavimentou o caminho para um desenvolvimento sustentável e colaborativo no âmbito da inovação.

Ação 2 – Reativação e Integração da Governança por meio de Kick offs de Projetos

A partir de julho de 2023, a coordenação do programa retomou suas reuniões semanais, adotando a estratégia de realizar kick offs dos projetos. Durante esse período, 12 projetos do Grande Pacto foram iniciados. A escolha da estratégia de rotatividade dos locais para os eventos de kick-off visava promover a integração entre os diferentes atores do ecossistema. O movimento de kick offs reativou os grupos de WhatsApp dos macrodesafios, fortalecendo a comunicação e colaboração entre os participantes (Figura 7).

Imagem 7 – Kick off de Projetos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa retomada dinâmica das atividades, aliada à colaboração previamente estabelecida, consolidou o impulso necessário para avançar nas metas do Programa Grande Pacto, reforçando a interconexão e a sinergia dentro do ecossistema. Adicionalmente, reuniões estratégicas foram realizadas com os coordenadores dos macrodesafios para explicar o papel destes e informar sobre a ausência da consultoria externa.

O grupo de coordenação também revitalizou as reuniões do board estratégico, estabelecendo encontros mensais para alinhar estratégias e direcionar os rumos do programa. Essa integração entre retomada operacional e alinhamento estratégico demonstrou ser crucial para a sustentabilidade e progresso contínuo do Grande

Pacto, fortalecendo o ecossistema de inovação em todos os seus aspectos.

Ação 3 – Elaboração e Manutenção do Calendário de Ações do Ecossistema de Inovação

Para valorizar as ações do ecossistema e destacar o impacto positivo no município de Rio Grande, o Agente de Ecossistemas desempenhou um papel crucial na elaboração e manutenção da planilha "Calendário de Ações e Eventos do Ecossistema de Inovação de Rio Grande 2023". Essa abordagem garantiu um registro das iniciativas, visando à posterior divulgação. Uma etapa significativa foi a organização dessas ações em um infográfico abrangente, proporcionando uma visão consolidada das atividades realizadas ao longo do ano (Figura 8).

Este infográfico não apenas detalhou as ações realizadas, mas também ofereceu uma perspectiva abrangente das estratégias de engajamento e parcerias que impulsionaram o progresso do ecossistema de inovação do município ao longo do ano. Ao apresentar esta visão holística, as iniciativas visam não apenas documentar, mas também comunicar efetivamente os esforços coletivos para fortalecer o ecossistema de inovação local.

O resultado dessas iniciativas foi uma maior visibilidade e reconhecimento dos atores envolvidos no ecossistema de inovação, gerando um impacto positivo ao final do ano. A divulgação transparente e abrangente das ações não só fortaleceu a confiança mútua entre os participantes, mas também solidificou a relevância e o sucesso do ecossistema de inovação de Rio Grande diante da comunidade.

A exposição do panorama global das ações realizadas ao longo do ano teve lugar na reunião da mesa diretora do Grande Pacto, proporcionando uma oportunidade valiosa para compartilhar os resultados e alinhar estratégias para o futuro. Essa transparência

e atualização dos projetos do Grande Pacto contribuíram para reforçar a coesão do ecossistema, consolidando-o como uma força dinâmica e colaborativa na promoção da inovação sustentável em Rio Grande.

Complementarmente, os coordenadores desenvolveram uma agenda no Google chamada "Inovação Rio Grande" para agendamento dos eventos e ações do ecossistema. Inicialmente, apenas os coordenadores têm acesso, mas a intenção é vincular a agenda ao site do Grande Pacto para tornar as informações acessíveis a um público mais amplo.

Imagem 8 – Infográfico com ações do ecossistema.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ação 4 - Estruturação da Diretoria da Comunidade OceanValley e Realização do Conexão OceanValley

A criação da comunidade de startups e empreendedorismo, OceanValley, representou uma solução crucial para intensificar o engajamento da comunidade e promover a visibilidade do programa de inovação Grande Pacto. Alinhando-se às iniciativas anteriores de desenvolvimento de ações em conjunto, a estruturação de uma diretoria específica para a comunidade OceanValley desencadeou o Happy Hour de Inovação "Conexão OceanValley" (Imagem 9).

Imagem 9 – Marca OceanValley e Conexão Oceanvalley.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este evento de conexão não apenas proporcionou um ambiente propício para a troca de ideias e experiências, mas também consolidou os laços entre os diversos atores do ecossistema. Ao fomentar a interação entre empreendedores, startups, poder público e demais participantes, essas iniciativas não só superaram o dilema inicial de inatividade decisória, mas também impulsionaram vigorosamente o programa de inovação do Grande Pacto.

Assim, a integração da comunidade OceanValley à estrutura do programa não só fortaleceu o ecossistema como um todo, mas também evidenciou a eficácia do trabalho colaborativo para desenvolvimento territorial. Essa abordagem coletiva não apenas

reforçou a resiliência do Grande Pacto, mas também consolidou sua posição como um motor dinâmico de inovação e progresso para o município de Rio Grande.

Ação 5 – Inclusão de Consultor do Sebrae como Gestor de Projetos

A adição de um consultor do Sebrae como Gestor de Projetos tem o propósito de fortalecer o Programa de Inovação no seu segundo ano. Essa medida não apenas visa apoiar a equipe de coordenadores no controle eficaz dos projetos, mas também direcionar as entregas de forma mais eficiente para a comunidade. O objetivo principal é reforçar a capacidade de execução do programa, garantindo resultados impactantes e benéficos para a comunidade, e solidificar o Grande Pacto como um agente promotor de progresso e inovação na região.

Em síntese, as estratégias de engajamento implementadas revelaram uma constatação crucial para os atores envolvidos: ao longo do ano, uma diversidade de ações conjuntas foram efetuadas, porém, muitas delas não estavam recebendo o reconhecimento devido por parte do ecossistema e de seus participantes. Essas ações, embora não estejam diretamente vinculadas ao programa Grande Pacto, desempenham um papel integral no ecossistema de inovação. Indiretamente, essas iniciativas exercem uma influência significativa na interação entre os diversos atores, catalisando a realização de projetos e ações conjuntas que contribuem para o avanço coletivo. Este entendimento mais amplo ressalta a importância não apenas de reconhecer, mas também de valorizar a diversidade de esforços colaborativos dentro do ecossistema, solidificando-o como um ambiente dinâmico e interconectado que potencializa inovações e avanços para o município de Rio Grande.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

A adesão da prefeitura municipal de Rio Grande ao programa Cidade Empreendedora, uma iniciativa do Sebrae RS, foi crucial para impulsionar a colaboração entre os diversos setores envolvidos, representados pela hélice quádrupla. Essa parceria, estabelecida no contexto do programa Grande Pacto, resultou na contratação de uma consultoria externa para aprimorar o ecossistema local. Esta consultoria teve um papel fundamental na definição da identidade do ecossistema, na formulação de uma visão de futuro e na identificação dos desafios do município, incluindo o desenvolvimento de projetos relacionados à economia azul. A cooperação entre o programa Cidade Empreendedora e o Grande Pacto facilitou uma colaboração eficaz entre gestores e servidores públicos, impulsionando iniciativas voltadas para o fortalecimento do empreendedorismo e o desenvolvimento sustentável da região.

O Agente Local de Ecossistemas de Inovação, disponibilizado pelo Sebrae RS, desempenhou um papel crucial na superação da inércia e na promoção contínua do programa. Sua atuação, em conjunto com os demais coordenadores do programa Grande Pacto, foi essencial para articular os diversos atores, estabelecendo laços de confiança e suporte fundamentais para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras, de desenvolvimento e inovação.

A nomeação estratégica de um consultor do Sebrae como gestor de Projetos demonstra o compromisso contínuo do Sebrae com o desenvolvimento sustentável do Grande Pacto, promovendo uma colaboração sólida e alinhada com as metas de inovação para o futuro de Rio Grande.

Além disso, o Board estratégico do Programa Grande Pacto, composto por representantes da Prefeitura de Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande, Sebrae RS, Porto RS, APL Marítimo e Aliança Rio Grande, merece destaque por confiar e apoiar

os coordenadores do programa, permitindo que assumissem e liderassem as atividades após a saída da consultoria externa. Essa confiança e apoio demonstram a importância do engajamento e colaboração entre os diversos atores do ecossistema de inovação para impulsionar o desenvolvimento regional.

5 CONCLUSÃO

O estudo de caso do Grande Pacto da Inovação Rio Grande/RS ilustra vividamente a importância da colaboração entre os diversos atores do ecossistema de inovação para impulsionar o desenvolvimento regional. Ao enfrentar desafios emergentes, como a interrupção do suporte da consultoria externa, estratégias eficazes foram implementadas para superar obstáculos e avançar no programa de inovação.

A integração do Agente de Inovação Local à governança, a reativação desta, a elaboração do calendário de ações e a inclusão de um consultor do Sebrae como Gestor de Projetos destacaram o comprometimento das partes envolvidas em fortalecer o ecossistema e promover a inovação sustentável. Essas medidas não apenas preencheram lacunas deixadas pela ausência da consultoria externa, mas também fortaleceram o engajamento e a articulação entre os diversos atores do ecossistema.

Além disso, a criação da comunidade OceanValley e a realização do Conexão OceanValley exemplificam a importância do engajamento da comunidade e da promoção da visibilidade do programa. Ao proporcionar um ambiente propício para a troca de ideias e experiências, essas iniciativas não apenas superaram o dilema inicial de inatividade decisória, mas também vigorosamente impulsionaram o programa de inovação do Grande Pacto. Este estudo destaca não apenas a superação de desafios específicos, mas também a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de esforços colaborativos dentro do ecossistema, solidificando-o como

um ambiente propício para a inovação e o progresso contínuo em Rio Grande.

REFERÊNCIAS

Grande Pacto. **Grande Pacto seleciona os projetos prioritários para o desenvolvimento em Rio Grande.** Disponível em: <https://grandepacto.com.br/index.php/2023/04/18/grande-pacto-seleciona-os-projetos-prioritarios-para-o-desenvolvimento-em-rio-grande>. 2023.

Grande Pacto. Disponível em: <https://grandepacto.com.br/>. 2023. Acesso em: 18 de dezembro de 2023.

VIA Conhecimento (2022). **VIA realiza diagnóstico do ecossistema de inovação do Rio Grande – RS.** Disponível em: <https://via.ufsc.br/via-realiza-diagnostico-do-ecossistema-de-inovacao-do-rio-grande-rs/>. 2023. Acesso em: 18 de dezembro de 2023.

ESTUDO DE CASO: ecossistema de inovação de Parnaíba-PI

Ariny Carvalho de Freitas Fonteneles⁷
João Carlos Hipólito Bernardes do Nascimento⁸

1 INTRODUÇÃO

O Ecossistema de Inovação localizado na cidade de Parnaíba – Piauí, apresenta uma população 162.159 habitantes conforme dados do IBGE (2022). No início da minha atuação no programa ALI Ecossistema, em abril de 2023, Parnaíba se encontrava com o Ecossistema de Inovação em fase de maturidade inicial, composto por diversos integrantes entre as seis vertentes, conforme a Metodologia da Fundação Certi. O Ecossistema de Inovação de

⁷ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Parnaíba – Piauí.

⁸ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Piauí.

Parnaíba encontrava-se em constante desenvolvimento, com ambientes propícios para grandes possibilidades de desenvolvimentos e avanços na inovação, promovendo a criatividade, enriquecimento, intercâmbio de experiências e conhecimento entre universidades, empresas, organismos públicos e privados, porém, a maior parte das ações ocorria de forma isolada, sem a necessária efetividade, integração e coordenação.

Em 2015, o instituto Deltatics foi criado como parte do projeto PHBTICs, estabelecendo o primeiro espaço de inovação tecnológica no Estado do Piauí. Após sua dissolução, em 2017, surgiu a Comunidade de startups Carnaúba Valley, que se dedica à promoção da inovação e tecnologia na região norte do Piauí. O Carnaúba Valley reúne pessoas que compartilham a visão de impulsionar o desenvolvimento por meio de negócios inovadores, com o propósito de estimular o crescimento de empreendimentos e contribuir para o progresso econômico, social e cultural da região por meio de tecnologia, inovação e criatividade (CARNAÚBA VALLEY, 2023).

A Comunidade Startup Carnaúba Valley, liderada pelo visionário pesquisador Prof. Dr. Rodrigo Baluz, desempenhou um papel fundamental no fornecimento de conhecimento, apoio e networking, capacitando startups a terem voz e a se tornarem participantes ativos no cenário inovador. Esta comunidade promoveu um ambiente dinâmico e aberto à mudança, destacando a relevância da prática empresarial e incentivando a capitalização de tecnologias no estado do Piauí. No entanto, alguns membros a viam erroneamente essa comunidade como o Ecossistema em sua totalidade, quando, na verdade, esse conceito é mais amplo e inclui várias outras facetas em Parnaíba. Isso ressaltou a necessidade de envolver todos os atores do Ecossistema de Parnaíba em uma abordagem mais colaborativa e integrada.

Nesse aspecto, enquanto um Agente Local de Inovação no Ecossistema de Parnaíba, me deparei com um dilema crucial. Era necessário escolher entre:

a) Incentivar e fortalecer as iniciativas da Comunidade Carnaúba Valley: sob essa perspectiva, o enfoque recairia no apoio e incentivo às atividades da Carnaúba Valley, uma comunidade já ativa e comprometida na promoção da inovação e tecnologia na região; ou

b) Fomentar um maior alinhamento e conscientização dentro da Comunidade Carnaúba Valley para o estabelecimento da governança: nessa abordagem, o foco residia em envolver ativamente a Comunidade Carnaúba Valley na discussão e no estabelecimento de uma governança formal para o Ecossistema de Inovação.

Ambas as alternativas parecem se mostravam complexas e contraditórias. No caso do dilema 'a', considera-se a oportunidade de aproveitar o momento e a experiência acumulada pela Carnaúba Valley. A ideia subjacente seria permitir que essa comunidade continuasse a operar de forma autônoma, seguindo sua própria dinâmica, acreditando que, ao fazê-lo, ela naturalmente se consolidaria como um protagonista central no Ecossistema de Inovação. A formalização da governança poderia ser contemplada em etapas posteriores, à medida que a Carnaúba Valley crescesse em influência e eficácia. Essa abordagem evitaria possíveis conflitos ao não impor uma governança formal desde o início, permitindo que a comunidade continue a agir com agilidade. Entretanto, ela também apresentava o sério risco de resultar em desconexão e falta de alinhamento com outras partes do Ecossistema, o que poderia levar a ações isoladas e à ausência de coordenação. Além disso, o estabelecimento de uma governança eficaz demandaria muito mais tempo.

Por outro lado, no dilema 'b', busca-se um alinhamento mais amplo e inclusivo entre todas as partes interessadas. Isso envolveria

aproximação e conscientização dos membros da Comunidade Carnaúba Valley, acerca da importância da pluralidade de vertentes e atores, visando estabelecer estratégias e ações mais coordenadas e prioritárias para toda a comunidade de inovação na cidade. Essa abordagem potencialmente ajudaria a evitar conflitos futuros, garantindo uma comunicação eficaz desde o início, permitindo, assim, a definição clara de estratégias e ações prioritárias. No entanto, essa opção poderia encontrar resistência ou falta de compreensão por parte dos membros da Carnaúba Valley, podendo demandar mais tempo para estabelecer uma governança formal, atrasando a implementação de ações concretas. Além disso, a opção exigiria esforço e negociação para criar consenso entre diferentes partes interessadas.

Ao analisar esses pontos em ambos os dilemas, me confrontei com uma decisão desafiadora que teria um impacto significativo no futuro do Ecossistema de Parnaíba e em suas iniciativas de empreendedorismo inovador.

2 CONTEXTO E DILEMA

A cidade de Parnaíba - PI destaca-se por suas principais vocações econômicas e setores prioritários, que se concentram nas atividades relacionadas à atenção à saúde humana (27,3%), agricultura, pecuária e serviços correlatos (13,38%), e fabricação de produtos alimentícios (13,13%). Esses dados, fornecidos pelo Sebrae em 2023, revelam três pilares fundamentais da economia local: o setor da saúde, a engenharia de infraestrutura e a economia criativa. Com seus 162.159 habitantes, a cidade apresentou um desenvolvimento econômico significativo nesses setores na última década. Destaca-se, em especial, a contribuição significativa da economia criativa para o crescimento do setor turístico, o qual desempenha um papel crucial no progresso da cidade.

Parnaíba-PI estava trilhando um caminho de desenvolvimento econômico notável. Além do sólido desempenho em setores-chave, como saúde, agricultura e pecuária, que são as principais atividades econômicas da região, a atividade industrial também desempenhava um papel relevante na economia da cidade. A cidade estava mostrando notáveis indícios de crescimento e transformação impulsionados pela inovação, proporcionando um ambiente propício para o florescimento de empresas inovadoras e tecnológicas. Esses indicadores ressaltam a forte tendência em direção ao empreendedorismo, evidenciada por um aumento significativo no número de Microempresas em relação ao ano anterior, conforme ilustrado nos dados da Tabela 01 abaixo.

Tabela 1 – Quantidades de Empresas por Porte na cidade de Parnaíba nos anos de 2022 e 2023.

PORTE DA EMPRESA SEBRAE	ESTABELECIMENTO	
	2022	2023
Empresa de Pequeno Porte (EPP)	53	344
Microempresa (ME)	516	4.181
Microempreendedor Individual (MEI)	1.385	6.179

Fonte: SEBRAE, 2023.

Parnaíba conta, também, com um robusto Ambiente de Inovação, incluindo uma Zona de Processamento à Exposição (ZPE) que abriga o Tech Export Hub, o pioneiro hub de exportação de serviços e produtos de tecnologia no Brasil, com 13 empresas de base tecnológica que abrangem fintechs, edtechs, healthtechs, sistemas de gestão de negócios, entre outros. Algumas delas já operam em mercados estrangeiros, incluindo os EUA, Romênia, Chile, Peru, Espanha e China. Além das startups, a ZPE também é lar de duas indústrias voltadas para a exportação e de uma incubadora chamada Delta Incub, associada à Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

No entanto, apesar dessa configuração de empresas de base tecnológica, ainda havia a ocorrência de ações isoladas e desconectadas, conforme apresentado anteriormente. Por exemplo, na ZPE, eventos de inovação, como pitch days para parcerias de negócios e networking, às vezes eram planejados para atrair novos investidores, mas a maioria das empresas contempladas era da própria ZPE, com acesso limitado para outros atores do Ecossistema. Isso levou a uma falta de interação e descontentamento por parte de outros atores que não eram incluídos nessas iniciativas, resultando em discussões sobre a eficácia dessas ações.

Um exemplo de integração positiva era a colaboração entre Instituições de Ensino e Tecnologia (ICTs) que trabalhavam juntas para promover o empreendedorismo e a inovação. No entanto, percebeu-se que ainda não havia uma integração completa das ICTs com as outras partes do Ecossistema de Inovação, especialmente empresas e a comunidade de startups. Esse desalinhamento levava a lacunas, como a falta de oferta de cursos, formação e treinamentos que atendessem às necessidades das empresas, resultando na desconexão das ações em relação às demandas do mundo real.

Nesse contexto, o Ecossistema de Parnaíba precisava unir esforços em conjunto com a Comunidade Carnaúba Valley e todos os atores de todas as vertentes em Parnaíba. Isso era essencial para promover o diálogo e a colaboração na execução do plano de ação, criando assim oportunidades e estratégias para um ambiente que fomenta projetos e ações inovadoras de grande envergadura.

O Sebrae reconheceu a importância de mapear o Ecossistema de Inovação em Parnaíba, visando avaliar seu nível de maturidade usando a metodologia CERTI e estabelecer um plano de intervenção. Em 2022, o mapeamento das vertentes e integrantes do Ecossistema de Inovação foi realizado, levando em consideração efetividade e integridade. Isso foi crucial para identificar oportunidades de crescimento e desenvolvimento em Parnaíba.

O Ecosistema foi avaliado como estando em um estágio inicial de maturidade, e foram identificadas vocações econômicas na cidade. A etapa seguinte envolveu a identificação de pontos de intervenção e o desenvolvimento de um Plano de Intervenção.

A atuação como Agente Local de Inovação começou na etapa 5, envolvendo a busca por parceiros e recursos para implementar as estratégias prioritárias. Em 2023, ocorreram mudanças nos atores do Ecosistema, e novas vertentes foram identificadas.

A construção do Plano de Intervenção foi complexa devido à diversidade de instituições e objetivos individuais. Era necessário estabelecer uma governança mais plural e comprometida para coordenar as ações de forma eficaz.

Duas abordagens foram consideradas: a) Incentivar e fortalecer as iniciativas da Comunidade Carnaúba Valley, com ênfase no apoio às atividades de inovação e tecnologia na região; ou b) Promover maior alinhamento e conscientização na Comunidade Carnaúba Valley para estabelecer uma governança formal para o Ecosistema de Inovação.

Conforme a metodologia, a evolução do Ecosistema dependia da atuação conjunta dos atores na etapa 6, atuação conjunta dos atores, para, assim, viabilizar as estratégias de intervenção priorizadas, e como definir as estratégias mais eficaz para a solução dos dilemas e sensibilização dos atores.

Assim, a metodologia CERTI foi fundamental para orientar o desenvolvimento do Ecosistema de Inovação em Parnaíba, com foco na promoção da inovação e no crescimento econômico da região

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

Ao analisar o dilema enfrentado pelo Ecosistema de Inovação de Parnaíba, tomei a decisão de escolher a alternativa "b", que se concentra em impulsionar um maior alinhamento e

conscientização dentro da Comunidade Carnaúba Valley. Essa escolha acarreta desafios e benefícios de grande relevância para o Ecossistema de Inovação em Parnaíba.

A razão principal para essa opção reside na necessidade crucial de envolver ativamente todos os atores e estabelecer uma governança formal. Priorizamos a alternativa "b" porque era fundamental promover e destacar a eficácia e a integração das ações conjuntas dos diversos participantes, incluindo a Comunidade Carnaúba Valley, nas decisões que afetam o Ecossistema. Nosso objetivo foi estreitar ainda mais a colaboração entre os membros da Carnaúba Valley e os representantes de todas as vertentes, formando assim um conselho de governança sólido e eficaz.

A intenção era que cada ator tivesse plena consciência de seu papel fundamental dentro do Ecossistema e, assim, estivesse efetivamente comprometido com o trabalho em equipe em prol de um objetivo comum: fortalecer e fazer crescer o Ecossistema local. Isso, por sua vez, contribuiria para o progresso das empresas inovadoras e promoverá um ambiente favorável ao desenvolvimento e à prosperidade.

O processo acarretou nos seguintes desafios:

Resistência à Mudança: Membros da Carnaúba Valley que estavam acostumados com sua autonomia e modelo de operação, resistiram inicialmente à ideia de uma governança formal e à necessidade de alinhamento com os demais componentes do Ecossistema. Essa situação gerou resistência interna, demandando esforços de persuasão e comunicação eficaz.

Tempo e Paciência: A criação de uma governança formal e a construção de alinhamento entre os membros da comunidade e outras partes do Ecossistema exigiram tempo e paciência.

Negociação Complexa: Alinhar diferentes atores, interesses e agendas dentro da Carnaúba Valley e do Ecossistema como um todo se mostrou uma tarefa complexa e desafiadora. A negociação de

consenso entre esses grupos foi demorada, exigindo habilidades de mediação.

Para enfrentar esse dilema, foi fundamental reconstruir e realinhar os atores, garantindo que todos compreendessem seu papel real e a importância de sua contribuição para o desenvolvimento das ações. No início da minha atuação no ALI Ecosistema, conduzi um levantamento de todos os atores que já faziam parte do Ecosistema, mas que estavam inativos ou realizavam ações isoladas. Realizei diversas entrevistas e reuniões que promoveram interações e conexões significativas com esses atores, incentivando-os a participar das reuniões e eventos do Ecosistema.

No início de julho de 2023, após essa reconstrução, promovemos o primeiro evento de mobilização do Ecosistema de Inovação de Parnaíba, denominado "Encontro de Stakeholders do Ecosistema de Inovação Parnaíba". O objetivo era discutir as iniciativas em curso no Ecosistema e planejar novas ações para o segundo semestre. Esse evento desempenhou um papel importante ao promover o engajamento dos atores e apresentar oportunidades em negócios inovadores, com recursos de instituições de fomento à inovação. Além disso, buscou aproximar o máximo de pessoas e apresentar o Ecosistema de Parnaíba, gerando novas conexões. Contamos com a presença de 40 pessoas, incluindo representantes das ICTIs, startups e indivíduos ligados à inovação.

A próxima etapa, que se mostrou mais complexa, envolvia atração de alguns atores-chave e a articulação para que participassem do último workshop da metodologia CERTI. Esse workshop visava refinar as ações prioritárias do plano de intervenção e organizar a governança, impulsionando a efetividade e a criatividade das ações em diversas perspectivas. Infelizmente, houve baixa participação de representantes das vertentes, e o desafio de engajar mais atores permaneceu.

A questão central era como fazer com que os atores assumissem a autorresponsabilidade e compreendessem que o Ecosistema pertence a todos. Era fundamental que trabalhassem em conjunto para a evolução do Ecosistema, construindo novos ambientes de inovação com o apoio de todos. Esses ambientes deveriam ser sólidos e propícios para o desenvolvimento de negócios inovadores, permitindo que as empresas fossem atendidas em todas as etapas, desde a ideação até a consolidação. O objetivo era que essas empresas crescessem, atraindo novos investidores e promovendo o desenvolvimento regional.

Nesse ponto, o próximo passo envolvia a busca por estratégias eficazes de engajamento, sensibilização e conscientização dos atores sobre o valor da colaboração e do Ecosistema como um esforço conjunto. O desafio era criar um senso de comunidade e responsabilidade compartilhada para avançar na resolução do dilema e na promoção do desenvolvimento inovador na região.

A partir de tratativas com o Líder da Comunidade Carnaúba Valley, Prof. Dr. Rodrigo Baluz, e conversas realizadas com a finalidade de destacar a importância da compreensão do que é Ecosistema para os membros da comunidade, foi realizada algumas sensibilizações. E no mês de julho, foi realizada uma reunião da Comunidade Carnaúba Valley, tratando sobre as ações comunidade, definindo o papel e a importância da comunidade Carnaúba Valley para Parnaíba e para o Ecosistemas de Inovação, buscou-se o entendimento de comunidade e de Ecosistema, definindo o papel dos membros ativos da comunidade e que era necessário trabalhar juntos em comunidade para desenvolver as ações do futuro.

Com o entendimento e aproximação dos membros da comunidade Carnaúba Valley, o líder da comunidade Carnaúba Valley, para envolver com significância e relevância a comunidade no Ecosistema, indicou alguns representantes ativos desta, para fazer parte da Governança do Ecosistema de Inovação,

intensificando a integração e participação comprometida da Comunidade nas decisões do Ecosistema junto às múltiplas vertentes do Ecosistema de Inovação, entendo que o fortalecimento do Ecosistema depende das ações conjuntas de todos os atores da governança trabalhando de forma integrada, motivada e engajada.

Com o intuito de intensificar e planejar as estratégias viáveis para o engajamento dos atores, consolidei uma forte parceria com o líder da Comunidade Carnaúba Valley, Prof. Dr. Rodrigo Baluz, por sua grande influência e referência dentro de Parnaíba no Piauí (esse também era um ator chave para a resolução do grande dilema do Ecosistema). Além disso, contamos com o valioso apoio da Sra. Isabela Ribeiro, gerente da unidade do Sebrae em Parnaíba. Juntos, realizamos reuniões estratégicas para traçar o realinhamento dos atores, identificando figuras-chave e potenciais dentro do ecossistema.

Então, fizemos convites formais para a participação desses atores e seus representantes na governança do Ecosistema. Após duas semanas de intensa articulação e envolvimento, por meio de visitas e reuniões, enfatizando a importância de sua integração na governança, formalizamos o conselho de governança do Ecosistema em 05 de setembro de 2023. A reunião contou com a presença do maior número possível de representantes dos atores-chave da quadrupla hélice, que engloba universidades, empresas, governo e sociedade civil. Esse marco deu início ao processo de elaboração do Regimento Interno da Governança.

Após essas ações realizadas, e a consequente conscientização da Comunidade Carnaúba Valley, foi possível a efetiva criação da governança formal para o Ecosistema de Inovação, com a necessária pluralidade de vertentes e atores, foram notados os seguintes benefícios:

Integração Efetiva: A abordagem de alinhamento buscou integrar efetivamente a Carnaúba Valley com outras partes do

Ecosistema, resultando em uma colaboração mais robusta e eficaz entre diferentes atores, evitando ações isoladas e desconexas.

Maior Diversidade de Perspectivas: Ao conscientizar os membros da Carnaúba Valley sobre a importância da pluralidade de vertentes e atores, o Ecosistema se beneficiou da diversidade de perspectivas e experiências, o que potencialmente levará a soluções mais criativas e inovadoras.

Estratégias Mais Coordenadas: A criação de uma governança formal e o alinhamento de estratégias e ações ajudam a garantir que todos os esforços estejam direcionados para objetivos comuns e prioritários. Isso pode aumentar a eficácia das iniciativas de inovação na cidade.

Evitar Conflitos Futuros: Ao promover o entendimento e a cooperação desde o início, a abordagem b) potencialmente ajudará a evitar conflitos futuros dentro do Ecosistema, criando, assim, uma base sólida para o crescimento sustentável e harmonioso.

A criação da governança formal para o Ecosistema de Inovação em Parnaíba, após a conscientização da Comunidade Carnaúba Valley, representou um marco significativo no desenvolvimento da região. Os benefícios observados após esse processo são de suma importância para o crescimento sustentável e harmonioso do Ecosistema. A integração efetiva entre a Carnaúba Valley e outras partes do Ecosistema fortaleceu a colaboração entre diversos atores, impedindo a fragmentação de esforços e ações isoladas. Essa união de forças possibilitou a criação de um ambiente propício para a troca de conhecimento, recursos e experiências, potencializando a capacidade de inovação e crescimento das empresas da região.

Além disso, a conscientização sobre a importância da pluralidade de vertentes e atores trouxe maior diversidade de perspectivas para o Ecosistema. Isso é fundamental para o processo de inovação, pois diferentes pontos de vista podem levar a soluções mais criativas e abrangentes. A diversidade de experiências

enriquece o ambiente de inovação, permitindo a criação de estratégias mais adaptáveis e eficazes. A governança formal e o alinhamento de estratégias também desempenham um papel crucial ao direcionar todos os esforços para objetivos comuns e prioritários, aumentando, assim, a eficácia das iniciativas de inovação na cidade, tornando-as mais focadas e impactantes. Além disso, ao promover o entendimento e a cooperação desde o início, a abordagem adotada ajuda a evitar conflitos futuros, construindo uma base sólida para o crescimento contínuo e harmonioso do Ecosistema de Inovação em Parnaíba.

Nessa seção, reporto a) as lições aprendidas de acordo com a perspectiva do protagonista; e b) os desafios e os dilemas futuros. Em termos de lições aprendidas posso destacar:

1 - Importância da Conscientização e Engajamento: Aprendi que a conscientização e o engajamento ativo dos atores são fundamentais para o sucesso de um Ecosistema de Inovação. A Comunidade Carnaúba Valley, ao entender a necessidade de integração e colaboração com outras partes do Ecosistema, desempenhou um papel crucial na criação da governança formal. Eu percebi que, no futuro, investir tempo e esforço em conscientizar e envolver os membros do Ecosistema desde o início é essencial para promover uma abordagem mais colaborativa e eficaz.

2 - Diversidade e Inclusão São Ativos: A diversidade de perspectivas e a inclusão de diferentes atores são ativos valiosos para o crescimento do Ecosistema de Inovação. A experiência mostrou que a Carnaúba Valley trouxe uma variedade de ideias e abordagens, enriquecendo o processo de inovação. Isso ressaltou a importância de criar um ambiente que acolha e valorize todas as vozes e experiências, contribuindo para soluções mais criativas e abrangentes.

3 - Governança Formal como Base Sólida: A criação de uma governança formal foi fundamental para alinhar estratégias e ações dentro do Ecosistema. Nesse ponto aprendi que essa estrutura

oferece uma base sólida para o direcionamento eficaz de esforços coletivos. No entanto, também percebi que a construção de consenso e a promoção da autorresponsabilidade são desafios contínuos, e a governança deve ser adaptável e aberta a melhorias constantes.

Já em termos de desafios e dilemas futuros, posso destacar:

1 - Manutenção da Coesão e Engajamento: Um dos desafios futuros será manter a coesão e o engajamento de todos os atores do Ecosistema a longo prazo. À medida que o Ecosistema cresce e evolui, é vital garantir que todos continuem a trabalhar juntos de forma colaborativa. O dilema será como sustentar o comprometimento e a participação ativa dos membros.

2 - Ampliação e Diversificação: Outro desafio será a ampliação e diversificação do Ecosistema para incluir ainda mais vertentes e atores. Isso pode criar novas oportunidades, mas também desafios de coordenação e integração. O dilema será como equilibrar o crescimento com a manutenção da eficácia e coesão.

3 - Inovação Contínua na Governança: A governança formal estabelecida precisa ser constantemente inovada e aprimorada para se adaptar às mudanças no Ecosistema e no ambiente de inovação. O dilema será como promover a inovação na governança sem comprometer a estabilidade e o foco em objetivos comuns.

No geral, o presente Estudo de Caso destaca a natureza dinâmica e desafiadora do desenvolvimento de Ecosistemas de Inovação, com lições aprendidas que podem guiar futuras ações e dilemas que continuarão a surgir à medida que o Ecosistema cresce e evolui

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

Em 2022, o Sebrae implantou o Programa Ecosistemas Locais de Inovação no Estado do Piauí, ao alocar Agentes Locais de

Inovação (ALI's) em cinco municípios: Bom Jesus, Picos, Floriano, Parnaíba e Teresina com a intenção de conectar atores para contribuir com um plano de desenvolvimento econômico regional pautado na Inovação. Antes da implantação foi contratado o Centro Unificado de Inovação Aplicada – CUIA, para desenvolver junto com equipe do Sebrae, o Diagnóstico do Ecosistema de Inovação de Teresina, Bom Jesus e Parnaíba no Estado do Piauí, fazendo parte da primeira e segunda etapa da metodologia CERTI, com isso foi possível o desenvolvimento do trabalho do ALI e para a construção das próximas etapas da metodologia e definição do plano de intervenção.

Um Ecosistema de Inovação fortalecido é fundamental para a consolidação de novos empreendimentos inovadores e o crescimento de empreendimentos já existentes, por isso, o Sebrae e seus parceiros não medem esforços para consolidar o Programa no país.

5 CONCLUSÃO

Abaixo, reporto algumas questões para discussão:

a) Governança versus Autonomia: Considerando o dilema enfrentado pelo protagonista em relação à Comunidade Carnaúba Valley, você acredita que a opção de criar uma governança formal foi a mais acertada? Ou teria optado por dar mais autonomia à comunidade? Por quê?

b) Desafios da Integração: A integração de diversas vertentes e atores em um Ecosistema de Inovação pode ser complexa. Quais são os maiores desafios enfrentados ao tentar unir diferentes partes em busca de um objetivo comum? Como lidar com possíveis conflitos de interesses?

c) Sustentabilidade do Engajamento: Manter o engajamento dos atores ao longo do tempo é fundamental para o sucesso de um Ecosistema de Inovação. Quais estratégias você

sugeriria para garantir que todos continuem comprometidos e ativos na promoção da inovação?

d) **Diversidade e Inclusão:** A diversidade de perspectivas foi destacada como uma lição importante. Como você acha que um Ecossistema de Inovação pode promover a inclusão de diferentes vozes e experiências? Que benefícios isso pode trazer?

e) **Desafios Futuros:** Considerando os desafios futuros mencionados, como você abordaria a expansão e diversificação do Ecossistema sem perder a eficácia? Como garantir a inovação contínua na governança?

f) **Equilíbrio entre Governança e Agilidade:** Como encontrar um equilíbrio adequado entre a formalização da governança e a agilidade necessária para promover a inovação? Quais são os riscos de uma abordagem muito rígida ou muito flexível?

Essas questões são projetadas para estimular uma discussão crítica e reflexiva sobre o caso, incentivando os leitores a explorarem diferentes perspectivas e considerar as implicações das escolhas feitas pelo protagonista.

REFERÊNCIAS

CARNAÚBA VALLEY. **Inovação tecnológica é sempre sobre pessoas.** Disponível em: <https://carnaubavalley.com.br/comunidade>. Acesso em 27 jul 2023.

CENTRO UNIFICADO DE INOVAÇÃO APLICADA – CUIA. **Relatório do serviço:** Diagnóstico do Ecossistema de Inovação de Teresina, Bom Jesus e Parnaíba no Estado do Piauí – Etapa 1

SEBRAE. **Ecossistema Local de Inovação:** Projetos - Parnaíba-PI. Disponível em: <https://www.sebrae-eli.com.br/catalogo-projetos/details/157/0>. Acesso em 07/ ago/2023.

SEBRAE. **Manual metodologia de atuação, gestão e monitoramento por níveis de maturidade dos ecossistemas de inovação.** 2019.

SEBRAE. **Formulário de Mapeamento das Integrantes do Ecossistema de Inovação,** por Dr. Rodrigo Baluz. 2022.

SEBRAE. **Relatório do Diagnóstico do Plano de Intervenção do Ecossistema de Inovação,** por Marianna Ferraro. Janeiro de 2023.

ARMADILHA DOS DADOS: UM ESTUDO DE CASO NO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO SOTEROPOLITANO

Lucas Alves do Nascimento⁹
Edilson Nolaço Dos Santos¹⁰

1 INTRODUÇÃO

Após as experiências bem-sucedidas de mapeamento e planos de intervenção com a Governança de 3 ecossistemas locais de inovação na Bahia, a saber: Feira de Santana, Vitória da Conquista e Lauro de Freitas, chegava a vez da capital, Salvador. Principal (PIB) do estado e segundo da região nordeste do país, o município de Salvador é responsável por quase 1/4 do PIB baiano e se destaca,

⁹ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Salvador/Bahia.

¹⁰ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Bahia.

sobretudo no setor de serviços, mas também na construção civil e indústria de alimentos.

No ecossistema de inovação soteropolitano, no entanto, as informações eram questionadas, repensadas e reformuladas para atingimento de resultados que contemplasse a diversidade e grandiosidade pensada para a cidade. A relação com os atores e a cooperação com a governança tenderia a ser com maior cobrança, nível elevado de complexidade das tecnologias envolvidas e reuniões com melhor organização no planejamento. Mesmo estando entre as 10 capitais mais importantes do Brasil, Salvador ainda demonstra altos índices de violência e desigualdade social de acordo com o Atlas da Violência publicado pelo IPEA (2018). O desenvolvimento econômico pode ser uma das possíveis saídas para a solução de problemas sociais e, um dos pré-requisitos para a existência de ações de fomento ao empreendedorismo, é a inovação.

Nesse contexto, atores acadêmicos, públicos, grandes empresas, ambientes de inovação como hubs, parques tecnológicos, incubadoras de empresas, e particularmente as startups, são cada vez mais consideradas um fator de desenvolvimento econômico, devido a contribuição na criação de empregos qualificados e crescimento econômico a níveis regional e nacional.

Assim, para dinamizar, articular e gerar o estímulo econômico entre os atores envolvidos, a Governança em ecossistemas de inovação é peça fundamental. A governança, em termos gerais, refere-se ao ato de governar as relações interorganizacionais em um contexto de ação coletiva pela articulação de normas e regras conjuntamente determinadas e projetadas para regular o comportamento individual em um contexto de grupo. A governança de forma colaborativa é essencial para a sustentabilidade dos ecossistemas de inovação, pois estimula a formação de capital intelectual (recursos de conhecimento), capital social (credibilidade e compreensão social, construídas pela interação pessoal) e capital político (capacidade de agir coletivamente para desenvolver

qualidades locais e captar recursos e a atenção externa) (OSTROM, 1990).

Todavia, uma gestão eficiente não pode ser construída com a ausência de dados ou baseada em suposições. A complexidade de um ecossistema de inovação exige a construção de uma base sólida de dados e rede informacional. Afinal, são esses conhecimentos gerados que irão evidenciar os pontos fortes e fracos e direcionar as ações que podem ser realizadas, estabelecendo oportunidades e prioridades dentro do ecossistema. Para um ecossistema crescer de forma robusta e consistente há que se criar as condições, já que um possível sucesso repentino sem estrutura de suporte de gestão pode tornar-se um problema complexo e delicado no longo prazo.

Entretanto, devido a ausência de dados fidedignos, reuniões ainda iniciais de tração e pouca aderência dos atores, o ecossistema de inovação soteropolitano tinha dificuldades para atingir os objetivos propostos por eixos temáticos. As propostas, eram balizadas na estratégia inicial carente de dados, sobretudo, reais e convincentes. Nesse sentido, tornou-se necessário ter segurança no controle da gestão de conhecimento gerado, no planejamento das informações passadas e visão de longo prazo. Mas validar uma governança eficaz no ecossistema sem os números é como guiar-se na escuridão, é tentar ler sem ser alfabetizado. Daí surgiu um dilema, comum para boa parcela dos ecossistemas de inovação: nem sempre o que parece ser, o é. No caso do Ecossistema de Inovação Soteropolitano, a qualidade do dado lançado, interferia na análise gerencial do arranjo produtivo local, gerando dúvidas e incertezas sobre os reais resultados. A origem dos dados podia e precisava ser criticada, melhorada, monitorada, qualificada.

Por necessidade dos atores, o problema principal era gerar e avaliar relatórios que fossem consistentes, reais e, sobretudo, fidedignos para compreender e agir estrategicamente junto aos representantes das hélices de inovação, de forma rápida e assertiva. Assim, como digitalizar toda a estrutura de recursos informacionais

com indicadores-chaves estratégicos por segmento, atribuindo prazos exequíveis e responsáveis em curto espaço de tempo?

2 CONTEXTO E DILEMA

Um ambiente propício à inovação é fundamental para a competitividade das empresas e para a diversificação econômica dos municípios. Com essa percepção, diversas entidades de Salvador vêm desenvolvendo ações para organizar e fortalecer o Ecosistema de inovação no município. A capital baiana, em termos de competência produtiva instalada, apresenta 60.428 empresas, 728.611 empregos formais, segundo dados do RAIS (2020), bem como desfruta de um potencial científico, tecnológico e educacional com 741 cursos de graduação, sendo 381 cursos de graduação em áreas tecnológicas. A Capital baiana apresenta instituições engajadas com a inovação e que investem em ambientes que no futuro trarão importante impacto no Ecosistema de Inovação. O município possui uma população estimada de 2.900.319 habitantes (IBGE, 2020) e um PIB de R\$ 63.804 bilhões, gerando assim um PIB per capita de R\$ 22.213, valor superior ao observado no estado da Bahia (R\$19.324) e inferior ao observado no Brasil (R\$ 35.172). Isso posiciona o município como o maior PIB estadual. A cidade possui aproximadamente 7,5 mil empresas e 106 mil empregos que atuam em segmentos econômicos com maior potencial de desenvolvimento tecnológico e VAF (Valor Adicionado Fiscal) correspondente a R\$19,7 bilhões.

O ecossistema de inovação soteropolitano enfrentava problemas com ausência de software que integrasse conhecimento gerado, divergências de informações entre instituições e atores, titulares e suplentes de instituições que trocavam lideranças sem informar, estresse na comunicação e nas decisões devido ao

acúmulo e sobrecarga de atividades manuais geradas para dar conta das ações, elevando também possíveis gastos com horas de trabalho perdidas com refazimentos não previstos inicialmente. Note que a ausência de software em curto espaço de tempo, gerava necessidade de novas capacitações, desaprender e reaprender, bem como, a fuga de conhecimentos já formatados em possíveis retrabalhos. Devido a essa instabilidade, o ruído na comunicação era inevitável, ocasionando conflitos de informações e estresse na tomada de decisões por parte da governança. Por outro lado, cada nova mudança na tentativa de validar informações integradas e online para todos os envolvidos, poderia trazer novos custos não previstos ao ecossistema, além da contratação de mão de obra mais especializada e, conseqüentemente, mais onerosa.

A oportunidade de melhoria desejada pelo ecossistema de inovação soteropolitano era, a um só tempo, contemplar a organização dos seus dados, acessar remotamente em nuvem e trazer valor agregado para avaliações e decisões de financiamento, investimento, contração ou expansão dos negócios. As informações coletadas serviriam ainda para traçar índices históricos estatísticos, balizar competitividade, projetar cenários futuros e, sobretudo, em termos de prospectiva tecnológica, às incertezas comuns no novo mercado consumidor.

Por demanda do ecossistema local de inovação soteropolitano, o problema principal era gerar e avaliar relatórios que fossem consistentes, reais e, sobretudo, fidedignos para compreender e agir estrategicamente, de forma rápida e assertiva. Neste sentido, como digitalizar toda a estrutura de recursos sejam financeiros, materiais e/ou humanos com KPI's (Key Performance Indicators) estratégicos por eixo temático e em curto espaço de tempo?

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

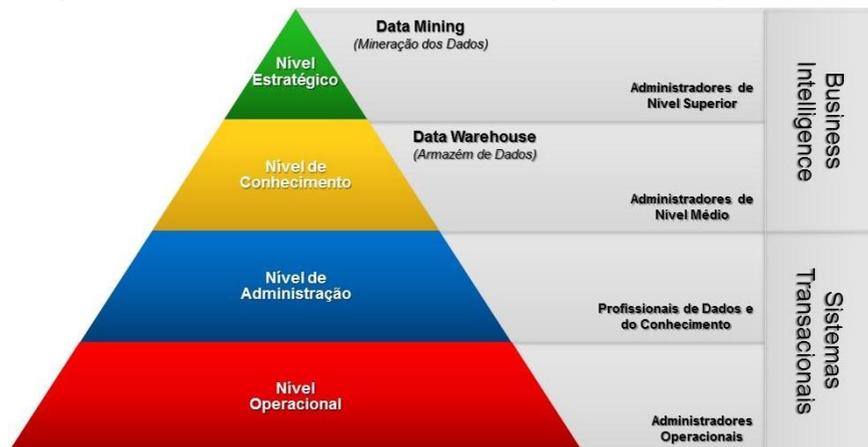
Naquela ocasião, no fim do ano de 2022, dinamizar encontros de negócios, catalisar atores, coletar dados e, sobretudo, avaliar informações do ecossistema era tarefa complexa. E, através do programa agente local de inovação no programa Brasil Mais, o projeto poderia ajudar com conhecimento técnico aplicado e tentar aprimorar uma solução conjunta. Os atores toparam participar dos encontros mensais, a priori, e foram 'desenhando', planejando as etapas de uma provável solução a ser prototipada e executada. A esperança deles, nessa altura do contexto, era obter um ganho de produtividade, definida simplesmente como a capacidade de trabalhar de forma mais inteligente, e não mais intensamente, com tecnologia embarcada, compartilhada, compreendendo o todo e com inovações de fácil acesso.

Incontáveis dados apresentam um grande volume de variáveis, que podem ser analisados e processados em alta velocidade. Toda essa carga de informação recebe o nome de Big Data (BD). Não há consenso do conceito de Big Data utilizado no mercado, pois cada organização considera esse fenômeno por alguma perspectiva, porém, a essência do termo é contemplada por muitos autores. Para o desenvolvimento deste estudo de caso, é importante que este fundamento esteja clarificado, assim: big data refere-se a conjuntos de dados cujo tamanho vai além da capacidade de ferramentas de software de banco de dados típicos para capturar, armazenar, gerenciar e analisar (MCAFEE, 2012).

De acordo com Tidd (2015), Business Intelligence (BI), em português, é traduzido como "Inteligência de Negócio" e consiste na possibilidade de acompanhar tudo o que ocorre no empreendimento, como também no mercado. Proporciona, portanto, um melhor entendimento da base de dados da empresa, gerando saídas lógicas e estratégicas. É uma espécie de bússola

criada para nortear as ações tomadas por uma organização, com base em dados estruturados, ou seja, todos eles exatos e objetivos.

Imagem 1: Hierarquia de sistema de inteligência de negócios

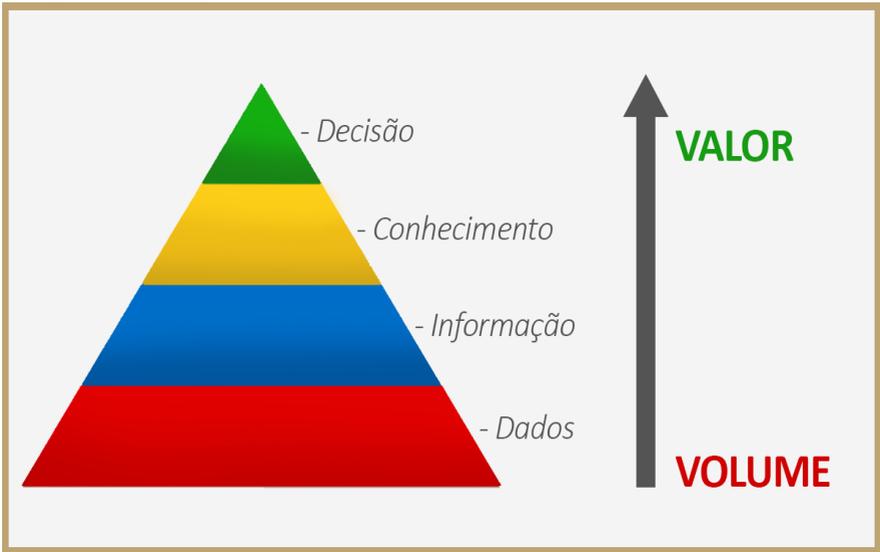


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Pensando visualmente nesses dados, eles são acessados por meio de tabelas dinâmicas, de análise de performance ou painéis interativos, como os dashboards. São fontes de dados que mostram o desempenho da equipe em produtividade, dão um panorama das gestões internas de pessoas e materiais, fornecem informações que irão auxiliar o desenvolvimento do negócio, dispostas de forma rápida, prática e exata.

Quem trabalha com BI tende a ocupar cargos estratégicos justamente por entender com clareza todas as ocorrências que interferem diretamente na performance da empresa. Neste sentido, o BD, minera dados com precisão inigualável e as ferramentas de BI tangibilizam informações para facilitar decisões que tendem a levar empresa ao sucesso.

Imagem 2 - Degraus hierárquicos do valor dos dados



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Desta forma, podemos ponderar 'degraus', conforme figura acima, para que esse conhecimento seja aplicado no empreendimento, da forma que segue:

DADOS lançados com qualidade, em volume e organizados, projetam informação; INFORMAÇÃO com valor agregado, gera melhor conhecimento do negócio; CONHECIMENTO específico, provocam tomadas de decisão assertivas; TOMADAS DE DECISÕES adequadas, constroem RESULTADOS consistentes.

Ao planejar o mapeamento do ecossistema de inovação de Salvador, os atores observaram um tripé indissociável: entender onde estavam, quem eram os envolvidos e alinhar expectativas para onde iriam. Basicamente, essas premissas, definiriam o sucesso do

ecossistema, seu impacto na sociedade e sua sustentabilidade no longo prazo.

Todavia, esse tópico resolvido, de nada valeria se não houvesse governança. E, de acordo com os atores, a gestão integrada, via nuvem, em tempo real, que pudesse ser monitorada por qualquer dispositivo eletrônico em qualquer lugar no mundo conectado à internet seria uma rota de sucesso. Como pensar tudo isso a baixo custo? Desse ponto, foi montado o planejamento, acompanhamento e controle de plano de ação monitorado, uma central que mensurasse todos os dados de forma instantânea, em tempo real, via nuvem. Note ainda que, a pedido dos atores, se possível, deveria atender um front-end, que corresponde à parte da tabela ou do software, em que os usuários conseguem visualizar e interagir, com cores, fontes, menus, imagens entre outras funcionalidades de forma simples e objetiva. Isto é, uma User Interface (UI), de fácil acesso, amigável para o usuário, onde este lançaria os dados com possibilidades baixas de erros e/ou ajustes (BEAL, 2004).

Outro ponto destacado, seria o que se chama User Experience (UX), ou seja, que a experiência dos usuários fosse limpa, agradável e fluída. Com uma linguagem direta que fosse traduzida nos relatórios de análise sintéticos. Obedecendo uma estrutura de análise gradual, mas sem a desnecessária complicação de sua avaliação geral.

Imagem 3 - Template input date, com login e senha em .sql

	A	B	C	D
1	Startup	Segmento	Fonte	Status
72	Capim Pimenta	Greentech	Inovativa - Certi	Aprovada
73	CG&LB Company	Greentech	Inovativa - Certi	Aprovada
74	ClíCo - Cliquei Comprei	Desenvolvimento de Software	Inovativa - Certi	Acelerada
75	Clocis	Não Informado	Inovativa - Certi	Acelerada
76	Clube de profissionais do setor de impacto socioambiental	HRTech	Inovativa - Certi	Aprovada
77	Concursados / Desafio OAB	Edtech	Inovativa - Certi	Graduada
78	Conecta+ Assessoria Socioecológica	Greentech	Inovativa - Certi	Aprovada
79	ConstruCode	Construtech	Inovativa - Certi	Aprovada
80	Corneta App	Não Informado	Inovativa - Certi	Acelerada
81	Dermacura Curativos	Acessibilidade	Inovativa - Certi	Graduada
82	DGTAX	Desenvolvimento de Software	Inovativa - Certi	Acelerada
83	Dizziness App	Healthtech	Inovativa - Certi	Aprovada
84	Donatte	Não Informado	Inovativa - Certi	Acelerada
85	Drones Solution (DS Engenharia Inovativa LTDA)	Não Informado	Inovativa - Certi	Graduada
86	Echo Flow Engineering	Não Informado	Inovativa - Certi	Não Concluída
87	EcoRoteiro	Greentech	Inovativa - Certi	Acelerada
88	Energy Mobi	Energia	Inovativa - Certi	Conexão
89	Entrega Logo	Serviços	Inovativa - Certi	Acelerada
90	EPG	Não Informado	Inovativa - Certi	Não Concluída
91	Escape	Serviços	Inovativa - Certi	Acelerada
92	Escola de Administração para Profissionais da Saúde	Edtech	Inovativa - Certi	Acelerada
93	ETE - PEB	Energia	Inovativa - Certi	Acelerada
94	Eu Quero Novidade	Retailtech	Inovativa - Certi	Graduada
95	EvEx	Serviços	Inovativa - Certi	Graduada
96	Finazul	Fintech	Inovativa - Certi	Acelerada

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Daí criou-se o template de entrada (input) dos dados e foi aprovado o modelo da Figura 3, onde está selecionado resumos das informações principais, a partir de filtros segmentados. Para quem lança os dados, é solicitada fundamental atenção e qualidade nas

Resultados-Chave em português), grupos de trabalho por setores prioritários e prazos dos entregáveis, conforme figura abaixo, no prazo do programa.

Imagem 5: Modelo Relatório Dinâmico ilustrativo do Plano de Ação em .xlsx.

OBJETIVO	GT	QUEM	PRAZO FINAL	FEITO EM:	STATUS
MAPEAR ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DE SALVADOR	GOVERNANÇA	Marcus Dias / Certi	20/12/2022, ter		EM ATRASO
VISITAR ECOSISTEMAS MADUROS E EFICAZES PARA APRENDIZAGEM E MELHORIA CONTINUADA	GOVERNANÇA	Magda / Tauan	30/09/2024, seg		FALTAM 187 DIAS
DESENVOLVER PLANO DE AÇÃO COM MONITORAMENTO DOS RESULTADOS	GOVERNANÇA	Lucas Alves	28/04/2023, sex	20/04/2023, qui	CONCLUÍDO
SISTEMATIZAR REUNIÕES E GESTÃO DOS DADOS DO ECOSISTEMA	GOVERNANÇA	Lucas Alves / Mateus Couto	20/12/2023, qua	14/02/2024, qua	CONCLUÍDO
VALIDAR INDICADORES-CHAVE DE RESULTADOS	GOVERNANÇA	Hugo/ Mateus Couto	20/12/2024, sex		FALTAM 268 DIAS
CRIAR O PACTO DA INOVAÇÃO DE SALVADOR	GOVERNANÇA		20/12/2024, sex		FALTAM 268 DIAS
CRIAR CULTURA DE COMPLIANCE PARA BLINDAGEM E OTIMIZAÇÃO DA PERFORMANCE DAS STARTUPS	GOVERNANÇA	Tatiana Carvalho	20/12/2024, sex		FALTAM 268 DIAS
RESPONSABILIZAR OS ATORES (INSTITUIÇÕES) DO ECOSISTEMA NO QUE OS COMPETEM	GOVERNANÇA	Glória Tellez / Yuri Dias	20/12/2024, sex		FALTAM 268 DIAS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

De acordo com a figura 6, observa-se os resultados da solução arquitetada. A um só tempo, a governança pode visualizar as informações de todas as ações por períodos, grupos de trabalho, graus de prioridade e detalhamento dos entregáveis por responsáveis/instituição. Informações consolidadas das avaliações verticais, horizontais, média ponderada, comparativos com mesmo período do ano anterior, também são acessíveis em fração de segundo. Além da correteza do produto final, foram criados de forma personalizada, indicadores de eficiência em tempo real, úteis para decisões mais céleres e embasadas. Soma-se a isso, diminuição no tempo de execução do processo e aumento qualitativo,

alcançado na melhor alocação e controle dos atores, na maior efetividade dos objetivos, execução nos prazos com qualidade dos entregáveis, que automaticamente contribuem para crescimento e sustentabilidade do ecossistema de inovação soteropolitano.

Figura 6: Solução com dados ilustrativos em dashboard real time BI implantada.

SETORES PRIORITÁRIOS:

- Saúde & Biotecnologia
- TI (Hardware e Software)
- Químico e Materiais
- Economia Criativa (AudioVisual, Gastronomia, Turismo)
- Economia Azul

CONCLUÍDO	5%
EM ATRASO	48%
EM ANDAMENTO	48%
TOTAL	100%

GT	ESTRATÉGIA	OBJETIVO	STATUS	PRIORIDADE
GOVERNANÇA	Conectar novos atores, acompanhar e ampliar o engajamento fortalecer a governança do próprio Ecossistema. Foco nas APIs.	RESPONSABILIZAR OS ATORES (INSTITUIÇÕES) DO ECOSISTEMA NO QUE OS COMPETEM	FALTAM 188 DIAS	ALTA
		MAPEAR ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DE SALVADOR	EM ATRASO	(vazio)
		SISTEMATIZAR REUNIÕES E GESTÃO DOS DADOS DO ECOSISTEMA	FALTAM 188 DIAS	(vazio)
		VALIDAR INDICADORES-CHAVE DE RESULTADOS	FALTAM 15 DIAS	(vazio)
PESSOAS & DIFUSÃO DO CONHECIMENTO	Construir a trilha do empreendedorismo inovador do Ecossistema envolvendo os ambientes de inovação e programas e Ações (Rotas: Impacto Social; Tradicional; Inovador)	VISITAR ECOSISTEMAS MADUROS E EFICAZES PARA APRENDIZAGEM E MELHORIA CONTINUADA	FALTAM 188 DIAS	(vazio)
		criar cultura de compliance para blindagem e otimização da performance das startups	FALTAM 45 DIAS	MODERADA
		MAPEAR TRILHAS EXISTENTES (100% das trilhas identificadas e envolvidas com essa estratégia e incremento nos resultados (quantidade e qualidade) das trilhas identificadas)	FALTAM 190 DIAS	ALTA
FINANCIAMENTO	Estabelecer uma cultura de investimento e risco (formar investidores locais, investidores anjos investindo localmente)	AUMENTAR QUANTIDADE E QUALIDADE DOS EMPREENDIMENTOS INOVADORES QUE APROXIMEM OS POTENCIAIS TECNOLÓGICOS E VOCAÇÕES ECONÔMICAS, CONECTANDO AS HÉLICES	FALTAM 45 DIAS	ALTA
		PROMOVER E DIFUNDIR EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	(vazio)	(vazio)
		CONSTRUIR TEMAS DE INVESTIMENTOS ALINHADAS AO ELI	FALTAM 190 DIAS	(vazio)
		ELEVAR MATURIDADE DAS EMPRESAS PARA VENTURE CAPITAL	(vazio)	(vazio)
INOVAÇÃO ABERTA	Incentivar Programas de Inovação Aberta conectando Indústrias e Startups em diferentes níveis (municipal, estadual e nacional)	APROVEITAR OPORTUNIDADES DO MARCO LEGAL DA INOVAÇÃO E ENVOLVER UNIVERSIDADES	(vazio)	(vazio)
		APRESENTAR OPORTUNIDADES A INVESTIDORES DOS SETORES TRADICIONAIS (ENVOLVER FÉCOMÉRCIO, ACB, SEBRAE, SENAI)	(vazio)	(vazio)
		(IN) FORMAR EMPREENDEDORES SOBRE CAPTAÇÃO DE INVESTIMENTOS (DOCS, PROCESSOS, EDITAIS, MODELOS DE GESTÃO, etc)	FALTAM 107 DIAS	(vazio)
		CAPACITAR INVESTIDORES/EMPREENDEDORES PARA NEGÓCIOS INOVADORES	FALTAM 188 DIAS	(vazio)
INOVAÇÃO ABERTA	Incentivar Programas de Inovação Aberta conectando Indústrias e Startups em diferentes níveis (municipal, estadual e nacional)	INCENTIVAR ATORES QUE POSSUEM PROGRAMAS DE INOVAÇÃO ABERTA	(vazio)	ALTA
		SENSIBILIZAR CADEIAS PRODUTIVAS PARA INVESTIR EM PROGRAMAS DE INOVAÇÃO ABERTA (Roadmap)	FALTAM 190 DIAS	MODERADA
		LEVANTAR DESAFIOS DE ESTÍMULO TECNOLÓGICO	(vazio)	ALTA
PI & TT	Promover a cultura e o uso estratégico da propriedade industrial para a competitividade, a inovação e o desenvolvimento de Salvador	ELEVAR Nº DE PEDIDOS DE PATENTES GERADOS EM SALVADOR	(vazio)	MODERADA
		AUMENTAR QUANTIDADE E QUALIDADE DOS EMPREENDIMENTOS INOVADORES QUE APROXIMEM OS POTENCIAIS TECNOLÓGICOS E VOCAÇÕES ECONÔMICAS, CONECTANDO AS HÉLICES	(vazio)	(vazio)
		ESTIMULAR E GERAR CULTURA DE PATENTES	(vazio)	(vazio)
PROSPECÇÃO TECNOLÓGICA	Difundir conhecimento e alternativas de futuros	LEVANTAR ESTUDOS COMPARATIVOS COM ECOSISTEMAS LÍDERES REGIONAIS	FALTAM 107 DIAS	(vazio)
		FORMAR CAPITAL INTELLECTUAL COM CAPACIDADES TECNOLÓGICAS ATUALIZADAS E COM VISÃO DE LONGO PRAZO	FALTAM 188 DIAS	ALTA
		VERIFICAR MODELOS PARA CATCHING UP (Alcance Tecnológico)	FALTAM 190 DIAS	(vazio)
COMUNICAÇÃO & MARKETING	Validar marketing de performance, dados e conteúdos do Ecossistema de Inovação de Salvador	INCENTIVAR ESTUDOS DE FORESIGHT E PROSPECÇÃO TECNOLÓGICA	(vazio)	(vazio)
		criar plano de comunicação	FALTAM 15 DIAS	MODERADA
		CONSTRUIR SISTEMA DE PERFORMANCE, DADOS E CONTEÚDO COM EVOLUÇÃO COMPARATIVA DO ECOSISTEMA	CONCLUÍDO	ALTA
		APROXIMAR COM ÓRGÃOS ESTRATÉGICOS NACIONAIS	FALTAM 190 DIAS	(vazio)
		PARTICIPAR DO PNI	CONCLUÍDO	BAIXA
		criar plano de internacionalização para divulgar conhecimentos e produtos de base tecnológica do ecossistema	FALTAM 190 DIAS	(vazio)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

Os atores com representantes institucionais do ecossistema de inovação soteropolitano, destaque-se, FECOMÉRCIO, SEMIT, SEMDEC, PARQUE TECNOLÓGICO, SENAI, ACB, SOLVUM TECNOLOGIA, REDE+, SOFTWELL, ABAS, BNB, FAPESB, GETIN ACELERADORA, UNIFACS, UNEB, IFBA, UFBA, entre outros, comentam que são gratos pela contribuição do SEBRAE através de suas diversas soluções. Salientaram que o Programa Agentes Locais de Inovação (ALI) objetiva ofertar suporte e catalisar a inovação em produtos, serviços e processos, incluindo práticas sustentáveis e tecnológicas nas suas atividades diárias. E, através das ações e colaborações do bolsista, tiveram um olhar diferenciado para o ecossistema com novas oportunidades de melhorias.

As participações que se desenvolveram por 15 meses, distribuídos em encontros mensais e reuniões de acompanhamento de forma planejada à situação do ecossistema, persistem na atualidade. As mudanças tendem a gerar impacto direto na governança, na melhoria de produtos e processos e na identificação de novos nichos de mercado para a cidade. O método do Programa envolveu o desenvolvimento de diagnósticos, feitos por meio de assessoria especializada, que serviram de base para a proposição de soluções por meio do plano de ações, que podem ser ações de gestão e/ou ações de inovação. Soluções essas que foram desenvolvidas pelos atores que compõe as hélices da inovação durante as etapas, bem como, auferido o resultado e eficiência comparativa das ações implantadas, buscando-se almejar novos patamares de inovação.

Desta forma, o programa teve papel estratégico na maturação do ecossistema, segundo os atores que representam academia, governo, empresas, bancos financiadores e ambientes de

inovação. Concomitante, aumento da sinergia e produtividade, traduzindo-se a um só tempo, em ganho técnico, eficiência da governança e, sobretudo, visão prospectiva e de catching-up para a cidade de Salvador. Isto é, o emprego que compreende a capacidade de centros secundários absorver técnicas e conhecimentos gerados nos centros líderes, de forma a permitir que aqueles “alcancem” os níveis de produtividade destes e, portanto, reduzam o hiato tecnológico, de produtividade e de desenvolvimento econômico que os separa (FARGERBERG, 2003).

5 CONCLUSÃO

A gestão de dados é um processo contínuo que deve ser adaptado às necessidades específicas de cada ecossistema. É importante estar atento às últimas tendências e tecnologias para garantir que esteja aproveitando ao máximo tais dados, como por exemplo, o uso da inteligência artificial generativa como apoio e/ou compartilhamento em nuvem, ou por link na web com os atores em tempo real, em vez, de relatório padrão usualmente contratado por consultorias ditas especializadas. Os relatórios para mapear ecossistemas de inovação realizados habitualmente por consultorias externas são muito custosos e, por vezes, pouco eficazes. Eles tendem a ofertar uma estática “foto” do momento, por vezes distorcida, quando o efetivo estaria mais para um “filme” em real time, já que startups nascem e morrem diariamente. Por fim, a necessária observação do enquadramento destas de acordo com o marco legal vigente, onde são apontados conjuntura e limites, como prazo e faturamento.

Para os atores do ecossistema de inovação soteropolitano, especialmente para a governança que buscava verificar sobre o potencial dos dados na difusão e uso na sua gestão, uma das armadilhas no processo de programação do Big Data, e também neste estudo de caso, foi o controle das variáveis envolvidas, o que

chamamos de 5Vs: Volume, Variedade, Velocidade, Valor e Veracidade das informações. É um trabalho árduo para quem pensa o modelo matemático por trás do que será analisado, visto que dados de alta qualidade são pré-requisito para auxiliar as organizações. Em especial, ecossistemas de inovação em fase de desenvolvimento, carentes de governança experimentada e consultoria de bom nível, que a ajudem a se adequarem às mudanças necessárias em tempos de incerteza. Esse modelo embrionário, a médio-longo prazo, poderá ajudar esse ecossistema para estudos de foresight, de prospectiva tecnológica, para suporte na construção de futuros e tomadas de decisões qualificadas e antecipadas ao mercado. Tema já muito trabalhado em ecossistemas de inovação consolidados, mas distante da realidade local analisada.

Ainda de acordo com os atores, o supracitado, de acordo com Schwab (2021), constitui-se um dos desafios e dilemas futuros para ecossistemas de inovação na quarta revolução industrial que se inicia. Estuda-se a história e nosso passado de forma constante. Mas, não possuímos estudos de futuros, de foresight, abstraindo para visão prospectiva de longo prazo, com amplo acesso para suporte nas tomadas de decisões em ambiente cada vez mais incerto, complexo, ambíguo e altamente volátil (MILES, 2021). Tais estudos apontam tendências que já estão sendo implantadas ou que serão até 2035, com forte impacto nos negócios e nos empregos. Na possível massa de 'inúteis', de pessoas irrelevantes, que não serão absorvidas pelo novo mercado que se desenha e que requer atualizar-se constantemente. Nesse sentido, saber coletar, organizar e analisar esses dados, serão um trunfo aos ecossistemas de inovação que apostarem na gestão do conhecimento empoderado (knowledge management).

REFERÊNCIAS

BEAL, A. **Gestão Estratégica da Informação: como transformar informação e tecnologia da informação em fatores de crescimento e de alto desempenho nas organizações.** Atlas, 2004.

FAGERBERG, J; GODINHO, M. (2003). **"Innovation and catching up"**. <http://ideas.repec.org/p/tik/wpaper/24.html>, acesso em: 12/02/2022.

MILES, I. **Prospectiva para Ciência, Tecnologia e Inovação.** Fiocruz, 2021.

OH, Deog-Seong et al. **Innovation ecosystems: A critical examination.** Technovation, v. 54, p. 1-6, 2016.

ROSENBERG, N. **Inside the black box: technology and economics.** Cambridge, 2009.

SEBRAE. **Legislação: conheça as leis relacionadas à inovação.** Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/inovacao/politicas-de-apoio/legislacao>>. Acesso em: 03.05.2022.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial.** Fórum Econômico, Edipro, 2021.

TELLECHEA, J. **Análise de desempenho do sistema baiano de inovação à luz da articulação observada entre seus atores.** Dissertação, EAUFBA. Salvador, 2015.

TIDD, J. **Gestão da Inovação.** Bookman, 2015.

SUPERANDO DIVERGÊNCIAS: A Jornada de dois movimentos de inovação no ecossistema de Feira de Santana

Andreizza Albernaz Vanin Rosado¹¹

Edilson Nolaço Dos Santos¹²

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, falar em implantação de ecossistemas de inovação já é inovador. O tema não é amplamente conhecido fora das instituições participantes, mas emerge como uma abordagem crucial para estimular a colaboração entre empresas, universidades, instituições de pesquisa e setor governamental. Esse processo envolve a criação de uma rede dinâmica de atores que trabalham em conjunto para fomentar o desenvolvimento de novas ideias,

¹¹ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Feira de Santana/Bahia.

¹² Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Bahia.

tecnologias e empreendimentos, impulsionando assim a economia e a competitividade nacional (Jishnu et al., 2011).

Neste cenário, trazer a inovação para o centro da cidade é uma questão de desenvolvimento econômico e melhoria da qualidade de vida da população. Quando uma região consegue desenvolver o seu ecossistema de inovação, acontece melhorias na empregabilidade, retenção de talentos e desenvolvimento de negócios, que conseguem passar da fase inicial por meio de apoio de espaços como incubadoras, aceleradoras, ambientes de inovação e centros tecnológicos que oferecem suporte necessário para seu desenvolvimento (Spinosa et al, 2015.). Além disso, a resolução de problemas locais ocorre com maior frequência, pois observa-se uma crescente tendência em que os cidadãos, empresas avançadas e governos locais atuam como catalisadores proativos de inovação. Esse movimento está transformando as cidades em agentes de mudança significativa, abordando desafios específicos de maneira mais eficaz e direcionada (Kominos et al, 2013).

Em Feira de Santana, BA, duas comunidades se destacam como ecossistemas de inovação. A primeira e mais antiga é o Santana Valley, criada entre os anos de 2016 e 2017 por empreendedores de tecnologia e inovação, que por um longo período conseguiu ocupar lugar de destaque na cidade. A segunda, o Sertão Inovador, surgiu em 2021, juntamente com o projeto de mapeamento de ecossistemas pelo Sebrae em parceria com a Fundação CERTI e a Fecomércio. O objetivo comum entre os dois movimentos era promover o desenvolvimento econômico do município, buscando a organização dos atores envolvidos na construção de uma agenda direcionada a promover a inovação.

No entanto, não houve uma atuação harmônica entre os dois movimentos, e as divergências entre as duas frentes de inovação da cidade provocaram desentendimentos entre atores, sobretudo em relação ao papel de cada um dentro do ecossistema de inovação. Além disso, a criação do Sertão Inovador, que representaria o novo

nome para o ecossistema da cidade, causou dispersão da comunidade de startups que fazia parte do Santana Valley. Ainda, em razão disso, grande parte dos empresários envolvidos com inovação deixaram de frequentar as reuniões do ecossistema, passando a ser um problema para todos. Com efeito, não houve a unificação dos movimentos nem a atuação harmônica deles.

Diante disso, ficou clara a necessidade de uma ação que promovesse o fortalecimento dos dois grupos, de forma que cada um preservasse sua identidade e, ao mesmo tempo, compreendesse que poderia haver atuação colaborativa para o fortalecimento da inovação e avanço do ecossistema no município frente as diferenças.

2 CONTEXTO E DILEMA

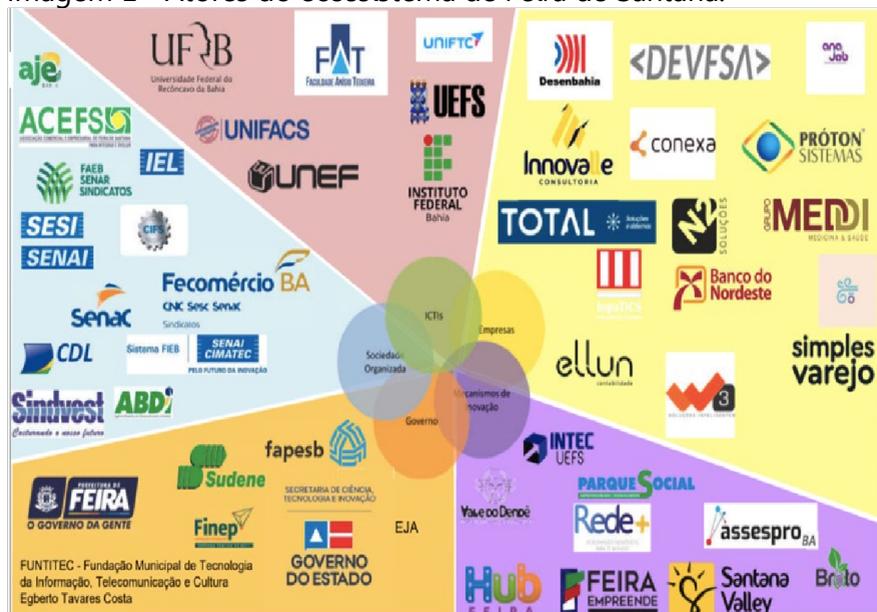
Conhecida como o portal do sertão, Feira de Santana se consolida como a terceira maior cidade do Estado da Bahia em relação ao produto interno bruto. A cidade tem uma forte ligação histórica com o comércio, e surgiu a partir de uma feira formada por viajantes e tropeiros procedentes do alto sertão baiano e de outros estados a caminho do porto de Cachoeira, então a vila mais importante da Bahia (Feira de Santana, s.d).

O Município possui 616.279 habitantes (IBGE, 2022) e um forte centro comercial e industrial, alcançando um PIB de mais de R\$ 15 bilhões em 2020 (IBGE, 2020), valor superior ao de algumas capitais brasileiras. Segundo dados da RAIS (2019), o município dispõe de 21.500 empresas, sendo 30% concentradas no varejo, 17% no setor atacadista e 8,6% no da saúde. Além disso, é um grande polo educacional, formado por instituições públicas e privadas de ensino superior e organizações que ofertam o ensino técnico e profissionalizante. Na área tecnológica, a cidade possui 11 instituições de oferta de ensino superior, com 106 cursos de graduação entre os eixos selecionados, 12 programas de mestrado e 4 doutorados (CERTI; Fecomércio; Sebrae, 2021).

Considerando os setores com maior produtividade, as vocações econômicas do município estão identificadas as áreas da saúde, alimentos, agropecuária, fabricação de borracha e material plástico, produtos químicos, fabricação de celulose, metalúrgica, fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, confecção de vestuários e fabricação de móveis (CERTI; Fecomércio; Sebrae, 2021).

A cidade também abriga uma ampla variedade de atores que fazem parte do cenário de inovação local. Essa diversidade foi retratada através das hélices de inovação, como pode ser observado na figura abaixo:

Imagem 1 - Atores do ecossistema de Feira de Santana.



Fonte: CERTI; Fecomércio; Sebrae, 2021

Diante deste cenário, não é difícil perceber que a cidade possui um potencial excepcional para desenvolver um forte ecossistema de inovação. Com uma combinação notável de recursos

humanos, infraestrutura e uma cultura pró-inovação, todas as condições favoráveis estão presentes para impulsionar o desenvolvimento de ideias. Além disso, a proximidade com centros acadêmicos, instituições de pesquisa renomadas e indústrias estabelecidas, criam um ambiente propício onde talentos são nutridos, ideias são encorajadas e soluções inovadoras podem florescer, transformando o local em um verdadeiro polo de referência para o avanço tecnológico e a prosperidade econômica.

Entretanto, um ecossistema de inovação é, por si só, um ambiente extremamente complexo e dinâmico, que envolve diversos atores e elementos interdependentes trabalhando em conjunto para promover o surgimento de inovação (Russo-Spena et al, 2017). Assim, desde o processo de formação, é comum que exista divergências de ideias e dificuldades de alinhamentos nas ações que precisam ser tomadas. Afinal, apesar da cooperação ser um dos fatores principais de um ecossistema de inovação e estar presente em todo o processo, cada instituição e ator possuem interesses os objetivos individuais. Dito isso, pode-se traçar um paralelo e visualizar a problemática da interação de atores na formação do ecossistema de inovação de Feira de Santana.

Desde os anos 2000, os empresários da área de tecnologia têm se reunido para representar a cidade em eventos externos de tecnologia e mostrar que o município possui representatividade do segmento. Dessa forma, associaram-se a Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (ASSESPRO) e começaram a trazer eventos de tecnologia também para a cidade. Entre os anos 2016/2017, surgiu um novo ajuntamento de empresários, de forma orgânica e informal, que mais adiante ganhou o nome de Santana Valley - em referência ao Vale do Silício, maior e mais conhecido ecossistemas de inovação do mundo. O Santana Valley conseguiu reunir diversas startups, professores universitários e instituições de representatividade como o Sebrae, IEL, Associação do Comércio entre outras. O objetivo naquele momento era se

posicionar como uma comunidade propulsora em tecnologia e inovação em Feira de Santana e, para isso, foi construída uma agenda de realização de diversos eventos na área, como Hackatons, palestras, encontros e apoio na realização das Semanas de Inovação do Sebrae. Com isso, Santana Valley marcava presença como ecossistema de inovação de Feira de Santana, chegando a representar a cidade em eventos pelo país.

Em 2019, teve início discussões de alguns atores junto a prefeitura e outras instituições para trazer para Feira de Santana o primeiro Hub de inovação, fato que se consolidou em 2021, com a inauguração do Hub Feira. Ainda nesse ano, o Sebrae, por meio da execução da Metodologia ELI, em parceria com a Fundação CERTI e Fecomércio, começou a mapear os ecossistemas de inovação nacionais com o objetivo de identificar os respectivos os níveis de maturidade, classificar as principais vocações econômicas e tecnológicas e propor ações que resultassem no amadurecimento desses ecossistemas. A aplicação da Metodologia ELI em Feira de Santana ocorreu durante o ano de 2021. Neste período, foi elaborado um plano de intervenção com as principais ações que deveriam ser executadas para desenvolvimento do ecossistema, bem como identificado o nível de maturidade (CERTI; Fecomércio; Sebrae, 2021).

O nível de maturidade representa o estágio de desenvolvimento e verifica o quanto os municípios estão preparados para realizar ações que incentivam o empreendedorismo e a geração de renda. Para sua identificação, são consideradas a efetividades e a integração dos integrantes das seis vertentes que fazem parte do ecossistema (Sebrae; CERTI, 2019). A figura abaixo demonstra a análise e definição do nível de maturidade do ecossistema de Feira de Santana:

Figura 2. Nível de maturidade do ecossistema de Feira de Santana

Vertente	Integrantes da Vertente	Grau de Efetividade	Grau de Integração	Grau de Maturidade
Ambientes de Inovação	Pré-incubadora	0	0	0,86
	Incubadora	1	1	
	Aceleradora	0	0	
	Parque Tecnológico	0	0	
	Espaço Maker	1	1	
	Centro Inovação	3	3	
Programas e Ações	Coworking	1	1	2,25
	Programas e Ações	2	2	
ICTI	Protagonismo Empresarial	2	3	3,75
	Formação de Talentos	4	4	
Políticas Públicas	Inovação	4	3	2,00
	Legislação de Inovação e Benefícios	2	-	
Capital	Órgão Público de Inovação	2	-	1,00
	Investidores Anjos	1	-	
	Venture Capital	0	-	
Governança	Instituições de fomento	2	-	3,00
	Governança	3	-	
			Nota	12,86
Grau de Maturidade		Em Estruturação		

Fonte: CERTI; Fecomércio; Sebrae, 2021.

Após a conclusão da aplicação da metodologia ELI, foi construído um plano de ação para nortear a atuação dos atores e viabilizar a criação de uma governança que representasse a maior parte dos membros do ecossistema e tivesse tanto capacidade, quanto legitimação, para escolher os rumos estratégicos que o ecossistema deveria tomar. Então, os atores iniciaram as reuniões quinzenais para tentar estruturar as ações necessárias para a prática do planejamento.

Entretanto, houve um impasse na escolha do nome do ecossistema. Uma parte dos atores acreditava não ser necessária a mudança, visto que o nome Santana Valley era reconhecido por autoridades, instituições e outros ecossistemas pelo país. A outra parte, composta por atores que estavam iniciando o trabalho em conjunto no ecossistema, não se viam representados pelo nome já existente, e entendiam que aquele era o início real do ecossistema e merecia a escolha de um nome que representasse a todos.

Assim, depois de seguidas reuniões e discussões sobre o assunto foi decidido que haveria a escolha de um novo nome para o ecossistema de inovação da cidade, o qual ficou definido como Sertão Inovador. A partir disso, o ecossistema passou a participar de alguns projetos importantes para a melhoria da qualidade de vida da cidade, como a Requalificação das Bacias dos rios Jacuípe e Subaé. Parecia, então, que estava se encaminhando para consolidação do novo nome.

No entanto, os atores que faziam parte do Santana Valley resolveram se afastar das reuniões quinzenais do ecossistema de inovação, ponderando que a mudança não significava apenas a troca de nome, mas a alteração da identidade da comunidade e o desrespeito à história do Santana Valley. Ao mesmo tempo, surgiram indícios de insatisfação entre outros atores quanto à orientação das reuniões, que aparentavam estar se afastando do objetivo principal: a execução do plano de ação elaborado pelo Sebrae em parceria com a Fundação CERTI e Fecomércio. Além disso, percebeu-se uma lacuna significativa no engajamento do setor empresarial, o que acabou gerando um desequilíbrio dentro do próprio ecossistema de inovação.

Essa situação levantou preocupações entre os envolvidos, e tornou-se evidente que um realinhamento era necessário para retomar o foco na concretização dos objetivos iniciais e fortalecer a abordagem colaborativa que impulsiona a inovação. Ademais, "um ecossistema de inovação é constituído pelas sinergias complexas

entre uma variedade de esforços coletivos envolvidos em trazer a inovação para o mercado” (Wessner, 2007, p.5).

Neste contexto, a ausência da sensação de pertencimento ao ecossistema fez com que os atores perdessem a motivação e não conseguissem visualizar pontos de convergência para o trabalho colaborativo. Diante disso, surgiu o dilema: como promover o fortalecimento e a união dos dois grupos de modo a preservar a identidade de cada um, possibilitando uma atuação colaborativa para impulsionar a inovação na cidade?

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

Após concluir a fase de mapeamento da Metodologia ELI e elaborar o plano de intervenção, o ecossistema conta com o Programa ALI Ecossistema. Desenvolvido pelo Sebrae, este programa é composto por agentes catalisadores, cuja responsabilidade é incentivar o engajamento e a mobilização dos atores, visando fortalecer o ecossistema e, por consequência, aumentar sua maturidade (Impact Hub Brasil; Sebrae, 2022).

A atuação do Agente Local de Inovação em Feira de Santana teve início em agosto de 2022. Diante da situação apresentada no ecossistema, a primeira atividade foi realizar entrevistas com os principais atores para sondar a problemática em questão. Disso, ficou evidente a dimensão do descontentamento e os impactos que poderia comprometer a sobrevivência do ecossistema. A solução então, direcionava-se para o entendimento que as duas comunidades poderiam coexistir. Nesse sentido, o surgimento do Sertão Inovador não precisava significar a extinção do Santana Valley. Do mesmo modo, a simultaneidade das comunidades alinhava-se ao próprio conceito de ecossistemas, alicerçado na cooperação sinérgica entre diferentes atores.

O primeiro passo, então, foi a compreensão de que cada grupo precisava constituir sua própria governança, enfatizando a

singularidade e a autonomia de cada um deles. Essa ação fundamental visou estabelecer as bases para uma colaboração mais eficaz e uma abordagem unificada, ao mesmo tempo em que buscou respeitar as características distintas de cada componente do ecossistema. Isso ficou evidenciado na previsão de um representante do Santana Valley na governança do Sertão Inovador, uma vez que já existia uma reciprocidade estabelecida em relação ao Santana Valley.

O segundo passo foi definir as frentes de atuação de cada movimento, evitando sobreposições de ações e otimizando os resultados. Isso envolveu uma cuidadosa análise das competências de cada frente, juntamente com uma avaliação dos objetivos estabelecidos. Ao delinear claramente as áreas de foco de cada grupo, pôde-se garantir uma distribuição eficiente de esforços, minimizando conflitos e maximizando os resultados. Essa abordagem estratégica não apenas melhorou a coordenação interna, mas também fortaleceu a capacidade de enfrentar os desafios de maneira mais abrangente e coesa.

Posto isso, as ações do Santana Valley se concentraram na promoção do empreendedorismo, com foco na criação de um ambiente propício para o crescimento de empreendimentos, desenvolvimento e consolidação de novos negócios com o objetivo de impulsionar a geração de empregos, estimular a inovação e contribuir para o fortalecimento da economia local e regional. Isso pode ser comprovado pelo seu ativo envolvimento nas iniciativas relacionadas à criação do projeto Hub Residente, uma incubadora de startups em estágio inicial, resultante da colaboração entre o Sebrae, a Prefeitura Municipal e o Hub Feira.

Por sua vez, o Sertão Inovador empenhou-se na construção de ligações com agentes públicos e instituições como parte de sua estratégia para promover a inovação, estabelecendo parcerias estratégicas com órgãos governamentais, organizações não governamentais e instituições de pesquisa, visando à criação de

políticas e iniciativas que fomentassem um ambiente favorável à adoção de práticas inovadoras, além de facilitar o acesso a recursos e conhecimento necessário para impulsionar o desenvolvimento regional sustentável e a colaboração entre setores. Como ação concreta, destaca-se o envolvimento ativo no Grupo de Trabalho da Lei de Inovação, uma atuação próxima à Secretaria de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico e a Câmara de Vereadores do município com o propósito de impulsionar a aprovação da lei de inovação da cidade.

Nesse sentido, as divergências entre os grupos têm sido mitigadas, fortalecendo a compreensão de que tanto o movimento Santana Valley quanto o Sertão Inovador são interdependentes e podem coexistir de maneira harmônica. Essa perspectiva tem estimulado uma abordagem genuinamente colaborativa, em contrapartida à exclusão, ao mesmo tempo em que tem desenhado um roteiro claro para os próximos passos que irão moldar o curso futuro do ecossistema. A medida em que os movimentos Santana Valley e Sertão Inovador encontram meios de se complementar, a interação entre eles passa a ser conduzida por uma mentalidade de cooperação, resultando em sinergias benéficas para toda a comunidade.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

Desde o início do movimento de inovação em Feira de Santana, o Sebrae desempenhou um papel fundamental, atuando como um apoio essencial para viabilizar as ações. Para Abcely Gonzaga Lima, CEO da Simples Varejo e representante do Santana Valley, “o Sebrae é uma instituição que ao longo dos anos vem se inovando bastante e contribuiu muito para o crescimento do ecossistema local de Feira de Santana e do Brasil”.

Durante o mapeamento do ecossistema, o Sebrae contou com a parceria da Fundação CERTI e a Fecomércio para elaboração do diagnóstico. O documento descreve as características econômicas e tecnológicas da região, além de formalizar um plano de intervenção com as principais diretrizes que servirão de base para orientar a tomada de decisão. Além disso, o Sebrae viabilizou a realização do curso Master em Governança para os principais atores do ecossistema, com o objetivo de fornecer uma orientação sólida na tomada de decisões relacionadas à governança.

O Hub Feira desempenhou um papel significativo na promoção do desenvolvimento da inovação no município. Em agosto de 2022, em colaboração com a

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Secretaria Municipal de Comunicação Social (SECTI), selecionou duas empresas de base tecnológica para um programa de incubação de dois anos, oferecendo orientação, treinamento, especialização e acesso ao coworking. O Hub tem demonstrado uma disposição constante em ceder espaço para eventos relacionados à temática, e muitas vezes serve como local de trabalho para o Agente Local de Inovação.

O Instituto Pensar Feira, que se coloca como um foro de ideias e debates de ações que melhorem a qualidade de vida, facilitou em diversos momentos a comunicação entre os atores, especialmente com o poder público e instituições de ensino. Durante o ano de 2022, o Instituto foi um parceiro em um dos projetos do Sertão Inovador, o SerTão Cidadão, que atendeu ao Centro Integrado de Educação Municipal Professor Joselito Falcão de Amorim, trazendo atividades no contraturno escolar, além de fazer parte da equipe de apoio da Requalificação das Bacias dos Rios Jacuípe e Subaé.

O desenvolvimento do Programa Sebrae ALI Ecossistemas também merece destaque. A disponibilização de um agente para atuar no fortalecimento das relações entre os diversos atores e

instituições dentro de ecossistemas criou um ambiente propício para a cooperação a longo prazo. Afinal, a troca contínua de conhecimento entre startups, empresas consolidadas, academia e setor público resulta em um ciclo de aprendizado constante, promovendo a evolução contínua do ecossistema como um todo. Segundo Breno Caires, gestor do Hub Feira e CEO da Conexa, “a presença de um agente de inovação foi fundamental, justamente por ser a pessoa que representa mais fortemente a presença do Sebrae”.

Todas essas ações mantiveram o ecossistema em um estado de constante movimento, demonstrando a sua capacidade intrínseca de gerar benefícios para todos os participantes envolvidos. Esse dinamismo resultou em uma mudança de perspectiva, onde a decisão de “ficar de fora” passou a ser vista como uma fonte potencial de perdas significativas. Esse novo panorama teve um impacto direto no entendimento coletivo das comunidades Santana Valley e Sertão Inovador, evidenciando que os diversos atores dentro do ecossistema precisam colaborar e superar suas diferenças para aproveitar plenamente os resultados provenientes dessa sinergia.

5 CONCLUSÃO

A trajetória dos movimentos ligados à inovação, o Santana Valley e o Sertão Inovador, no município de Feira de Santana reflete a dinâmica inerente à inovação. A divergência inicial foi posteriormente superada pela percepção dos benefícios substanciais de fazer parte de um ecossistema e colaborar de maneira conjunta. Essa evolução reflete não apenas a maturidade alcançada por esses grupos, mas também a compreensão de que a cooperação é fundamentais para o crescimento e o sucesso do ecossistema de inovação. A lição extraída desse percurso é que, muitas vezes, a união em torno de objetivos comuns pode ser mais poderosa do que divergências, e o fortalecimento de laços colaborativos pode resultar em realizações notáveis e avanços

significativos para se alcançar o desenvolvimento econômico e social de uma região.

REFERÊNCIAS

CAIRES, Breno Silva. Depoimento [ago. 2023]. Entrevistadora: Andreizza Albernaz Vanin Rosado. Feira de Santana. **Entrevista concedida para o estudo de caso: Superando divergências: A jornada de dois movimentos de inovação no ecossistema de Feira de Santana.**

CERTI; FECOMÉRCIO; SEBRAE. Plano consolidado de intervenção no ecossistema de Feira de Santana. 2021

JISHNU, V.; GILHOTRA, R. M.; MISHRA, D. N. (2011); "Pharmacy education in India: Strategies for a better future". **Journal of Young Pharmacists**, v. 3, n. 4, p. 334342.

IMPACT HUB BRASIL; SEBRAE. **Metodologia ALI ecossistemas.** 2022.

LIMA, Abcely Gonzaga. Depoimento [ago. 2023]. Entrevistadora: Andreizza Albernaz Vanin Rosado. Feira de Santana. **Entrevista concedida para o estudo de caso: Superando divergências: A jornada de dois movimentos de inovação no ecossistema de Feira de Santana.**

KOMNINOS, N.; PALLOT, M.; SCHAFFERS, H. (2013); "Special Issue on Smart Cities and the Future Internet in Europe". **Journal of the Knowledge Economy**, v. 4, n. 2, p. 119-134.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Cidade.** Feira de Santana, Ba. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=2&link=segov/cidade.asp#:~:text=O%20nome%20da%20cidade%20é,devoção%2C%20Senhora%20Sant%27Anna>. Acesso em: 22 ago. 2023.

RUSSO-SPENA, T; TREGUA, M; BIFULCO, F. Searching through the jungle of innovation conceptualisations: System, network and ecosystem perspectives. **Journal of Service Theory and Practice**, v.27, n.5, p.977-1005, 2017.

SEBRAE; CERTI. **Manual metodologia de atuação, gestão e monitoramento por níveis de maturidade dos ecossistemas de inovação**. 2019.

SPINOSA, Luiz Márcio; SCHLEMM, Marcos Muller; REIS, Rosana Silveira. Brazilian innovation ecosystems in perspective: some challenges for stakeholders. **REBRAE**, v. 8, n. 3, p. 386-400, 2015.

WESSNER, C. W. et al. (Ed.). **Innovation policies for the 21st century: report of a symposium**. Washington: National Academies Press, 2007.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA APROXIMAÇÃO ENTRE ACADEMIA E MERCADO EM JANDAIA DO SUL, NO VALE DO IVAÍ

Francine De Lima Santos¹³

André Luiz Turetta¹⁴

1 INTRODUÇÃO

Em meados de 2021, iniciou-se um movimento de ecossistema de inovação organizado por representantes da Prefeitura, Associação Comercial e Empresarial de Jandaia do Sul (Acejan), Universidade Federal do Paraná - Campus de Jandaia do Sul (UFPR), instituições financeiras, Sebrae, Senac e Senai, o objetivo dessa governança era claro, criar um ambiente favorável para as empresas inovadoras prosperarem em Jandaia do Sul.

Intitulada como Inova Jandaia, a governança iniciou sua missão a fim de estruturar e implementar programas e ações

¹³ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Jandaia do Sul - Paraná.

¹⁴ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Paraná.

destinados a fomentar a inovação no município. No entanto, um dos grandes desafios foi manter o engajamento dos atores que são pessoas voluntárias, representantes de instituições no Ecossistema Local de Inovação (ELI). Além disso, outra dificuldade encontrada é a de envolver os empreendedores locais nas discussões, ouvi-los e entender de que forma as instituições poderiam contribuir para que ele cresça e se desenvolva na cidade.

Apesar dos obstáculos, diversos programas e ações foram implementados visando fomentar o empreendedorismo e a cultura de inovação em Jandaia do Sul. Graças ao apoio das instituições envolvidas, com destaque para o Sebrae e a UFPR, cursos foram realizados e algumas aproximações com empresários já deram resultados positivos.

No momento o foco da governança é disseminar e reproduzir as boas práticas, além de promover uma estreita colaboração entre o empresariado e a Universidade. A Instituição de Ensino está empenhada em apoiar os empreendedores, aproveitando sua estrutura de pesquisa e simplificando a logística para os empresários locais.

Este estudo visa demonstrar a importância da aproximação entre academia e mercado, a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, através de visitas in loco, entrevistas e coleta de dados por formulários, no período de outubro de 2022 a novembro de 2023.

2 CONTEXTO E DILEMA

2.1 Os Setores Propulsores De Inovação Em Jandaia Do Sul.

Jandaia do Sul, a maior cidade da região do Vale do Ivaí, com uma população de 21.408 habitantes, está situada a 384 quilômetros da capital Curitiba, no estado do Paraná. Fundada em 1942 pela Companhia de Terras Norte do Paraná, a cidade se

destacou como um centro agrícola devido aos solo fértil e ao cultivo de café na região. Seu PIB per capita, de acordo com dados de 2020 do IBGE, é de R\$36.093, impulsionado principalmente pelos setores de agronegócio, comércio e serviços.

A governança Inova Jandaia, é resultado de um planejamento estruturado, que contou com metodologias e ferramentas que contribuíram com o fortalecimento e engajamento das ações em prol da inovação no município, baseado na teoria da hélice tripla, em que Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff, (2000) descrevem a interação entre três setores principais na promoção da inovação e desenvolvimento econômico: o setor acadêmico, o setor empresarial e o setor governamental unem esforços para transformar conhecimento em inovação .

A governança Inova Jandaia, tem como visão ser uma agente transformadora na promoção do empreendedorismo inovador, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do município até 2025, e a sua missão é fazer de Jandaia do Sul, uma das cidades mais inovadoras do Paraná.

A evolução do ELI na cidade está sendo gradativa, com programas e ações voltados a disseminar a cultura da inovação, Edgar Schein (2009), um renomado autor em cultura organizacional, sugere que a cultura da inovação não é apenas sobre adotar novas tecnologias, mas também sobre criar um ambiente onde a inovação seja incentivada e apoiada em todos os níveis.

A Prefeitura de Jandaia do Sul teve o apoio do Sebrae e do programa ALI, na elaboração de um mapeamento para identificar os setores propulsores para inovação no ELI da cidade. Um trabalho minucioso, levantando dados econômicos, educacionais, visitando, entrevistando empresários e entidades locais que culminou na identificação de qual o setor prioritário para a inovação a fim de potencializar seus resultados e impactar diretamente na economia da cidade.

Segundo a metodologia do Sebrae, um ecossistema de inovação é um conjunto de fatores que estimula a interação e cooperação entre atores, entidades e instituições a fim de promover um ambiente favorável às empresas. Ele deve apoiar o desenvolvimento dos negócios da sua região, seja qualificando mão de obra, ou através de leis que simplifiquem e desburocratizem a abertura de novas empresas.

Stern e Porter (2002), abordam a importância dos ecossistemas de inovação em nível nacional, destacando como a colaboração entre empresas, universidades e governo podem auxiliar a capacidade de uma nação de inovar, trazendo uma visão pioneira ao incentivar a união dos atores.

Em Jandaia do Sul os setores identificados foram a cadeia do agronegócio, que historicamente continua trazendo desenvolvimento econômico para a região, setor de químicos e materiais, vestuário, metalmecânica, tecnologia da informação e comunicação, sendo esse um setor transversal que pode atender a todos os setores. Com isso, temos definido o foco de atuação do ELI, pois esses setores serão priorizados a fim de fomentar e desenvolver programas e ações que proporcionem um ambiente favorável às empresas existentes na cidade.

2.2 A Chegada Da Primeira Universidade Do Brasil Em Jandaia Do Sul

Jandaia do Sul conta com um Campus da UFPR, implantado em fevereiro de 2014, com objetivo de atender dois milhões de habitantes dos 28 municípios que compõem o Vale do Ivaí. Possui 35 laboratórios e equipamentos que podem servir de apoio aos empreendedores da região, uma oportunidade de alavancar negócios e de fazer pesquisas e desenvolvimento com a mão-de-obra da universidade. O grande desafio está em mostrar aos

empreendedores e produtores rurais que eles podem buscar o apoio da universidade.

A instalação da UFPR na cidade é considerado um movimento importante do ecossistema de inovação, mesmo quando ele ainda não estava estabelecido, pois envolveu diversas parcerias na busca de apoio, local, regional, além de articulações políticas para que o objetivo final fosse atingido.

Anualmente a instituição oferta 250 vagas divididas em cinco cursos de graduação, contribuindo de forma efetiva com a região, estando inserida em diversas frentes que tracionam o ecossistema de inovação de Jandaia do Sul, participando da governança com os seus professores e pesquisadores.

2.3 Políticas Públicas Rumo À Inovação

Uma das primeiras ações da governança Inova Jandaia foi a elaboração da Lei de Inovação no município e o envio para à aprovação a Câmara de Vereadores, lei essa que estabelece a criação da Política Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação como instrumento de governança, destinado a orientar as atividades dos diversos atores na perseguição de objetivos que promovam o desenvolvimento científico e tecnológico.

Através da Lei de Inovação de Jandaia do Sul, foi criado o Conselho Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação (CMCTI), que desde 2021, reúne os membros das principais instituições da cidade, que foram nomeados através do decreto municipal, para contribuir mensalmente nas reuniões com ideias e discutir ações além de propor soluções inovadoras no ELI.

A lei possibilitou também que as Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTIs) públicas poderão compartilhar seus laboratórios, equipamentos, instrumentos, materiais e demais instalações com empresas sediadas no município em atividades voltadas à inovação tecnológica e pesquisa, para atividades de

incubação, sem prejuízo de sua atividade final. Com isso, a UFPR, está autorizada legalmente a compartilhar suas estruturas com as empresas da localidade, sendo uma grande oportunidade para o desenvolvimento de empresas inovadoras do município.

2.4 Programas E Ações Para Disseminar A Cultura Da Inovação

Segundo a metodologia proposta pelo Sebrae, são 6 vertentes que compõem o ecossistema local de inovação, são elas: programas e ações, ICTIs, políticas públicas, ambientes de inovação, capital e governança. Através de cada vertente o empreendedor encontra apoio em sua jornada, fazendo com que o município se torne um local favorável para empresas inovadoras.

Os programas e ações se destacam em ELI com nível de maturidade inicial, somente no ano de 2021 mais de 264 pessoas participaram dos eventos do ELI de Jandaia do Sul, através de cursos, palestras, oficinas, seminários. Em 2022 o trabalho continuou e o protagonismo das entidades parceiras, como a Prefeitura, Câmara Municipal, Sebrae, Associação Comercial e Empresarial de Jandaia do Sul - Acejan e da UFPR foram de grande importância para a continuidade das ações.

Dois cursos de programação de sistemas disponibilizados gratuitamente, sendo um na criação de Banco de Dados e outro de Linguagem Python, que foram realizados pelo projeto de extensão Nanomakers, com carga horária de 20 horas cada, com objetivo de capacitar os jovens da localidade a esta área tão fértil e promissora que é a de Tecnologia da Informação sendo inclusive uma das áreas prioritárias para inovação conforme o mapeamento dos setores prioritários propulsores de inovação.

2.5 Agente Local De Inovação Em Apoio Ao Eli

O Agente Local de Inovação (ALI) surge da necessidade em catalisar informações, engajar os atores e todos os componentes da localidade e de forma personalizada para cada município identificar os gargalos, capacitado através da metodologia ELI que tem por missão propor a organização, gestão e monitoramento de ecossistemas de inovação por níveis de maturidade.

Sempre orientado a valorizar o que já existe no município, dar luz aos diversos atores, colocar os empreendedores no centro, motivar o trabalho em colaboração e ressaltar que o ecossistema não tem dono, favorecer a diminuição do senso de competição e fomentar a busca colaborativa pelos interesses em comum é o propósito do ALI dentro da governança.

Em Jandaia do Sul o foco do ALI, está em promover e facilitar o engajamento entre os atores, fortalecer e organizar programas e ações, apoiando os potenciais empreendedores, fomentando e motivando a criação dos primeiros ambientes de inovação, além de estimular o empreendedorismo nas ICTIs. Nesse contexto, em outubro de 2022 chega o Agente Local de Inovação em Jandaia do Sul.

A ALI precisou se inteirar do município, identificar suas peculiaridades, adaptar-se à realidade local e visualizar seu potencial, conhecer os atores-chave e trabalhar a fim de somar esforços junto ao ELI. Um dos primeiros trabalhos realizados pela ALI foi a entrevista com os atores da governança e do CMCTI, que foi fundamental para entender o contexto e acolher as sugestões e dificuldades de cada participante.

Uma das queixas comuns dos atores da governança, foi a questão do excesso de reuniões com temas parecidos, como Jandaia do Sul é um município pequeno, as temáticas tratadas nos conselhos municipais são semelhantes e os atores se sentem sobrecarregados, isso diminui o nível de engajamento nas ações do grupo e da governança.

2.6 O Dilema: Aproximação Entre Academia E Mercado

O principal desafio observado no ecossistema de inovação está em aproximar os empresários das ações da governança, pois inúmeras são as sugestões apresentadas, porém sem a participação do empresariado local, não há como definir se as sugestões/ações são efetivas e integradas com as dificuldades vividas por eles. Tê-los como voz ativa na governança é uma necessidade em Jandaia do Sul.

A UFPR dispõe de diversos equipamentos para análises, testes e prototipagens que podem ser úteis para apoiar as empresas inovadoras da cidade, desenvolver estudos ou mapear processos. Além disso, conta com a mão-de-obra dos alunos que podem dedicar seu tempo aos estudos de pesquisa e desenvolvimento a fim de colaborar com os desafios enfrentados pelas empresas. Eles têm a facilidade de investigar in loco as situações de interferência, proporcionando resultados mais abrangentes e efetivos aos empresários locais.

Do ponto de vista empresarial, poder contar com essa estrutura e tecnologia de ponta, pesquisas apuradas no quintal de casa é uma grande oportunidade, tanto no que diz respeito a economia de recursos, quanto na questão de economia de tempo. Testar e validar soluções não é uma tarefa fácil e ter o apoio, o acesso ao conhecimento técnico da universidade é algo de valor imensurável.

Henry Chesbrough cunhou o termo "inovação aberta" e o descreveu como a prática de empresas buscarem ativamente fontes externas de tecnologia, ideias e conhecimento, bem como compartilhar suas próprias inovações não utilizadas com outras organizações, barreiras como os segredos e fórmulas inventivas são derrubadas, pois é preciso compartilhar dados e informações para uma solução assertiva.

A inovação aberta é uma das formas de acelerar o desenvolvimento de tecnologias, visando um futuro melhor, é uma

ferramenta de colaboração, aproximando empresas na realização de pesquisas e no desenvolvimento de novos processos. O ritmo acelerado que o mercado vem impondo nos últimos anos, induz as empresas a se reinventar a todo o tempo, e muitas são forçadas a ir pro mercado em busca de novas soluções.

Por maior que seja a equipe de pesquisa e desenvolvimento de uma empresa em relação ao número de tecnologias e novas soluções que têm surgido é uma tarefa desafiadora conseguir capturar e entender todas as possibilidades, é nisso que a universidade pode colaborar, testando, analisando e validando soluções.

Uma das questões observadas foi a necessidade de traduzir a linguagem técnica para um contexto empresarial, a adaptação de linguagem se faz necessária, isso implica em oferecer treinamentos para capacitar os colaboradores e incorporar os princípios da cultura de inovação nas empresas.

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

O ELI deve centralizar a figura do empreendedor e, quando se trata do desenvolvimento de empreendimentos inovadores, é fator essencial no sucesso, apoiar em cada etapa do negócio, isto envolve todas as fases do processo, desde o desenvolvimento da ideia, a sintonia problema-solução, sintonia solução-mercado, escalonamento até o momento em que ele precisa crescer e diversificar a sua empresa, ter na localidade 35 laboratório, sendo 4 ambientes inovadores é um grande diferencial na localidade.

Quando a governança está unida para colaborar e agir coletivamente temos como resultado a facilitação do processo de empreender. A integração e efetividade nas ações é o caminho que eleva o ecossistema de inovação a outro patamar de maturidade e pode ser mensurado através de dados como a criação de empregos e melhoria dos indicadores econômicos.

3.1 Mapa Da Empatia, Buscando Fortalecer O Eli.

As entrevistas com os atores proporcionaram a ALI uma visão global do ecossistema de inovação e com isso foi possível desenvolver um mapa da empatia que é uma ferramenta utilizada para compreender melhor o ambiente, comportamentos, preocupações e aspirações de uma amostra dos atores do ELI e suas percepções sobre: o que vê acontecendo ao seu redor, o que ele escuta, o que ele fala e faz, o que ele sente em termos de ganhos e dores.

Através do mapa da empatia foi possível mensurar o senso de pertencimento dos atores, o senso de colaboração mútua em que os atores possam se sentir valorizados fortalecendo o ecossistema de inovação. Esse material foi apresentado para a governança e para os membros do CMCTI proporcionando o debate para a execução de melhorias conforme as sugestões apresentadas.

Foi identificado a necessidade de melhorar a comunicação com os atores, a motivação do grupo, com isso a ALI se envolveu com a criação de materiais informativos a fim de divulgar as ações da governança, bem como do CMCTI para incentivar o engajamento e divulgar ações que acontecem no município.

Outra ação entregue para a governança, desenvolvida pela ALI, foi mapear todos os atores, empresas e entidades que fazem parte do ecossistema de inovação de Jandaia do Sul e quais são as empresas propulsoras da inovação do município. Através dessa entrega foi possível visualizar os atores e identificar as empresas que já fazem parte do ecossistema de inovação direta ou indiretamente, com base na jornada do empreendedor, mapear os espaços e tudo o que o ecossistema proporciona para que uma empresa inovadora permaneça no município.

A didática visual facilita o entendimento até mesmo para os debates nas reuniões e na inserção de novos atores, facilitando o entendimento dos participantes. Apresentado esse material aos atores do CMCTI iniciou-se um trabalho de prospectar essas empresas e buscar apoio junto a governança Inova Jandaia.

Para resolver uma das queixas dos atores com relação a vários eventos concomitantes e dificuldade na participação, devido a várias agendas externas, a agente local de inovação, motivada pela orientação do consultor sênior, desenvolveu a criação do calendário de eventos, facilitando assim a reserva de datas para garantir a participação dos membros.

A ALI assumiu as publicações no perfil do Instagram Inova Jandaia, e desenvolveu as publicações visando esclarecer os termos utilizados no ecossistema de inovação para deixar registrado tudo o que vêm acontecendo no município. Através de um trabalho focado na assessoria de imprensa, foi possível a divulgação dos eventos nos sites da prefeitura e da associação comercial e na rádio da cidade. São ações que relatam os avanços do ecossistema de inovação, comunicando de forma efetiva a população.

3.2 Ambientes De Inovação - Ponto De Apoio Para As Empresas Inovadoras

Segundo a metodologia, ambientes de inovação é uma das vertentes que compõem o ELI, sendo composta por 7 integrantes: pré-incubadora, aceleradora, parque tecnológico, espaço maker, centro de inovação e coworking. Na UFPR de Jandaia do Sul, existe um espaço maker, e espaços destinados a uma pré incubadora e a um coworking, somados possui 35 laboratórios de pesquisa e desenvolvimento, onde alguns resultados positivos já foram alcançados, como o registros de patentes, ações pontuais relacionadas a inovação aberta e premiações.

Durante a pandemia do Coronavírus alguns professores resolveram ajudar os profissionais que estavam na linha de frente do combate ao vírus, foram produzidos mais de dez mil máscaras face shield, para apoiar os profissionais da saúde nos estados do Paraná e de São Paulo, com esse propósito inspirador nascia o Nanomakers, um espaço maker, dentro da UFPR, com diversos equipamentos como impressoras 3D e máquinas de corte a laser.

Foi produzido também no Nanomakers uma prótese de mão feita na impressora 3D para uma criança que perdeu o braço em um acidente. Demonstrando um grande potencial inovador com estruturas para a criação de protótipos e desenvolvimento de novos produtos, impactando na qualidade de vida das pessoas.

O Laboratório Nanomakers é um dos ambientes que mais chamam a atenção na Universidade, está definido na metodologia ELI como locais que apoiam e favorecem os conceitos da fabricação digital e do “faça você mesmo”, possibilitando que empreendedores façam seus próprios produtos ou protótipos. Nesse contexto, está funcionando efetivamente no Campus de Jandaia do Sul, porém com uso exclusivo do usuário interno, ou seja dos alunos e professores.

O Laboratório FENN de Espectrometria de Massas também chama atenção, pois tem como um de seus principais objetivos propiciar que todas as crianças do Vale do Ivaí tenham acesso ao teste do pezinho ampliado, além de ser uma ação inovadora também proporciona qualidade de vida a população da localidade.

Este laboratório é pujante e sua produção científica desde os início das atividades em 2015 até o momento foram de dez artigos, um produto tecnológico inovador com depósito de patente, um aplicativo educacional para celular, que visa aproximar alunos de graduação da UFPR a técnica de espectrometria de massas, fazem pesquisa interdisciplinar e multidisciplinar em diversas áreas relacionadas com a Agroindústria, integrando instituições como Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Campinas e UFPR campus de

Palotina, presta serviços de pesquisa e treinamento para empresas do Paraná.

Com toda essa estrutura para pesquisa e desenvolvimento presente na universidade e diante da falta de procura por parte dos empresários e da ausência nas discussões da governança e no CMCTI, a ALI juntamente com os atores, percebem a necessidade em aproximar a academia do mercado.

A ALI tomou a iniciativa de identificar as estruturas e laboratórios disponíveis, com objetivo de vislumbrar as oportunidades existentes aos empresários, para então comunicá-los de maneira acessível, a fim de destacar as possibilidades existentes no município. Alinhada com o gestor do Sebrae e alguns membros da governança criaram um formulário para identificar os ambientes de inovação presentes na universidade a fim de contribuir com os empresários da localidade.

Os equipamentos relatados nas respostas do formulário, foram reconhecidos como os melhores do gênero, porém o fato de que não existia um processo definido para o acesso dos empreendedores aos ambientes, reforçam a necessidade de reformular as informações. Coube a ALI propor melhorias, como a divulgação do contato dos responsáveis e a melhoria das informações dispostas no site da UFPR, que hoje demonstram o histórico do laboratório, serviços realizados e os resultados obtidos desde a sua criação, beneficiando assim a compreensão de todos os que buscam informações junto a universidade através do site.

3.2.1 Visitas Técnicas: Uma Estratégia Para Fomentar Parcerias

Uma das ações sugeridas na governança que teve um impacto positivo, foi de incentivar os professores a promover a visitação no campus da UFPR de Jandaia para que não só os alunos, mas toda a comunidade empresarial conheça o espaço maker e os laboratórios, propiciando assim que os empresários visualizem a

universidade como ponto de apoio na localidade, ação essa que foi muito bem aceita pelos professores.

O evento UFPR de Portas Abertas, atraiu a presença de quase 500 participantes entre alunos e comunidade, em sua maioria estudantes de sete escolas estaduais de ensino médio. O principal objetivo desse evento foi motivar a troca de conhecimentos e incentivar a conexão entre alunos, empresários e professores, permitindo que esses visitantes explorassem o Campus, conhecessem as instalações da universidade, os laboratórios, sobretudo o Nanomakers - Espaço maker.

Visando divulgar e fortalecer parcerias entre ecossistemas de inovação, no dia 21 de agosto o Nanomakers, abriu suas portas para os alunos da cidade de Apucarana, que participaram no desenvolvimento do protótipo do prêmio de inovação de Apucarana. Prêmio esse que foi lançado na semana da inovação da cidade, que aconteceu entre os dias 12 a 19 de agosto de 2023, uma ação articulada entre as ALLs de Jandaia do Sul e Apucarana com o apoio da governança Conecta Apucarana.

Em 2023 o Sebrae lançou o Prêmio Habitats de Inovação do Paraná, cujo objetivo é reconhecer os ambientes de inovação de diferentes regiões do estado em várias categorias, a ALI foi em busca de motivar o diretor do Campus da UFPR para inscrever o Nanomakers, na rota da inovação do Paraná.

Para concretizar a inscrição tecnologias como uso de códigos QR para rastrear os visitantes, permitir o check-in e avaliar o espaço foram adotadas com o objetivo de documentar todas as atividades realizadas no ambiente de inovação, facilitando a coleta de dados e a criação de um histórico abrangente vislumbrando que o Nanomakers seja reconhecido e se estabeleça como uma referência no interior do estado.

3.2.2 Trilha De Inovação: Startup Garage

Para preencher a lacuna da jornada do empreendedor, surge o Startup Garage, onde qualquer pessoa que tenha uma ideia de negócio, possa testar e validar com uma metodologia de empresas inovadoras. São 8 encontros onde os participantes têm acesso a conteúdos de empreendedorismo, análise de ideia, identificam o problema, desenvolvem o modelo de negócio, fazem protótipo da solução, validam, constroem o pitch, se submetem a uma banca avaliadora e são orientados a análise de futuro.

Uma trilha de inovação que capacita os alunos e desperta para o empreendedorismo, além de direcionar a pré-incubação, sendo nessa fase que a UFPR pode ajudar através da pré-incubadora Idealize, que está sendo estruturada. O principal foco da governança é extrair ideias dessa trilha que possam ser incubadas e assim integrar mais um ambiente de inovação na cidade de Jandaia do Sul.

A governança se movimentou a fim de divulgar e angariar pessoas interessadas em participar desse evento e a primeira oficina iniciou com 16 inscritos no dia 23 de agosto de 2023. Existem algumas ações planejadas até o fim de 2023, visando a aproximação entre academia e mercado seguindo uma linha de divisão setorial, assim como já iniciada pelo setor do agronegócio.

3.2.3 NÚCLEO EXPERIMENTAL DE INOVAÇÃO AGRÍCOLA

O curso de engenharia agrícola, iniciou também com o apoio da ALI e do Sebrae, o Núcleo Experimental de Inovação Agrícola (NEIA), tendo realizado a primeira reunião no mês de agosto de 2023, trazendo novos parceiros para o ELI, como o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, IDR-PR, o SENAR, o Sindicato Rural de Jandaia do Sul e as Cooperativas, logo na primeira reunião diversas ideias surgiram e foi possível ver de fato a importância de encontrar novos parceiros, somar experiências e movimentar setores econômicos e produtivos.

O NEIA tem como valores, acolher, cooperar e valorizar, iniciativas na cadeia do agronegócio em toda a região do vale do Ivaí e já possui várias ações programadas até o fim deste ano, como a Feira Orgânica, visita técnica entre a Cooperval e os alunos da UFPR e um workshop sobre drones na área agrícola, aberto para a toda a comunidade ações que foram realizadas no mês de setembro de 2023.

A primeira ação foi voltada para a agricultura familiar que através de práticas tradicionais de cultivo e de baixo impacto ambiental, tem sido grande aliada da sustentabilidade e da responsabilidade socioambiental, principalmente quando produzem alimentos orgânicos. Diversos agricultores relataram dificuldades para comercializar seus produtos, com isso o NEIA expôs aos alunos o desafio a ser solucionado.

Identificado o problema, os alunos da empresa Júnior Agrivale Jr. tiveram o papel de coletar as fotos dos produtos e cadastrar os preços através do aplicativo Whatsapp para negócios criaram um catálogo, facilitando o acesso e visualização dos produtos disponíveis, e assim nasceu a Feira de Orgânicos da UFPR, que já está acontecendo. A Agrivale Jr. coleta os pedidos e o produtor entrega na universidade uma vez por semana. Conexões entre academia, entidades e mercado, chegando também na agricultura familiar.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

Atuando em diversas frentes como na capacitação, o Sebrae oferece programas de treinamento para empreendedores, oficinas, seminários, com o objetivo de aprimorar suas habilidades em vários aspectos no âmbito dos negócios. No que compete à inovação o Sebrae atua incentivando o desenvolvimento tecnológico nas micro e pequenas empresas, ajudando a adotar novas tecnologias e

processos para aumentar a sua competitividade. O Sebrae atua como elo entre empresas, órgãos governamentais e as instituições de ensino.

Outros parceiros do sistema S, como Senac e Senai, também atuam focados em trazer cursos rápidos possibilitando uma rápida inserção das pessoas ao mercado de trabalho a fim de desenvolver o comércio e a indústria da região, cursos como e-commerce na prática, assistente administrativo e diversos outros na área da beleza, foram oferecidos pelo Senac através de uma parceria com a Prefeitura de Jandaia do Sul, em apoio a Secretaria de Assistência Social do município.

Ter as cooperativas de crédito apoiando ao ecossistema de inovação é um diferencial observado não só em Jandaia do Sul mas em todo o Paraná, que possui uma veia cooperativista muito forte e atuante. Em Jandaia do Sul a colaboração com entidades de crédito, associação comercial e industrial, bem como o setor público através da Agência do Trabalhador, Prefeitura e Sala do Empreendedor, assumem uma importância vital, tanto no que diz respeito agregar os jovens aprendizes e estagiários, quanto apoiar financeiramente eventos e abrir as portas das cooperativas para visitas técnicas.

Uma rede de atores complementares que apoiam as iniciativas do ecossistema de inovação, compartilhando informações, experiências e promovendo ações que fortalecem e fomentam a cultura da inovação. No dia 19 de setembro aconteceu o evento: Circuito comércio em pauta, ação articulada pela Fecomércio, Sesc, Senac, Sebrae, Acejan e UFPR demonstrando que a cooperação é essencial para melhorar o ambiente de negócios e promover o desenvolvimento econômico local trazendo inovação também ao comerciante local.

5 CONCLUSÃO

Muitos foram os programas e ações que aconteceram no ecossistema de Jandaia do Sul, como a trilha Startup Garage e o Circuito Comércio em Pauta e os eventos da UFPR, a intervenção da ALI, em entender o contexto e potencializar ações foi fundamental para a valorização e engajamento dos atores em prol do ecossistema, os resultados são medidos através da participação das pessoas nas reuniões e eventos promovidos e também no despertar para novas atitudes. A criação do calendário de eventos, a assessoria de imprensa realizada, foram importantes para criar mecanismos de divulgação das ações e fortalecer as ações propostas.

O incentivo a criação do Núcleo setorial agrícola e a estruturação do Nanomakers, gerando dados e evidências, deixa rastros de um trabalho orientado a valorizar e potencializar aquilo que já existia no ELI. Os ambientes inovadores de Jandaia do Sul estão empenhados em participar dos editais de fomento que estão sendo lançados, colocando assim Jandaia do Sul na rota da inovação, não só no Paraná mas também no Brasil.

Neste ano, três ambientes de inovação participaram do edital Separtec, promovido pelo governo estadual e todos foram aprovados, demonstrando o esforço da UFPR em contribuir para a inovação na região, este edital tem como objetivo mapear as iniciativas existentes nos ambientes inovadores do Paraná e angariar recursos financeiros para apoiá-las. O Nanomakers está concorrendo na categoria espaço maker no edital de premiação de habitats inovadores do Paraná, promovido pelo Sebrae, que visa reconhecer os ambientes de inovação do estado e destacar os esforços das pessoas engajadas, que estão promovendo inovação nas mais diversas localidades, segundo dados do Sebrae são mais de 100 habitats de inovação no estado número 300% maior se comparado com três anos atrás.

Foram cinco workshops para o planejamento das ações da governança, diversas visitas e entrevistas com os atores e a realização de eventos que movimentam e engajam as pessoas. Até o final do ano está previsto o lançamento da pré-incubadora, que já tem local definido e regimento aprovado, com o objetivo de abrigar as ideias inovadoras, será mais um ambiente de inovação na cidade de Jandaia do Sul, que vai contribuir para elevar a nota no radar do ELI.

Existe a previsão que em 2024 seja lançado o curso de graduação de inteligência artificial no campus da UFPR de Jandaia do Sul, uma nova área de atuação que vai movimentar todo o ecossistema de inovação e mercado de trabalho da região, muitas oportunidades podem surgir assim que o curso for efetivado na UFPR.

Por fim, é possível observar que ter as ICTIs dispostas a apoiar e participar das ações do ELI é um grande diferencial de Jandaia do Sul, proporcionando estrutura de pesquisa e desenvolvimento, elevando o patamar das empresas na região.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. **Sebrae lança prêmio Habitats de Inovação em 2023**, Disponível em: <https://pr.agenciasebrae.com.br/inovacao-e-tecnologia/sebrae-pr-lanca-o-premio-habitats-de-inovacao-2023/>, Acesso em 30 out. 2023.

CHESBROUGH, HENRY. **Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology**", 2003.

IMPACT HUB. **Metodologia ALI Ecosistemas**, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário**. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/jandaia-do-sul/pesquisa/24/76693>, Acesso em 07 ago.2023.

JANDAIA DO SUL. **Lei nº 30308/2021, de 23 de junho de 2021.** Dispõe sobre mecanismos e medidas de incentivo à inovação e à pesquisa tecnológica e a consolidação dos ambientes de inovação nos setores produtivos e sociais. Legislação Municipal de Jandaia do Sul/PR, Art 2º e 3º, Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/j/jandaia-do-sul/lei-ordinaria/2021/331/3308/lei-ordinaria-n-3308-2021-dispoe-sobre-mecanismos-e-medidas-de-incentivo-a-inovacao-e-a-pesquisa-tecnologica-e-a-consolidacao-dos-ambientes-de-inovacao-nos-setores-produtivos-e-sociais-na-cidade-de-jandaia-do-sul-e-da-outras-providencias?r=c>. Acesso em 20 out.2023.

FURMAN, JEFFREY L., PORTER, MICHAEL E., STERN, SCOTT. (2002). **Os determinantes da capacidade inovadora nacional.** Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733301001524#preview-section-references>. Acesso em 20 out. 2023.

PREFEITURA DE JANDAIA DO SUL. (2023). **Histórico do Município.** Disponível em: <https://www.jandaiadosul.pr.gov.br/?meio=1503>. Acesso em: 7 ago.2023.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AO EMPREENDEDORISMO. **Metodologia de Estudo de Caso**, Curitiba, 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AO EMPREENDEDORISMO. **Manual Metodologia de Atuação, Gestão e Monitoramento por níveis de maturidade dos ecossistemas de inovação**, 2019.

O PODER DA FERRAMENTA COMMUNITY CANVAS EM UM ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO

Luiz Fernando Cauduro Telles¹⁵

Samuel Vinícius Bonato¹⁶

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Passo Fundo fica localizada na porção norte do estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente a região onde se encontra o município era habitada pelas etnias indígenas Tapes e Caingangs, que viviam por meio da caça, frutas, mel, milho e feijão. Com a colonização, o território começa a ser influenciado pela presença dos jesuítas das Missões Orientais do Uruguai, que procuravam catequizar os indígenas que ali viviam.

A cidade propriamente dita começou a ser formada em 1857, quando o governo provincial do Rio Grande do Sul criou a Colônia Militar de Passo Fundo, com objetivo de proteger a região. A cidade cresceu rapidamente, atraindo imigrantes europeus e pessoas de

¹⁵ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Passo Fundo /Rio Grande do Sul

¹⁶ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Rio Grande do Sul.

outras partes do Brasil em busca de oportunidades e melhores condições de vida.

Ao longo dos anos, Passo Fundo se tornou um importante pólo regional nas áreas de comércio, educação e saúde, abrigando universidades, hospitais e centros de pesquisa. O município também ganhou destaque no cenário cultural, com eventos e festivais que celebram a diversidade e a tradição gaúcha. Atualmente, Passo Fundo é reconhecida como uma cidade próspera e em constante crescimento. Sua economia é diversificada, incluindo setores como agricultura, pecuária, indústria, comércio e serviços. Além disso, o município se destaca no cenário tecnológico e de inovação, com a promoção de eventos, incubadoras de startups e parque científico e tecnológico.

O contexto da inovação em Passo Fundo, teve seu início nas décadas de 60 e 70 juntamente com a criação da Universidade de Passo Fundo, o que proporcionou que as primeiras pesquisas acadêmicas pudessem ser utilizadas pelo mercado na solução de seus problemas. O segmento do agronegócio foi um dos primeiros a serem beneficiados com tais estudos e um exemplo extremamente relevante é a tecnologia do “plantio direto” e toda a cadeia que se desenvolveu ao seu redor.

Com o passar do tempo, outras instituições de ensino superior instalaram-se na cidade e demais áreas do conhecimento foram sendo contempladas com estudos acadêmicos e soluções para os problemas de mercado foram sendo apresentadas. A iniciativa privada entendeu seu papel e através de centros de pesquisa e desenvolvimento, muitos deles situados em grandes empresas, buscavam conectar-se com pesquisadores acadêmicos e o setor público.

Esta conexão era bastante complexa, por muitos motivos, mas principalmente pelo “timing” diferente destes “atores da inovação”. As iniciativas acabavam ficando isoladas e pouco acessíveis as empresas e a população em geral. Este isolamento

tornou-se um problema grave, que gerava inúmeros desperdícios e atraso socioeconômico para a cidade e região.

2 CONTEXTO E DILEMA

Passo Fundo é, atualmente, a 6ª maior economia do estado do Rio Grande do Sul. A cidade possui cerca de 30 mil empresas registradas, a maior parte delas de micro e pequenos empreendedores. Os setores que mais se destacam na economia local são de serviços (47%) e comércio (39%). A cidade também possui uma participação significativa do setor de indústrias da transformação e construção civil (13%). Empresas do setor agropecuário, extração vegetal (2%) também estão presentes no município, embora em menor quantidade. Segundo dados do IBGE, 2020.

O setor de serviços possui destaque na economia da cidade, tornando Passo Fundo uma referência no segmento no Rio Grande do Sul. A cidade ocupa o quarto lugar no setor de serviços, dentre todos os municípios gaúchos. Segundo dados do IBGE, 2020.

Uma cidade consolidada pela qualidade da prestação de serviços, do agronegócio e das indústrias sustentáveis e competitivas globalmente, bem como de instituições de ensino e pesquisa, voltadas à preparação de profissionais. Com um verdadeiro ecossistema de saúde, tem reconhecimento pelos atendimentos de média e alta complexidade. Outro ponto forte da cidade é seu aeroporto regional Lauro Kurtz, segundo maior do estado, com capacidade de 300 mil passageiros por ano.

A construção civil é outro pilar representativo da economia, com empresas sólidas, o setor registra resultados históricos e segue aquecido. Dados da Secretaria de Obras do município, mostram que, em 2022, havia quase 700 mil metros quadrados de construção em execução, distribuídos entre mais de 5 mil unidades – incluindo apartamentos residenciais e salas comerciais, em 106

empreendimentos. Negócios que movimentaram, em 2022, cerca de 520 milhões de reais.

O município conta com uma Lei de Inovação aprovada em 2022, que permite a realização de inúmeras ações de promoção da inovação. Os mecanismos previstos e em fase de implementação incluem a criação de um Conselho de Ciência, Tecnologia e Inovação, do Fundo de Inovação, do Programa de Aceleração de Startups, do Governo Digital, entre outros.

O ecossistema de inovação de Passo Fundo era caracterizado por diversas iniciativas e atores, como por exemplo, Universidade de Passo Fundo, Atitus Educação, Instituto Federal da Fronteira Sul, Instituto Federal Farroupilha, Câmara de Dirigentes Lojistas, Associação Comercial, Industrial, Serviços e Agricultura, Senac, Sebrae, UPF Parque, Polo Sul, coworking e inúmeras empresas de tecnologia.

Então, no final do ano de 2019 e início de 2020 o Sebrae, percebendo as inúmeras iniciativas de “atores da inovação” de Passo Fundo e com a possibilidade de utilizar uma metodologia nacional, denominada Ecossistemas Locais de Inovação, desenvolvida em parceria com a Fundação CERTI iniciou a articulação junto aos atores para uma maior integração e efetividade das ações desenvolvidas.

Esta abordagem parte de dois pilares: a integração dos atores e a efetividade das ações. O ecossistema necessita da conexão de empreendedores, organizações públicas e privadas, instituições de ensino e pesquisa, ambientes de inovação e governo para, de forma colaborativa, desenvolver ações que apoiem o fortalecimento da inovação e a competitividade de suas empresas. A integração dos atores e dos processos de um ecossistema possibilita a efetividade de resultados e reflete o grau de maturidade de um ecossistema. Já a efetividade diz respeito a qualidade em que um ator do ecossistema de inovação atinge seu objetivo. Ou seja, está relacionada a eficiência e ao grau de competência em que um ator gera resultados para o ecossistema. É a capacidade de fazer o que

tem que ser feito, atingindo os objetivos traçados e utilizando os recursos da melhor forma possível.

Como discutido anteriormente, se as ações dentro de um ecossistema não estiverem integradas e coordenadas, o esforço direcionado a uma etapa específica do desenvolvimento empresarial pode não garantir a transição para a próxima fase. Essa percepção ressalta a importância de ações eficazes e integradas, pois aumentam significativamente a probabilidade de criar um maior número de empreendimentos consolidados e competitivos. Ou seja, na medida em que se tem políticas públicas, ambientes de inovação, programas e ações, formação de recursos humanos, instituições de ciência tecnologia e inovação e capital dispostos de forma coordenada, organizada e integrada, ampliam-se as condições do ecossistema ajudar o desenvolvimento dos empreendimentos.

Diversas metodologias buscam identificar aspectos relevantes que apoiam o desenvolvimento do ecossistema e seu nível de maturidade. Entendeu-se que uma vertente representa uma macro área que possui grande impacto num ecossistema de inovação. Nessa metodologia ELI (Sebrae, 2019), o ecossistema foi organizado em 6 vertentes, que são:

- o Ambientes de inovação;
- o Programas e Ações;
- o ICTI – Instituições de Ciência Tecnologia e Inovação
- o Políticas Públicas;
- o Capital;
- o Governança;

A definição do nível de maturidade do ecossistema é realizada da seguinte maneira: a partir do formulário de mapeamento das integrantes do ecossistema de inovação devidamente respondido, deve-se preencher o painel do nível de maturidade do ecossistema, observando as questões de efetividade e integração de cada uma das integrantes, (Sebrae, 2019).

Para realizar a avaliação de cada vertente é apresentado um quadro com a descrição do conteúdo que está sendo avaliado. O Quadro traz as seguintes informações para guiar a avaliação, (Sebrae, 2019):

- É apresentado o que é a integrante em avaliação, a descrição (da efetividade ou da integração da integrante em avaliação), a pergunta norteadora, as variáveis de análise e os níveis de avaliação.

- O que é: Apresenta a definição da integrante que está sendo avaliada.

- Descrição efetividade ou integração: Registra o que se considera o grau efetividade ou integração da integrante da vertente em avaliação.

- Pergunta norteadora: A que pergunta direciona a avaliação do nível de maturidade da integrante em avaliação, ou seja, é a questão central da integrante da vertente que facilita compreender o status em que se encontra.

- Variáveis de análise: Apresenta as variáveis que devem ser analisadas na pergunta norteadora para definir o nível de maturidade.

- Níveis de maturidade: É a descrição do estágio em que se encontra cada integrante da vertente.

De posse desta análise, o ecossistema é classificado conforme sua pontuação. São quatro níveis possíveis, conforme a imagem 1.

Imagem 1 - Níveis de maturidade do ecossistema

Nível de Maturidade do Ecossistema



Estágio da Maturidade	
Nota	Classificação
De 0 a 11,99	Inicial
De 12 a 17,99	Em Estruturação
De 18 a 23,99	Em Desenvolvimento
De 24 a 30	Consolidado

Fonte - Elaborado pelo autor, adaptado da metodologia ELI CERTI

Através da metodologia de Ecossistemas Locais de Inovação do SEBRAE e da Fundação CERTI, o primeiro diagnóstico de Passo Fundo indicou que o ecossistema local, encontrava-se “Em estruturação” com um índice global de 12,66, como pode ser observado na imagem 2.

Imagem 2 - Nível de maturidade 2020.

Painel do Nível de Maturidade				
Vertente	Integrantes da Vertente	Grau de Efetividade	Grau de Integração	Grau de Maturidade
Ambientes de Inovação	Pré-incubadora	2	2	2,29
	Incubadora	2	3	
	Aceleradora	1	3	
	Parque Tecnológico	2	1	
	Espaço Maker	3	4	
	Centro Inovação	0	0	
	Coworking	5	4	
Programas e Ações	Programas e Ações	2	2,5	2,38
	Protagonismo Empresarial	3	2	
ICTI	Formação de Talentos	3,25	3,75	3,17
	Inovação	3	2,66	
Políticas Públicas	Legislação de Inovação e Benefícios	1	-	0,50
	Órgão Público de Inovação	0	-	
Capital	Investidores Anjos	4	-	1,33
	Venture Capital	0	-	
	Instituições de fomento	0	-	
Governança	Governança	3	-	3,00
Grau de Maturidade	Em Estruturação			12,66

Fonte - Elaborado pelo autor, adaptado do mapeamento.

Já no último levantamento de dados ocorrido no segundo semestre de 2022, constatou-se que o ecossistema de Passo Fundo segue “Em estruturação”, porém com um índice global de 16,40 o que representa uma grande evolução, aproximadamente 27% em relação ao primeiro estudo, como observado na imagem 3.

Imagem 3: Nível de maturidade 2022.

Painel do Nível de Maturidade				
Vertente	Integrantes da Vertente	Grau de Efetividade	Grau de Integração	Grau de Maturidade
Ambientes de Inovação	Pré-incubadora	5	5	3,52
	Incubadora	3	3	
	Aceleradora	3	3	
	Parque Tecnológico	5	5	
	Espaço Maker	3	2,33	
	Centro Inovação	3	3	
	Coworking	3	3	
Programas e Ações	Programas e Ações	2	2	2,50
	Protagonismo Empresarial	3	3	
ICTI	Formação de Talentos	4	3	3,38
	Inovação	3	3,5	
Políticas Públicas	Legislação de Inovação e Benefícios	1	-	1,00
	Órgão Público de Inovação	1	-	
Capital	Investidores Anjos	3	-	3,00
	Venture Capital	3	-	
	Instituições de fomento	3	-	
Governança	Governança	3	-	3,00
			Nota	16,40
Grau de Maturidade	Em Estruturação			

Fonte - Elaborado pelo autor, adaptado do mapeamento do Sebrae 2022.

O ecossistema apresenta pontos fortes, como por exemplo, está situado em uma das principais cidades do estado do Rio Grande do Sul, possui diversas instituições de ensino superior algumas delas com destaque estadual, os ambientes de inovação presentes no município agregam muito para o ecossistema e são reconhecidos, os diversos atores que compõem este organismo realizam diversas ações voltadas para a inovação e a cidade possui startups e

empresários de destaque nacional o que acaba incentivando novos empreendedores a alcançarem seus objetivos.

Alguns aspectos requerem uma atenção especial, demandando uma abordagem mais efetiva. Destacam-se, por exemplo, a necessidade de melhorar a integração entre os atores envolvidos, bem como fortalecer a cultura de pertencimento e o desenvolvimento do ecossistema. Além disso, é essencial enfrentar os desafios relacionados à comunicação com a sociedade e à ausência de políticas públicas eficazes para o setor.

Por fim, o ecossistema de inovação de Passo Fundo possui todas as condições de desenvolvimento, os atores da quadrupla hélice (empresas, sociedade, governo e academia) e o interesse em tornar-se referência não apenas para a região, mas também para todo o estado do Rio Grande do Sul.

A fim de mitigar alguns destes problemas, o Sebrae investiu na contratação e capacitação de um Agente Local de Inovação para Ecossistemas, através do programa ALI Ecossistemas. Este trabalho teve seu início em janeiro de 2023 e vem auxiliando o ecossistema no trabalho de articulação entre os atores e na integração de ações.

O potencial de sucesso do ecossistema de inovação de Passo Fundo é notável, apresentando oportunidades significativas para atrair investimentos e grandes corporações para a cidade. Com uma base sólida, incluindo numerosas instituições de ensino superior e uma economia diversificada, destacando-se em diversos segmentos econômicos no estado do Rio Grande do Sul, o ambiente é propício para o crescimento. No entanto, apesar desses pontos fortes, muitas iniciativas permanecem isoladas, carecendo de colaboração em projetos. Além disso, as questões culturais e políticas ainda representam obstáculos para o pleno desenvolvimento desse potencial.

O papel de aproximação e colaboração cabe as lideranças deste ecossistema, aos diversos atores que fazem parte deste movimento e é daí que surge o dilema deste caso: Como o

ecossistema pode estruturar uma Governança mais ativa e conectada?

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

O contexto relatado acima é a realidade de muitos ecossistemas e governanças do país, principalmente as que estão em estágios “iniciais” ou “em estruturação”. A seguir serão apresentadas algumas soluções estratégicas utilizadas no ecossistema de inovação de Passo Fundo que estão permitindo a ativação e conexão entre os atores da governança local.

Estratégia: Construção do Community Canvas

Ação 1: Nome e identificação visual do ecossistema

Ação 2: Diretrizes da Comunidade

Ação 3: Plano de Comunicação

Ação 4: Calendário Integrado de eventos

Ação 5: Trilha de inovação e empreendedorismo

Ação 6: Happy Hour periódico

Como a governança havia deixado de se reunir durante o ano de 2022, o primeiro passo foi reativar o grupo e as reuniões periódicas. Neste primeiro momento o trabalho do agente local de inovação foi muito intenso em visitas a atores, articulação com novos atores importantes no cenário da inovação, entendimento do porquê as reuniões haviam cessado e a organização do primeiro encontro junto ao Sebrae local.

Durante estes primeiros encontros que ocorriam a cada 21 dias, a governança entendeu que era necessária a utilização de uma metodologia que conectasse todos os envolvidos a um propósito em comum, pois no ecossistema da cidade, a complexidade das relações entre os atores muitas vezes impedia que ações em conjunto fossem realizadas, justamente por não haver um ponto de conexão em comum.

Durante os encontros, diversas metodologias foram discutidas, incluindo o Golden Circle, a Teoria U e o Community Canvas. É crucial destacar que o sucesso dos movimentos colaborativos depende da execução conjunta dessas metodologias. A escolha da metodologia a ser adotada foi feita de forma colaborativa entre os participantes, reconhecendo a importância da colaboração para o êxito da ação.

3.1 Estratégia: Construção do Community Canvas

A metodologia escolhida para trabalhar o propósito e a conexão entre os atores foi o “Community Canvas”, pois ela é uma ferramenta que contempla todos os aspectos de uma comunidade potencializando a conexão e as escolhas do grupo sobre sua estrutura e forma de atuação.

Este Canvas é dividido em três sessões, como pode ser observado na imagem 4:

Imagem 4 - Community Canvas.



Fonte: Adaptado do Guia Community Canvas.

No centro, em azul, está localizada a sessão identidade. Comunidades vibrantes possuem um claro e explícito senso de quem elas são, porque elas existem e o que elas representam. Estas questões influenciam todas as outras partes da comunidade e é por isso que Identidade não é só a primeira seção, mas também visualmente no núcleo do Canvas (PFORTMULLER et al., 2017).

Em vermelho, tem-se a sessão experiência. Na segunda parte do Canvas, explora-se a comunidade de uma perspectiva dos membros: O que de fato acontece e como se traduz a identidade em atividades concretas que criam valor para os membros? (PFORTMULLER et al., 2017).

E por último a parte em verde, representa a sessão estrutura. Esta sessão se concentra nas questões operacionais para administrar uma comunidade. Pois, enquanto muitas comunidades começam entusiasticamente, poucas sobrevivem a longo prazo. Neste momento, questiona-se o que dá estabilidade a comunidade e ajuda a funcionar sem problemas? (PFORTMULLER et al., 2017).

A construção total dos 17 temas do “Community Canvas” levou 2 meses, necessitou 4 reuniões de governança e outros 3 encontros do grupo de trabalho da ferramenta. No primeiro encontro da governança todos foram convidados a contribuir em cada uma das dezessete temáticas da ferramenta, indicando suas ideias em post-its. Este grande brainstorm gerou aproximadamente oitocentas contribuições, como observado na imagem 5.

Imagem 5 - Brainstorm Community Canvas.



Fonte: Acervo do autor.

Todo o material foi compilado digitalmente e discutido em grupos de trabalho dedicados a cada uma das três sessões (identidade, experiência e estrutura). Os resultados dessas discussões foram apresentados nas reuniões subsequentes do comitê de governança, onde foram novamente debatidos e validados por todos os membros do grupo. Essa abordagem de construção conjunta promoveu um maior engajamento entre os líderes envolvidos e facilitou a convergência em vários aspectos. Um ponto significativo que exemplifica esse engajamento é a evolução da participação nos GTs: enquanto cinco pessoas estavam presentes no primeiro encontro do GT, esse número aumentou para dez no terceiro e último encontro, demonstrando um crescente interesse em contribuir ativamente para o movimento.

O “Community Canvas” por ser uma ferramenta complexa e muito completa no que tange a formação de comunidades foi o impulsionador de inúmeras ações que vieram a ser executadas e que contribuem para uma governança ativa e conectada. Na figura 6 pode-se observar a ferramenta completa da Comunidade Vértice.

Figura 6: Community Canvas – Comunidade Vértice

Community Canvas						
<p>IDENTIFICAÇÃO Quem são os membros da comunidade?</p> <p>CONSELHO DE GESTÃO Mentore e conta da inovação;</p> <p>Núcleo Facilitador Selecionado pelo Conselho de Gestão;</p> <p>Comunidade geral Linha</p>	<p>OPORTUNIDADES Quais oportunidades os membros compartilham?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experiências positivas e negativas; - Oportunidades, conexões de valor, práticas e projetos colaborativos. 	<p>REUNIÃO Quais reuniões acontecem regularmente?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reuniões periódicas (mensal ou a cada 21 dias); - Eventos periódicos temáticos (Apresentação de cases, Hacky Hour, Salsa, Casos, Comitê do Ecossistema (anual)); - Mídias empresariais; - Criocasting novos membros; - Apoio de eventos que já ocorrem; 	<p>CONTEÚDO Quais conteúdos são relevantes para esta comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tropa da Inovação e empreendedorismo; - Metodologias, ferramentas de inovação, tendências tecnológicas; - Conteúdo dos atores (o que cada um faz e seus desafios); 	<p>ACORDOS Quais os acordos de convivência?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Engajamento; - Evitar EGOs; - Comunicação não-violenta; - Escuta ativa; - Comunidade em primeiro lugar; - Comunicação objetiva; - Trabalho coletivo; - Respeito, educação e empatia entre os membros; - Continuidade e colaborar; - Criação de redes de assuntos relevantes (mensalmente sempre); 	<p>PARTE Quais espaços os membros possuem?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conselho de Gestão; - Núcleo Facilitador (comitê executivo); - Grupos de Trabalho (núcleo facilitador e participantes); - Participante (pessoa que integra a comunidade de inovação); 	<p>TRANSIÇÃO Como os membros saem da comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conselho de Gestão; - Inicialmente 13 encontros consecutivos e 5 no ano estão sem justificativa; - Núcleo Facilitador; - Colaboração própria; - Comunidade geral; - Comportamento de membros e valores contínuos ao grupo;
<p>PROPOSITO Por que a comunidade existe?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Potencializar a inovação gerando conexões e oportunidades de crescimento para a comunidade regional; 	<p>VALORES Quais são os valores mais importantes para nós como comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança; - Compromisso; - Integração; 	<p>VALORES Quais são os valores mais importantes para nós como comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança; - Compromisso; - Integração; 	<p>VALORES Quais são os valores mais importantes para nós como comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança; - Compromisso; - Integração; 	<p>VALORES Quais são os valores mais importantes para nós como comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança; - Compromisso; - Integração; 	<p>VALORES Quais são os valores mais importantes para nós como comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Confiança; - Compromisso; - Integração; 	
<p>ESTRUTURA Quem administra a comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conselho Estratégico; - Núcleo Facilitador; - Executivo eleito pelo conselho; 	<p>GOVERNANÇA Como decisões são tomadas na comunidade?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Núcleo Facilitador, consensos; - Conselho Estratégico, maioria de votos; - Documento norteador "Diretrizes da Comunidade"; 	<p>FINANCIAMENTO Qual é o plano da comunidade para ser financeiramente sustentável?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio, auxílio ou patrocínio dos integrantes da comunidade; - Utilização das estruturas já existentes dos membros; 	<p>CANAIS E PLATAFORMAS Quais canais a comunidade usa para se comunicar e se reunir?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Instagram, LinkedIn, E-mail; - WhatsApp, LinkedIn, Agenda de eventos; 	<p>ESTRATÉGIA Como a comunidade gerencia as informações de seus membros?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Site; - Cadastro dos membros, Redes sociais, Diretório compartilhado; - LinkedIn, ATA, Calendário; 		

Fonte – Acervo do autor

3.2 Ação 1: Nome e identificação visual do ecossistema

Uma das primeiras ações definidas e que ficou evidente ainda durante a construção do Canvas foi o nome e identidade visual deste movimento que estava se consolidando. As pessoas estavam ansiosas por saber mais sobre o que estava acontecendo, e a ausência de um nome dificultava uma comunicação eficaz. Sem um nome, é difícil estabelecer uma comunicação clara e direta.

A discussão sobre a marca veio logo na primeira sessão do Canvas, pois faz parte da identidade da comunidade. Como dentro do grupo um dos atores é uma agência de comunicação especialista em branding, ficou a cargo dela, munida das sugestões de todo o grupo, elaborar três opções de marca para uma submissão à comunidade geral, que participava de um grupo de WhatsApp sobre inovação, este grupo contava com aproximadamente 120 pessoas.

Definiu-se então o nome da comunidade do ecossistema de inovação de Passo Fundo, a Comunidade Vértice. Nesse contexto, também ficou definido o slogan: "Convergingo ideias. Impulsionando inovação". Além disso, desenvolveu-se a identidade visual do movimento, incluindo as cores que o representariam, bem como algumas peças publicitárias para facilitar a comunicação com todos os envolvidos.

3.3 Ação 2: Diretrizes da Comunidade

O primeiro documento que contempla como a Comunidade Vértice está organizada, quais são seus objetivos e de que forma se dará sua atuação, são as "Diretrizes da comunidade". O nome também foi pensado para fugir do usual e muitas vezes engessado "estatuto". As Diretrizes da Comunidade Vértice são abertas a todos e disponível em seus canais de comunicação, ela foi construída

baseada nas definições do “Community Canvas” e tem como objetivo principal explicitar a todos suas “regras de funcionamento”.

A definição da estrutura também foi resultado de um processo colaborativo, liderado por um grupo de trabalho e posteriormente validado por todo o comitê de governança. Uma medida importante para fortalecer o compromisso dos membros com o movimento foi a elaboração de um 'termo de adesão', enviado aos interessados em tornarem-se membros ativos do Conselho da Comunidade Vértice, a instância principal de deliberação. Nesse processo, contou-se com a orientação de um dos conselheiros da Comunidade Vértice, representante da OAB de Passo Fundo, cuja expertise jurídica foi fundamental para conduzir esse GT.

A estrutura organizacional da Vértice, está contida neste documento e é oriunda do Canvas. É formada pela comunidade, núcleo facilitador e conselho.

3.4 Ação 3: Plano de comunicação

Com todo esse movimento efervescente ocorrendo era necessária a expansão para além dos atores participantes, além da comunidade de inovação, precisava-se atingir e compartilhar essa temática com a comunidade geral da cidade, “furar a bolha da inovação”.

Novamente valeu-se de toda a contribuição ocorrida no “Community Canvas” para iniciar a comunicação externa do movimento. A primeira ação foi a abertura do grupo de WhatsApp, que era restrito apenas para convidados. Este movimento proporcionou que todos que ali estavam pudessem convidar outras pessoas e logo o grupo aumentou significativamente, passando de 250 pessoas em questão de dias.

Um momento chave foi o lançamento oficial da Comunidade Vértice para toda a comunidade da cidade e imprensa. O evento

contou com a presença de mais de cem pessoas e foi amplamente divulgado pelos veículos de imprensa presentes. Neste mesmo dia, foi comunicada oficialmente a rede social da Comunidade Vértice no Instagram, outro canal de extrema importância para o movimento e que cresce muito todos os meses.

3.5 Ação 4: Calendário integrado de eventos

Um dos anseios dos atores do ecossistema de inovação de Passo Fundo é a integração dos calendários de eventos. Todos possuem muitas ações/eventos e em muitos momentos ocorre o conflito de datas e horários. Além disso, muitos eventos possuem certa similaridade e poderiam ser potencializados se realizados de forma conjunta por seus proponentes.

Para abordar essa questão, propôs-se a implementação de um calendário integrado de eventos, permitindo que todos os envolvidos insiram suas atividades, as quais serão visualizadas em uma agenda compartilhada no Google. Essa iniciativa demanda uma dedicação constante, pois os participantes precisam fornecer regularmente informações sobre seus eventos.

3.6 Ação 5: Trilha de inovação e empreendedorismo

Esta ferramenta tem como objetivo auxiliar os empreendedores locais em sua busca constante por evolução. Ela conta com as cinco fases de um empreendimento acultramento/ideação, validação, operação, tração e escala.

Para construção desta trilha, foram visitados onze atores que possuem programas/ações em alguma destas fases, tais iniciativas foram mapeadas e apresentadas em formato visual e disponibilizada de forma digital para todo o ecossistema, como observado na imagem 7. Assim o empreendedor identifica qual ator deve buscar em cada uma das fases do seu negócio.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

A participação do Sebrae e dos parceiros foi fundamental para a solução do dilema e para a efetiva construção da Comunidade Vértice. A soma de esforços entre a quadrupla hélice, amplamente representada na Comunidade Vértice, contribuiu para a consolidação de todo o trabalho realizado.

O Sebrae por ser reconhecido por todos como um ator “neutro” em sua atuação, desempenhou um papel de liderança nesta iniciativa aportando recursos financeiros e humanos para o movimento. Articulou junto aos demais atores uma construção conjunta, buscando reunir o maior número de atores possíveis, conferindo robustez ao projeto. Disponibilizou para a cidade um agente local de inovação com foco no ecossistema de inovação, através do programa de bolsas ALI Ecossistemas.

E uma das entregas do programa ALI Ecossistemas ao ecossistema de Passo Fundo consiste em uma narrativa, resumida, de todo o trabalho que os atores desenvolvem neste território. Este documento contou com o depoimento de muitos atores da inovação o que colabora para o senso de pertencimento e orgulho de cada um para com o movimento. Além dos depoimentos o documento conta com uma linha do tempo com os principais acontecimentos do período no cenário da inovação no município, dados socioeconômicos de Passo Fundo e um pouco de sua história desde a fundação da cidade.

5 CONCLUSÃO

O dilema discutido neste estudo de caso é, em certa medida, contínuo, uma vez que é natural que ocorram variações no nível de engajamento ou atividade dos participantes ao longo do tempo.

A construção conjunta de ecossistemas de inovação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social. Segundo Rocha et al. (2018), a colaboração entre empresas, universidades, governo e demais atores é essencial para promover a inovação e impulsionar a competitividade. Além disso, a construção conjunta de ecossistemas de inovação fortalece os vínculos entre os diversos agentes, criando um ambiente propício para o compartilhamento de recursos, o aprendizado mútuo e a geração de oportunidades de negócios.

Trabalhando com a ferramenta Community Canvas, procurou-se utilizar um framework novo para potencializar a conexão de todos os participantes baseados em um propósito comum: Potencializar a inovação gerando conexões e oportunidades de crescimento para a comunidade regional.

Durante e após sua construção diversas ações foram executadas, entre elas: nome e identificação visual do movimento; as diretrizes da comunidade (o “livro de regras e boas práticas”); um plano de comunicação; o calendário integrado de eventos; a trilha de inovação e empreendedorismo de Passo Fundo; e os Happy Hours periódicos.

A fim de mensurar e acompanhar o engajamento da governança a metodologia ALI conta com uma pesquisa do “Senso de Pertencimento” ao movimento. Essa métrica, denominada Sense of Belonging (SoB) é mensurável por meio de formulário que deve conter 3 perguntas norteadoras, cada uma endereçando os aspectos determinantes para o pertencimento (Inserção e Acolhimento, Importância Mútua, Expressão e Identidade), seguindo escala psicométrica de Likert, com as respectivas afirmações:

1. “Eu me sinto incluído e confortável na comunidade a qual hábito”;
2. “Eu sinto que tenho importância para a comunidade e a comunidade tem importância para mim”;

3. “Eu me identifico e sinto orgulho da comunidade a qual hábito”;

O objetivo é que os membros se sintam pertencentes à comunidade, ou seja, com valor médio SoB maior ou igual a 4. Menores níveis de pertencimento podem encaminhar para a desmotivação dos membros, redução nas interações, maior dependência de instituições apoiadoras/articuladoras, além de ser um indicativo de que a comunidade precisa ser mais acessível, inclusiva e acolhedora para se tornar vibrante.

O formulário foi aplicado ao Conselho da Comunidade Vértice em dezembro/2023 e alcançou o resultado de +4,5 o que indica que os membros se sentem pertencentes ao movimento.

REFERÊNCIAS

SEBRAE & OPENSENSE (2022) – **ELI - Pesquisa sobre o nível de maturidade dos Ecossistemas Locais de Inovação**. Brasília, Edição 2022.

SEBRAE & CERTI (2019) – **Manual metodologia de atuação, gestão e monitoramento por níveis de maturidade dos ecossistemas de inovação**. Edição 2019.

PFORTMULLER, F., LUCHSINGER, N., & MOMBARTZ, S. (2017) – “**O Guia do Community Canvas**”. Edição 2017.

ROCHA, R. S., SILVA, R. S., & AZEVEDO, P. F. (2018). **Inovação e competitividade: Uma análise dos ecossistemas de inovação no Brasil**. RAI. Edição 2018

PREFEITURA DE PASSO FUNDO (2023) – **Passo Fundo um lugar para investir, crescer e inovar**. Passo Fundo, Edição 2023.

SEBRAE E IMPACT HUB (2023) – **A capital inovadora do norte gaúcho**. Edição 2023.

IBGE. **Cidade de Passo Fundo**, 2024. Página inicial. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/passo-fundo/panorama>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2024.

MATERIAIS ECOSSISTEMA PASSO FUNDO. Página inicial. Disponível em: <<https://linktr.ee/ecossistemapassofundo>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

O FOMENTO DO ECOSISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO A PARTIR DE AÇÕES REALIZADAS NA ACADEMIA: o caso da Universidade Federal de Santa Catarina

Janaína Galdino de Barros
Clarissa Stefani Teixeira

1 INTRODUÇÃO

A instituições de Ensino Superior estão protagonizando uma verdadeira proposta paradigmática no tocante ao fomento empreendedor, seja no norte ou no sul do país. Como mola propulsora e pujante, os ecossistemas locais de inovação eclodem as comunidades de forma significativa. O destaque maior ocorre de acordo com os pilares para um maior desenvolvimento econômico, social, ambiental e tecnológico, tanto em nível global quanto local.

Para um ambiente revitalizado e calcado em mudanças paradigmáticas de ambientes locais de inovação, a interação entre as empresas, as universidades, as instituições de

pesquisa, o governo e a sociedade devem ser alinhados as práticas da gestão do conhecimento, sempre conectado aos preceitos desenvolvimentistas. Esse ambiente deve proporcionar a impulsão da geração, difusão e aplicação de novos conhecimentos tecnológicos alinhados à produção de conhecimento visando impactar o mercado, levando em consideração as propostas inovadoras que as Universidades Empreendedoras podem prospectar, como a geração de spin-off, startups, jogos como fomento ao conhecimento da Propriedade Intelectual e seus ativos, dentre tantas outras atividades, sempre impulsionando as iniciativas empreendedoras e fortalecendo a cultura da inovação dentro de seus campi e em seus entornos.

Para se obter um campus acadêmico empreendedor e/ou uma Universidade Empreendedora, é necessário um ambiente regulamentar favorável e fundamentalista, uma vez que haverá o impacto direto na capacidade dos estudantes e do corpo docente de trazer inovações para o mercado (Universidade Empreendedora, UFSC, 2024).

As Universidades Federais foram criadas para produção e fomento ao conhecimento como forma de mudar a vida de toda uma sociedade, embora tenha sido concebida, inicialmente, como uma instituição transmissora do conhecimento, a universidade, mais tarde, adotou a função de geração de conhecimento (pesquisa), adquirindo uma “segunda missão” (ETZKOWITZ, 2003). Nas últimas décadas, as universidades passaram a adquirir a “terceira missão”, contribuindo para a sociedade e o desenvolvimento socioeconômico de maneira mais direta, transformando-se em uma universidade empreendedora (ETZKOWITZ, 2003, 2004).

A UFSC passou por algumas fases de evolução e está em constante transformação, de uma Universidade mais calcada no tripé Ensino/Pesquisa/Extensão para uma Universidade mais tecnológica e responsável socialmente, inserida num novo tripé de

Formação/Geração/Orquestração/ Aplicação do Conhecimento/ Responsabilidade social e ambiental. A partir dessa mudança, a UFSC busca realizar ações que possam torná-la uma instituição de ensino superior de renome e que seja conhecida como uma das maiores instituições de ensino superior de cunho inovador no país.

2 HISTÓRIA DA UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma das instituições de ensino superior mais prestigiadas do Brasil, com uma trajetória rica e diversificada que se estende desde a sua fundação até os dias atuais. A história da UFSC é marcada por preceitos significativos, evoluções estruturais e um compromisso contínuo com o desenvolvimento científico, tecnológico e socioeconômico da região e do país. Ao longo dos anos, a universidade não apenas expandiu suas atividades acadêmicas e de pesquisa, mas também se destacou na promoção do empreendedorismo e da inovação, adaptando-se às necessidades dinâmicas da sociedade contemporânea.

Como um processo de fundação e consolidação acadêmicos, a UFSC foi oficialmente criada como Universidade Federal, mas chamada de UFSC oficialmente após a lei n. 4759, de 20 de agosto de 1965 (UFSC, 50 anos, 2010). Sancionada pelo presidente Juscelino Kubitschek, em 18 de dezembro de 1960, pela lei n. 8.849 que federalizou a Universidade do Rio Grande do Norte e criou a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 50 anos, 2010). O processo tomou uma evolução até a universidade se consolidar ao longo do tempo, corroborando com a união de diversas faculdades e escolas que já operavam em Florianópolis e outras regiões de Santa Catarina. Desde o início, a universidade teve como objetivo central a formação de profissionais qualificados e a produção de conhecimento científico relevante para o desenvolvimento regional. Nos primeiros anos, a UFSC expandiu rapidamente suas estruturas

físicas e acadêmicas, estabelecendo-se como um centro de excelência em diversas áreas do saber.

Durante as décadas de 1960 a 1980, a UFSC consolidou sua reputação como uma instituição de ensino superior de qualidade, atraindo estudantes e pesquisadores de todo o Brasil e do exterior. Neste período, as atividades de pesquisa foram gradualmente fortalecidas, culminando na criação de centros e laboratórios dedicados à investigação científica em áreas como Ciências Naturais, Ciências Sociais, Engenharia e Saúde.

Na virada do século, a UFSC começou a reconhecer a importância crescente do empreendedorismo e da inovação como motores do desenvolvimento econômico e social. Iniciativas pioneiras foram implementadas para estimular uma cultura empreendedora entre estudantes, professores e pesquisadores, reconhecendo que o conhecimento produzido na academia poderia ser transformado em soluções práticas para desafios contemporâneos.

No período entre as décadas de 1980 a 1990, a UFSC buscou se consolidar através de algumas ações de cunho democrático. As barreiras políticas, econômicas, administrativas e sociais eram um modo de atrasar seu percurso até a consolidação. Porém isso não impediu que estudantes, funcionários técnicos administrativos e professores continuassem seguindo seus ideais políticos de liberdade, sabendo que uma hora ou outra conseguiriam encontrar o pilar de sustentação da nova democracia no Brasil e na Universidade. Tinham esta esperança contida em suas mentes, pois vislumbravam isto na abertura política que estava se instalando, aumentando a ideia de que havia um enfraquecimento e uma proximidade com o fim da ditadura dentro e fora da Universidade (UFSC, 50 anos, 2010).

Nos anos 2000, A UFSC expandiu sua trajetória de fomento e difusão do conhecimento, através de algumas reivindicações, tais como a ampliação da graduação, a ampliação e consolidação da

pós-graduação, além da abertura de alguns cursos de mestrado e doutorado. Além disso, os funcionários da época reivindicavam aquisição de livros, laboratórios e instalações de novos cursos através de um fundo de apoio à graduação, pois os recursos para a pós-graduação já estavam garantidos através da CAPES, vindos diretos de Brasília (UFSC, 50 anos, 2010).

No tocante à inovação, surgiram os primeiros programas e projetos voltados para o fomento ao empreendedorismo na UFSC. Destacam-se iniciativas como cursos de extensão em gestão empresarial, incentivos à criação de startups e parcerias estratégicas com empresas locais e internacionais. O ambiente acadêmico foi gradualmente adaptado para promover a interdisciplinaridade e a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, criando assim um terreno fértil para a inovação tecnológica e social.

No que concerne à face da Universidade Federal de Santa Catarina no século XXI, há uma intensificação das iniciativas de apoio ao empreendedorismo e à inovação, expandindo programas existentes e desenvolvendo novas estratégias para acompanhar as demandas de um mundo globalizado e digitalmente conectado.

A criação de estruturas como o Parque Tecnológico e o Centro de Inovação Tecnológica (CIT) demonstram o compromisso da universidade em proporcionar infraestrutura adequada para o desenvolvimento de projetos inovadores e a incubação de startups. Algumas ações na área da Propriedade Intelectual e seus ativos já eram sinalizadas, tais como a 1ª Feira do Inventor da UFSC, ainda com baixo número de proteção da PI solicitada, mas com especial atenção nos anos subsequentes.

Atualmente, a UFSC continua a fortalecer suas ações empreendedoras e de inovação, alinhando-se com as demandas da sociedade contemporânea por soluções criativas e sustentáveis. A universidade tem ampliado suas parcerias estratégicas com empresas, governos e outras instituições de pesquisa, promovendo

colaborações que geram impactos positivos em nível regional, nacional e internacional.

Os desafios do futuro incluem a adaptação às novas tecnologias emergentes, a promoção de práticas sustentáveis e a formação de uma nova geração de empreendedores conscientes e comprometidos com o desenvolvimento socioeconômico. A UFSC está posicionada para continuar sua trajetória de sucesso como um centro de excelência em empreendedorismo e inovação, contribuindo de maneira significativa para o avanço do conhecimento científico e tecnológico, bem como para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Este texto tem como objetivo geral levantar as principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora.

3 A TRILHA DA INOVAÇÃO DA UFSC

A trajetória de inovação da UFSC culminou na sua estruturação em prol de uma política de empreendedorismo e inovação junto à comunidade, ao fomento ao desenvolvimento econômico e social como fomento a uma instituição promotora das ações empreendedoras e inovadoras. Além disso, através da análise de sua trilha, é evidente o destaque como uma instituição que evidencia a Propriedade Industrial - PI, a Transferência de Tecnologia e o empreendedorismo.

Já no início dos anos 80, a UFSC culminou no foco de orientação referente à PI e a Transferência de Tecnologia – TT. Nesta época, a titularidade das invenções podia ser tanto dos autores quando das empresas parceiras nas pesquisas. A UFSC adotou um posicionamento proativo. Também houve um marco significativo do registro do primeiro pedido de modelo de utilidade – MU junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI, além de obter o

registro de sua marca, realizando a consolidação de sua identidade junto a todo o estado, a região e ao Brasil (Teixeira e Duarte, 2023).

O recorte entre os anos de 1997 e 2001 marcou o início dos registros dos ativos de PI pelos pesquisadores da UFSC, consolidando a importância de seus ativos junto a academia.

Entre 2002 e 2008 intensificou a importância da PI e a disseminação da cultura para a comunidade interna e para os gestores em tecnologia; as parcerias institucionais foram estabelecidas com o ecossistema de inovação a nível de estado, nacional e internacional. A UFSC também apoiou a Associação Catarinense de PI (ACAPI) e do Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia (FORTEC). Em meio a todas as ações, a resolução de nº 14/CUn/2002, de 25 de junho de 2002, de 25 de junho de 2002 marcou a Universidade que iniciou a efetivar o uso de seus ativos em sua titularidade (Teixeira e Duarte, 2023). No ano de 2008, foi celebrado o primeiro caso de licenciamento com a Natura, demonstrando a capacidade da UFSC em transferir tecnologia para o mercado.

Entre 2009 e 2018, tivemos o fortalecimento da internacionalização e um arranjo, de forma mais madura, do empreendedorismo. A UFSC teve um aumento significativo do número de pareceres emitidos, realizando pedidos internacionais via PCT. A criação do Comitê de Inovação e as discussões sobre a Política de Inovação marcaram avanços importantes, especialmente, em 2011. O empreendedorismo ganhou força no meio acadêmico e, partir desse marco, a área da inovação da UFSC tornou-se um órgão executivo central, tendo como resultado dessa força motora a criação de startups, tendo a UFSC inaugurado a sua primeira incubadora.

Nos anos de 2017 a 2021, ocorreu a estruturação da expansão das ações de inovação pela UFSC. A segurança jurídica da SINOVA foi fortalecida com estratégias de compliance implementadas. Houve uma qualificação ampla do quadro funcional

e a área de empreendedorismo ganhou um escopo maior dentro do Departamento de Inovação - SINOVA, com propostas de sensibilização e mentorias. Foram realizadas parcerias estratégicas para ampliação das ações e as ofertas públicas tecnológicas dos ativos da UFSC começaram a ser realizadas. Um marco importante foi a oferta da primeira patente verde em parceria com a EMBRAPA. A inovação foi levada aos campi da universidade e o apoio ao inventor independente foi regulamentado. Em 2021, a Política de Inovação e Empreendedorismo foi aprovada pelo Comitê de Inovação (Teixeira e Duarte, 2023).

Nos anos de 2022 a 2023, a consolidação da Política de Inovação e Empreendedorismo foi estabelecida e um programa específico foi lançado com a participação da comunidade interna e externa. O Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), tornou-se um parceiro estratégico do departamento de Inovação - SINOVA e um canal de comunicação mais próximo com a comunidade foi criado. Eventos da área de inovação passaram a ser divulgados no site da SINOVA. Disciplinas de empreendedorismo, inovação, propriedade intelectual e criatividade foram organizadas em um portfólio, e uma rede de professores foi formada para a construção de trilhas de disciplinas. O Programa Parcerias e Conexões foi lançado e executado com diversas rodadas de negociação envolvendo pesquisadores da UFSC. Foram operacionalizadas rotas de inovação interna e externa e a SINOVA estreitou parcerias internas e abriu as portas para a conexão com entidades externas. Programas inovadores como o Mestre/Doutor Profissional Inovador e VIA Júnior foram lançados, e o mentoring inventa junto ao INPI foi implementado, fomentando a inovação aberta em disciplinas de graduação e pós-graduação.

Diante das informações mencionadas, o texto faz alusão a um apanhado de informações históricas e de recorte em inovação e empreendedorismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, ao

qual remete a importância do levantamento das perspectivas evolutivas como fomento à cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora.

4 OBJETIVO GERAL

Como objetivo geral, o presente texto pretende levantar as principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora.

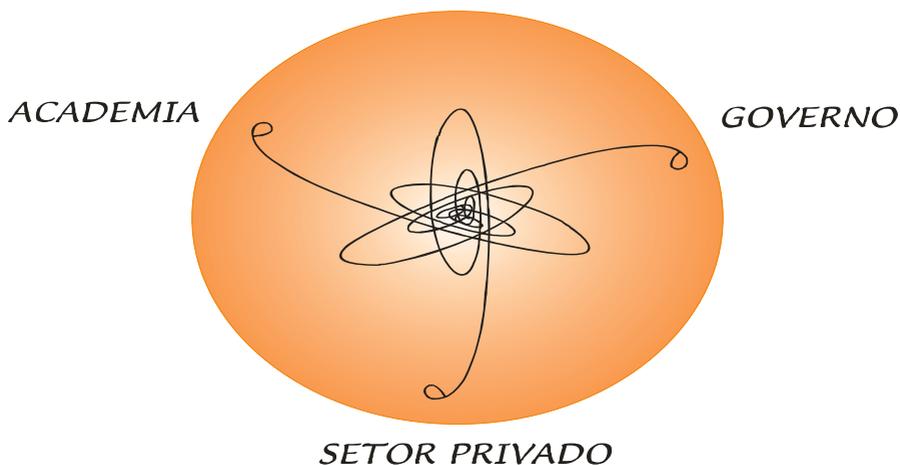
5 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o advento da revolução industrial e, posteriormente, do capitalismo, algumas mudanças significativas foram sentidas no mercado mundial em todas as áreas e, não menos importante, na área educacional. Este artigo tem como objetivo geral levantar as principais perspectivas evolutivas da Universidade Federal de Santa Catarina como fomento à cultura da inovação e da Universidade Empreendedora - UE. Quando se discute UE, é necessário levar em consideração o conceito de Hélice Tríplice.

A Universidade Empreendedora surgiu de duas estratégias de desenvolvimento aparentemente contraditórias em universidades do século XIX: a land-grant university, incluindo faculdades destinadas à melhoria da agricultura, como a Berkeley, e da indústria, como o MIT, e as clássicas universidades Torres de Marfim a Johns Hopkins e a Universidade de Chicago, baseadas em pesquisa pura. (Etzkowitz, p. 46, 2009). A Hélice tríplice foi gerada a partir de uma análise de relação do governo com a universidade e a indústria em diferentes sociedades e de seus vários papéis de inovação." (Etzkowitz, p.10, 2009).

Figura 1 – Representação das relações entre o governo, a academia e o setor privado com base no modelo da Hélice Tríplice.

HÉLICE TRÍPLICE DAS RELAÇÕES



Fonte: Galdino De Barros, 2007.

No que tange ao fomento das Universidades Empreendedoras, também é sugerido no campo do conhecimento a hélice quadrupla. É um conceito relativamente novo, mas que é bem estruturado junto aos preceitos das Instituições Federais de Ensino Superior - IFES que queiram empreender através da cultura da educação empreendedora. A hélice quadrupla parte do pressuposto de que, um ecossistema de inovação também deve ser pautado pelos processos de que o governo, as universidades, as empresas e a sociedade civil organizada se unam no intuito de construir novas possibilidades ou melhor o que já se possui, na busca da geração de valor e impacto junto a organizações e pessoas. Esse é o conceito visto por (Audy e Piqué 2016). Compreende-se que pelas questões acima mencionadas, que as universidades estão se adaptando a novos cenários mundialmente contemporâneos, fazendo com que a

sociedade compreenda a importância organizacional e mercadológica do conhecimento adquirido e do impacto que isso pode causar junto aos mercados extremamente competitivos.

Com relação aos Ecossistemas de Inovação, Wessner (2007, p. 6) reitera que “Ecossistemas de inovação são constituídos por um conjunto de indivíduos, comunidades, organizações, recursos materiais, normas e políticas por meio de universidades, governo, institutos de pesquisa, laboratórios, pequenas e grandes empresas e os mercados financeiros de uma determinada região”. Já ETZKOWITZ e ZHOU induz que as Universidades Empreendedoras ganham destaque por serem indutoras e responsáveis por disponibilizar elementos fundamentais para a existência dos ecossistemas de inovação (ETZKOWITZ; ZHOU, 2017).

Diante da discussão acerca da UFSC como instituição relativamente nova, mas que detém um papel importante como fomentadora do ecossistema local de inovação Catarinense no tocante às ações realizadas na academia, o que se pretende compreender e constatar é a elaboração de um levantamento das principais ações evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação e das perspectivas dos ideais para uma Universidade mais empreendedora.

6 METODOLOGIA

O texto tem como objetivo principal levantar as principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora.

Como procedimentos metodológicos, inicialmente, o artigo realizou um levantamento bibliográfico sobre a evolução histórica da UFSC e, num segundo momento, a análise de informações de cunho secundário e de forma descritiva, sobre as ações e atividades desenvolvidas ao longo dos anos, na e para a UFSC no tocante à cultura da inovação e do empreendedorismo. Como hipótese, além

da evolução no quantitativo de programas e projetos realizados e de grande impacto para o ecossistema local de inovação Catarinense, a UFSC tem trilhado alguns caminhos para se tornar uma Universidade mais empreendedora, com a disseminação da cultura empreendedora e inovadora.

7 RESULTADOS

O presente artigo tem como objetivo levantar as principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação para uma Universidade Empreendedora. Como objeto de estudo de caso, a UFSC possui uma trilha história com base, primeiramente, em se estabelecer como Universidade Federal democrática e detentora de um ensino de excelência, gratuita e de qualidade e, num segundo momento, de um processo de trilha de conhecimento baseada no fomento à cultura empreendedora e de inovação.

Face ao exposto e, com base no relatório de Gestão do Departamento de Inovação, a SINOVA foi criada por meio da Portaria n. 970/2016/GR e passou a ser um órgão de execução central e integrante da Administração Superior da UFSC, tendo como missão a promoção da inovação e do empreendedorismo por meio de parcerias e interações com diferentes atores, criando condições para que o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico produzido na Universidade possa ser revertido em prol da sociedade. O último relatório de gestão da SINOVA em 2023 relata as principais ações estratégicas, reunidas no documento, e que evidenciam o construto da UFSC de uma forma cada vez mais empreendedora e detentora de vários projetos estratégicos, palestras, cursos que impactam, significativamente, para garantir que a UFSC esteja em harmonia com ecossistema de inovação do estado de Santa Catarina. Logo abaixo estão alguns destaques que tornam a Universidade Federal de Santa Catarina uma organização impulsionadora de

conhecimento e de impacto significativo para fomento ao ecossistema local catarinense.

Figura 2: Estruturação da Secretaria de Inovação da UFSC



Fonte: Estruturação, SINOVA.

Os resultados dos processos de adaptação à cultura da inovação e ao empreendedorismo constataam que a UFSC demonstra, através de suas ações e atividades, características que podem culminar numa Universidade mais empreendedora, tomando como base as ações, atividades e processos inovadores.

Abaixo, algumas das ações da UFSC que induz a prospecção e o fomento à inovação:

O Política de Empreendedorismo da UFSC, estabelecido através da Resolução Normativa n.º 164/CUn em 29 de abril de 2022, demonstra que a UFSC atende às demandas internas e externas, impulsionando um espaço propício a atividades de cunho inovador. Esta política prospecta na cultura acadêmica a valorização da inovação e do empreendedorismo, além dos ativos de Propriedade Intelectual – PI. Face a informação, a UFSC se estabelece como um pilar importante e de fomento à cultura da inovação acadêmica, interligando a Universidade com todo o globo.

Figura 3 - Fluxograma do programa de inovação e empreendedorismo da UFSC.



Fonte: Relatório de Gestão, SINOVA, 2023.

No que diz respeito aos resultados de ativos de Propriedade Intelectual e, de acordo com o Relatório de Gestão 2023 SINOVA, a UFSC adquiriu, em âmbito nacional, 779 pedidos de ativos de Propriedade Intelectual – PI depositados/concedidos no Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI, perfazendo um total de 471 patentes de invenção, destas 272 são vigentes e 198 não vigentes; 22 Patentes de Modelo de Utilidade – UM, destas 18 são vigentes e 4 não vigentes; 232 Registros de Programa de Computador (RPC) vigentes; 50 Marcas, sendo 27 vigentes; e 48 Desenhos Industriais – DI, sendo 37 vigentes e 11 não vigentes. Além disso, a UFSC também conta com 5 registros de Cultivares junto ao Ministério da Agricultura, todos com vigência. A partir do dimensionamento do quadro abaixo, a observação é que há uma crescente evolução nos ativos de PI junto à UFSC, com uma observação referenciada de uma pequena oscilação negativa em virtude da Pandemia da Covid – 19.

Quadro 1 – Evolução dos depósitos e concessões junto dos Ativos de PI – UFSC.

ATIVOS DE PI - DEPÓSITOS E CONCESSÕES				
ATIVO	2020	2021	2022	2023

Patentes de Invenção	18	32	9	16
Patentes de Modelo de Utilidade	3	5	4	-
Registos de Programas de Computador	29	27	9	19
Desenhos Industriais	3	11	5	12
Marcas	1	1	-	6
TOTAL	54	76	27	53

Fonte: Relatório de Gestão, SINOVA, 2023.

Uma outra iniciativa é o portfólio divulgado na página da SINOVA como fomento e articulação, mapeamento e divulgação de disciplinas que tomam como base o ensino do empreendedorismo e da cultura da inovação. Diante da ação, a página da SINOVA obteve, até o mês de dezembro de 2023, 1127 visualizações, fazendo jus à menção de cultura inovadora, trabalhando o pilar do ensino de forma inovadora, prospectando o conhecimento de mudança de um estado conservador para um estado de conhecimento inovador.

O processo da cultura do empreendedorismo e da inovação se perpetuou ao logo do ano de 2023. Na prática do ineditismo e da Universidade Empreendedora, a UFSC, lançou, orquestrou e operacionalizou a 1ª incubadora VIA Júnior através da estruturação liderada pelo grupo de pesquisa Estação VIA. A partir do ciclo de inauguração, foram selecionadas cinco Empresas Júniores, sendo mentoradas, participando de workshops. trazendo revelações de que as referidas EJs vivenciam um crescimento acima de 60% em áreas estratégicas, tais como empreendedorismo, gestão, tecnologia, mercado, redes e capital. A VIA Júnior (nome da 1ª incubadora Jr. da UFSC) é um modelo de gestão de conhecimento que possui uma mola propulsora, no sentido de dissipar conhecimento entre as demais EJs da UFSC, através de uma interpelação de colaboração em rede, entregando ciclos de incubação para as EJs que tem como intenção o apoio ao seu desenvolvimento e, conseqüentemente, a aproximação com o ecossistema de inovação, fomentando a

formação de novos talentos. (Relatório de Gestão, SINOVA, 2023). Parte-se da premissa de que o fomento a todas essas iniciativas torna a UFSC muito mais competitiva perante o mercado acadêmico, de gestão e negócios e a frente de seu tempo, caracterizando uma universidade mais empreendedora e em pujante desenvolvimento.

FIGURA 5 – Indicadores da Incubadora Via Júnior – UFSC



Fonte: Relatório de Gestão, SINOVA, 2023.

Um outro ponto importante e que destaca a UFSC como uma Universidade mais empreendedora e em franco desenvolvimento são as ações realizadas além muros institucionais.

No ano de 2023, a SINOVA e a Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação da UFSC - PROSPEQ deram início a uma proposta de ocupação do Centro de Inovação de Itajaí, realizando uma articulação com o Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC do campus Itajaí como fomento à promoção e a ocupação do referido espaço como forma de adequação e atuação junto à proposta sistematizada. Ainda como forma de fomento a evolução da UFSC como universidade empreendedora, a SINOVA tem cadeira no conselho executivo do Inpetu hub (Centro de Inovação vinculado ao CTC).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E ESTUDOS FUTUROS

Diante dos fatos mencionados, o texto teve como objetivo geral o levantamento das principais perspectivas evolutivas da UFSC como fomento à cultura da inovação e da Universidade Empreendedora. Como resultados já sistematizados, a UFSC vem trançando, ao longo dos anos e desde sua criação, a excelência nas entregas no que diz respeito ao ensino, à pesquisa e à extensão e, mais recentemente, aos preceitos de uma Universidade mais empreendedora, preocupada com a excelência acadêmica, com a tendência do mercado mundial, realizando diversas ações com o intuito de preparar docentes, discentes e técnicos administrativos para uma sociedade mais madura, levando em consideração os conceitos de uma sociedade mais detentora de conhecimento e a preparação para a ascensão das diversas tecnologias que emergem pós século XXI.

Como estudos futuros, a UFSC se desloca com um de uma universidade mais empreendedora, direcionado a sua política para a inovação em seus três pilares, fomentando a competitividade acadêmica de forma salutar, a ponto de melhorar o ecossistema educacional de inovação nacional como contraponto ao subdesenvolvimento e ao conservadorismo acadêmico. Parte-se da premissa de que a UFSC se destaca junto ao sistema nacional de inovação, fomentando e aprimorando seu ecossistema, impactando os demais ecossistemas aos quais se espelham em suas ações, dando destaque à cultura da inovação e tornando a UFSC uma Universidade muito mais empreendedora.

REFERÊNCIAS

BARROS, J.G. **Estudo da dinâmica do desenvolvimento local à luz da teoria da hélice tripla: o caso das instituições do Estado de Alagoas**, Ufal, Maceió, 2007.

DAGNINO, RENATO. *A Relação Universidade-Empresa no Brasil e o Argumento da Hélice Tripla*. Instituto de Geociências/Departamento de Ciência e Tecnologia/UNICAMP. 2003.

ETZKOWITZ, H. Research groups as "quasi-firms": the invention of the entrepreneurial university. *Research Policy*, 32(1), p. 109-121, 2003.

ETZKOWITZ H. The evolution of the entrepreneurial university. *Technology and Globalisation*, 1(1), p. 64-77, 2004.

PIQUE, J. AUDY, J.L.N Dos Parques Científicos e Tecnológicos aos Ecossistemas de Inovação: Desenvolvimento Social e Econômico na sociedade do conhecimento, 2016.

TONHOLO, JOSEALDO *et al.* *Empreendedorismo: Competência para pequenas e médias empresas* Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores, ANPROTEC. (Org.) por EDA CASTRO LUCAS DE SOUZA - Brasília, 2001, Editora da UNB/CDT. Capítulo de livro: Avaliação do Perfil Empreendedor – Proposta de pesquisa de opinião.

TEIXEIRA, C.S; DUARTE, G.S *Trilhando a Inovação: A jornada da Universidade Federal de Santa Catarina ao Logo das Décadas*, UFSC, 2023.

TEIXEIRA, C. S; CORREIA J.S in: UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA, 9ª ed, No 17, 84 p, junho de 2024.

UFSC 50 anos: trajetórias e desafios / Roselane Neckel e Alita Diana

Corrêa Küchler, organizadoras, UFSC, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Secretaria de INOVAÇÃO, SINOVA, s/d.

WESSNER, CW (Ed.). *Políticas de inovação para o século 21: relato de um simpósio*. Washington: National Academies Press, 2007.

EVENTOS DE INOVAÇÃO E SEUS IMPACTOS: um estudo de caso sobre o Summit Iguassu Valley

Henrique Romão Marcondes¹⁷
Ana Paula Murakawa¹⁸

1 INTRODUÇÃO

O Iguassu Valley é o ecossistema de inovação do oeste do Paraná, que surgiu como uma resposta à necessidade de promover o desenvolvimento tecnológico e empresarial na região. Fundado em 2017, o Iguassu Valley representa o oeste do Paraná na totalidade de sua abrangência com seus 54 municípios. No entanto, hoje o movimento Iguassu Valley atua mais fortemente em 7 municípios: Cascavel, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Palotina, Santa Helena e Toledo.

O Iguassu Valley emergiu da fusão do Programa Oeste em Desenvolvimento (POD), que surgiu em 2014, e do Sistema Regional de Inovação (SRI), cuja origem data de 2016.

¹⁷ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Foz do Iguaçu/Paraná.

¹⁸ Bolsista/Agente Local de Inovação Ecossistemas de Inovação (SEBRAE), Orientador, Paraná.

O motivo por trás da sua criação reside na aspiração de transformar a região em um polo de inovação visando facilitar os negócios e a cooperação, estimular o empreendedorismo, fomentar a cultura da inovação e, conseqüentemente, aumentar a produtividade e fortalecer a economia local.

A iniciativa é um reflexo do reconhecimento do potencial da região oeste do Paraná por sua vocação agrícola, especialmente com a cultura da soja, milho e trigo, bem como pela produção de proteína animal, mormente frangos e suínos. Toda essa produção gera diversas outras empresas ao seu entorno, formando uma grande cadeia de fornecedores e startups que visam produzir soluções para esse segmento industrial. Toda a cadeia de produção requer adaptação e inovação constante para continuar competitiva, assim a inovação tornou-se um fator vital para o progresso econômico e social da região. Nesse contexto de muito trabalho e engajamento para o desenvolvimento regional, o Iguassu Valley recebeu o prêmio de melhor ecossistema de inovação do Brasil pela Confederação Nacional da Indústria em 2021. Mediante este importante reconhecimento, o Iguassu Valley se viu diante de um dilema: como poderia continuar inovando, se destacando e disseminando a cultura da inovação na região para que mais empresas surgissem e mais inovação e negócios fossem gerados, ampliando assim o bem-estar social promovido por este movimento.

Diante deste dilema, a governança do Iguassu Valley passou a buscar uma solução que permitisse manter e aprimorar seu destaque e referência como ecossistema de inovação, tornar as ideias de inovação mais difusas, além de promover maior conexão entre os atores. Este estudo concentra-se na perspectiva da coordenadora do projeto da solução proposta para o dilema, Taiuska Villa de Lima, com o objetivo de analisar as origens, desafios e impactos de uma iniciativa pioneira na região de Foz do Iguaçu, Paraná.

Este estudo mostra-se relevante, pois oferece uma análise da concepção e concretização de uma solução para o dilema apresentado, demonstrando como este não somente contribuiu para a superação dos desafios enfrentados pelo ecossistema para sustentar seu ritmo de desenvolvimento, como também para disseminação da cultura de inovação, desempenhando um papel fundamental como estratégia de crescimento e sustentabilidade para a região.

2 CONTEXTO E DILEMA

No contexto contemporâneo, caracterizado pela acelerada transformação tecnológica e pela crescente interconexão entre municípios, estados e a federação, a região do oeste do Paraná enfrentou um desafio importante para manutenção do seu ritmo de desenvolvimento. Correspondendo ao ecossistema de inovação Iguassu Valley, essa região reconheceu a necessidade de se posicionar como um centro de inovação referenciado nacionalmente, alinhando-se às demandas globais por progresso tecnológico e econômico.

No entanto, o impulso inicial marcado pelo recebimento de um importante prêmio como melhor ecossistema de inovação no Brasil em 2022, enfrentou um dilema complexo para manutenção e sustentabilidade do reconhecimento alcançado, incluindo a falta de compreensão sobre o conceito de inovação, obstáculos à criação e crescimento de novas empresas e a necessidade de colaboração entre diversos atores regionais. Esses elementos do cenário local, forneceram o terreno fértil para o dilema que se seguiu, onde a região precisou navegar por caminhos estratégicos para disseminar com sucesso a cultura da inovação e impulsionar o desenvolvimento regional.

O dilema central enfrentado por Taiuska Villa de Lima e pelo ecossistema Iguassu Valley, repousa sobre a falta de compreensão

de alguns atores sobre o conceito de inovação na região. Essa lacuna de entendimento limitava a capacidade das pessoas e instituições de aproveitar plenamente o potencial inovador local. O dilema se tornava ainda mais complexo quando se considerava a natureza interdisciplinar da inovação. Não havia o entendimento claro de que ela transcende as fronteiras tecnológicas e se insere em uma miríade de setores, desde processos industriais até estratégias de gestão, serviços públicos e tomada de decisões governamentais. A lacuna de compreensão em relação a essa diversidade de aspectos da inovação tornava-se um desafio fundamental a ser superado para fortalecer o ecossistema local e abrir caminhos para um desenvolvimento sustentável.

Além disso, a necessidade de uma mentalidade inovadora estava intimamente ligada ao crescimento e à competitividade regional. Com prêmios e reconhecimentos nacionais, o ecossistema Iguassu Valley atingiu uma posição destacada, mas essa posição não estava isenta de responsabilidades. À medida que a visibilidade do ecossistema aumentava, a expectativa de liderança e capacidade de influenciar o desenvolvimento da região também se intensificava. Soma-se ao dilema central o desafio de como capitalizar esse prestígio, disseminar o conceito de inovação em uma linguagem acessível e tangível, e garantir que a abordagem inovadora fosse implementada de maneira eficaz em diversos setores da sociedade.

A crescente necessidade de articular e expandir a compreensão da inovação, aumentar a geração de negócios, ampliar o contato e networking de atores regionais, refletia-se na busca por soluções colaborativas. A ação isolada não seria suficiente para enfrentar o dilema; em vez disso, era essencial unir forças entre setores, instituições e comunidades. A busca por uma solução holística implicava a criação de um espaço de encontro, reunião, exposição, palestras sobre o tema inovação e muito aprendizado, no qual conceitos complexos pudessem ser desmistificados e aplicados ao contexto regional de forma concreta.

Taiuska Villa de Lima, atuando como coordenadora do projeto que buscou solucionar o dilema apresentado, emerge como a figura central neste contexto. Ela dedica seus esforços para promover a inovação e o desenvolvimento na região do oeste do Paraná.

Para resolver o dilema da falta de compreensão sobre inovação na região do oeste do Paraná, verificou-se que seria fundamental adotar abordagens educacionais e de sensibilização que tornassem o conceito de inovação acessível e tangível para a comunidade em geral. Concluiu-se que isso poderia ser realizado por meio da implementação de programas educacionais, como workshops e palestras, que desmistificassem os princípios da inovação e demonstrassem sua aplicabilidade em diversos contextos. Sabe-se que criação de recursos educacionais que estejam disponíveis para todos, é essencial para disseminar o conhecimento sobre inovação de maneira eficaz.

Paralelamente, a formação de parcerias estratégicas entre empresas, instituições de ensino e governos, se mostrava como uma alternativa poderosa para promover a colaboração interdisciplinar e aplicar a inovação em diversos setores, impulsionando o desenvolvimento regional. A criação de eventos e redes de apoio adicionais também poderia fortalecer ainda mais o ecossistema, facilitando o contato, o networking e a troca de experiências entre os atores regionais, contribuindo assim para uma cultura de inovação mais sólida e abrangente.

3 SOLUCIONANDO O DILEMA

Para enfrentar o dilema que se apresentava, o ecossistema Iguassu Valley adotou uma abordagem proativa e estratégica, culminando na concepção e realização do Summit Iguassu Valley 2023 na cidade de Foz do Iguaçu. A solução proposta consistiu em criar um evento que transcendesse as fronteiras do tradicional, indo

além de simples palestras e encontros, para se tornar um ponto de convergência de ideias, experiências e visões.

A gênese do Summit Iguassu Valley revela-se intrinsecamente vinculada à necessidade de ampliar a compreensão sobre inovação em um cenário onde o reconhecimento do ecossistema Iguassu Valley estava em ascensão. O evento almejou não somente disseminar o conceito e ferramentas práticas de inovação, mas também catalisar a cooperação e ações colaborativas dentro do ecossistema, transcendendo barreiras e difundindo uma compreensão mais holística da inovação.

O evento, segundo Tauska Villa de Lima, foi cuidadosamente projetado para atingir dois objetivos centrais: "... disseminar uma compreensão ampla e acessível sobre inovação e catalisar a colaboração interdisciplinar entre startups, empresas, governos e a comunidade acadêmica". A estratégia para alcançar esses objetivos envolveu a seleção criteriosa de palestrantes âncoras, cujas abordagens e experiências serviriam como pontos de partida para uma discussão mais abrangente e aplicada sobre inovação.

A abordagem escolhida para o evento foi tanto inclusiva quanto prática. Reconhecendo a necessidade de superar a visão limitada de que inovação estava restrita à tecnologia, o Summit Iguassu Valley ofereceu um cardápio diversificado de palestras, workshops e espaços de interação que abrangiam temas tão variados quanto gestão do amanhã, liderança disruptiva e práticas de sustentabilidade. Essa diversidade de temas serviu para ilustrar a amplitude da inovação, desmistificando sua complexidade e tornando-a relevante para uma variedade de contextos.

A colaboração foi outro elemento central na solução do dilema. Através de uma pesquisa após o evento, uma das startups participantes declarou que: "... a conexão e a troca entre startups, empresas consolidadas e instituições governamentais, demonstraram a interdependência dos setores e ressaltaram a importância da colaboração para o avanço da região". O evento

propiciou um ambiente favorável para a troca de ideias e networking, permitindo que os participantes compartilhassem experiências, conhecimentos e desafios. Além disso, a participação do SEBRAE e outras entidades contribuiu para a concretização do evento, trazendo uma perspectiva pragmática e uma rede de recursos que fortaleceu ainda mais a estrutura do Summit.

A solução do dilema, portanto, envolveu uma estratégia multifacetada, que combinou uma abordagem inclusiva de temas e uma colaboração abrangente entre atores do ecossistema. O Summit Iguassu Valley foi um evento que não apenas respondeu às limitações de compreensão da inovação, mas também a transcendeu, fomentando uma cultura inovadora e colaborativa após a realização do evento.

Uma das principais estratégias adotadas para solucionar o dilema da falta de compreensão sobre inovação foi a seleção cuidadosa de palestrantes âncoras. O evento contou com a presença de especialistas renomados em diversas áreas, cujas palestras não apenas abordaram os fundamentos da inovação, mas também apresentaram estudos de casos tangíveis e exemplos práticos. Essa abordagem permitiu que os participantes vissem a inovação em ação, compreendendo como ela poderia ser aplicada em diferentes contextos, desde startups até empresas tradicionais e setores governamentais.

A diversidade de formatos também foi uma estratégia-chave para tornar o evento mais acessível e envolvente. Além das palestras tradicionais, o Summit Iguassu Valley incluiu sessões práticas, workshops interativos e espaços de networking, proporcionando oportunidades reais para os participantes interagirem, trocarem ideias e até mesmo colaborar em projetos inovadores. Essa abordagem prática foi fundamental para transformar a teoria em ação, permitindo que os conceitos discutidos nas palestras fossem aplicados de maneira tangível.

Além disso, a organização do evento buscou promover a participação de diferentes setores da sociedade. A inclusão de startups, empresas consolidadas, instituições de ensino e governos, refletiu a abordagem holística necessária para abordar a inovação em todas as suas facetas. Essa diversidade de participantes não apenas enriqueceu as discussões, mas também enfatizou a importância da colaboração entre diferentes atores para impulsionar o desenvolvimento regional.

A solução do dilema não se limitou aos dias do evento em si. O Summit Iguassu Valley funcionou como um ponto de partida para iniciativas posteriores, inspirando colaborações contínuas e ações concretas para promover a inovação na região. A criação de uma amostra universitária de projetos inovadores e a intenção de repetir o evento em edições subsequentes demonstraram o compromisso em manter o impulso gerado pelo evento e continuar a construir um ecossistema de inovação mais forte e interconectado.

Em suma, a solução do dilema enfrentado pelo ecossistema Iguassu Valley foi construída sobre os pilares da diversidade, colaboração e aplicação prática. O Summit Iguassu Valley se ergueu como uma resposta sólida, indo além de palestras convencionais para se tornar um evento que não apenas elucidou e democratizou o conceito de inovação, mas também a transformou em uma força motriz tangível para o crescimento regional.

4 PARTICIPAÇÃO DO SEBRAE E DOS PARCEIROS PARA A SOLUÇÃO DO DILEMA

A participação ativa do SEBRAE e de outros parceiros do ecossistema como PTI (Parque Tecnológico de Itaípu) foram alicerces fundamentais que impulsionaram o sucesso e o impacto do Summit Iguassu Valley. O papel dessas entidades foi muito mais do que apenas financeiro; elas desempenharam um papel estratégico e operacional na concepção, organização e execução do evento.

O SEBRAE, como um dos principais impulsionadores, trouxe sua expertise em fomento ao empreendedorismo e inovação. Sua participação foi crucial para a definição de abordagens práticas e realistas para os desafios enfrentados pelas startups e empreendedores da região. Além disso, o SEBRAE atuou como uma ponte entre o evento e a rede de empresários e empreendedores, conectando-os ao Summit e garantindo a representação de uma ampla gama de perspectivas.

Outros parceiros, como o Parque Tecnológico da Itaipu (PTI), também desempenharam um papel vital. Sendo o primeiro patrocinador fortemente engajado no evento. O PTI contribuiu não apenas com recursos financeiros, mas também com uma visão estratégica e conhecimento técnico. Sua presença evidenciou a importância da colaboração entre instituições do ecossistema, consolidando a ideia de que a inovação é um esforço conjunto que requer a participação de diferentes setores da sociedade.

A colaboração entre o ecossistema Iguassu Valley, o SEBRAE, o PTI e outros parceiros, demonstrou a sinergia necessária para solucionar desafios complexos de forma eficaz. A pluralidade de conhecimentos, recursos e redes de contatos, enriqueceu a abordagem do Summit Iguassu Valley, tornando-o um evento verdadeiramente multidisciplinar. A participação ativa desses parceiros não apenas fortaleceu a estrutura do evento, mas também garantiu sua relevância e aplicabilidade para uma variedade de atores regionais.

Houve também uma colaboração muito forte dos Agentes Locais de Inovação (ALIs) do SEBRAE/Iguassu Valley que desempenharam um papel crucial no sucesso do Summit Iguassu Valley. Eles foram fundamentais na organização de caravanas de diferentes cidades, atração de startups para o evento, mediação no palco principal e na coordenação da amostra universitária, destacando projetos inovadores. Sua atuação foi essencial para conectar a comunidade e fortalecer a colaboração durante o evento.

A sinergia entre o ecossistema Iguassu Valley e seus parceiros evidenciou a importância de uma abordagem colaborativa para promover a inovação e o empreendedorismo. Essa parceria não se limitou aos dias do evento, mas ecoou nas ações subsequentes que buscaram prolongar os benefícios e as conexões geradas pelo Summit. Ao unir esforços, o ecossistema e seus parceiros não apenas enfrentaram o dilema da falta de compreensão sobre inovação, mas também pavimentaram o caminho para um futuro mais inovador e próspero na região do oeste do Paraná.

5 CONCLUSÃO

Sob a perspectiva dos personagens envolvidos, o dilema inicial que se apresentou após o reconhecimento do ecossistema Iguassu Valley como o melhor do Brasil, de como continuar inovando e disseminando a cultura da inovação na região, encontrou uma efetiva solução por meio do Summit Iguassu Valley 2023. Este evento não apenas respondeu a essa questão premente, mas também demonstrou ser um ponto de inflexão. Através de palestras, colaboração interdisciplinar e a participação ativa dos atores regionais, o Summit não apenas disseminou a compreensão da inovação, mas também a tornou tangível e aplicável. Neste contexto, o dilema transformou-se em uma oportunidade, e o evento se revelou como um catalisador bem-sucedido de mudanças palpáveis e de longo prazo na região oeste do Paraná.

O Summit Iguassu Valley de 2023, promovido pelo ecossistema de inovação Iguassu Valley, emerge como um marco significativo na promoção da inovação e no fortalecimento do ecossistema regional do oeste do Paraná. Através de uma abordagem estratégica e colaborativa, o evento enfrentou o dilema da ainda baixa interação dos atores regionais e lacuna de compreensão sobre inovação, transformando-o em uma oportunidade para disseminar conhecimento, promover a

colaboração interdisciplinar e catalisar uma cultura de inovação abrangente.

A abordagem inclusiva adotada pelo Summit Iguassu Valley desmistificou a inovação, demonstrando que ela não é apenas tecnologia, mas uma abordagem que pode ser aplicada em todos os setores e níveis da sociedade. A seleção cuidadosa de palestrantes âncoras, a diversidade de temas abordados e a realização de sessões práticas e interativas garantiram que a inovação se tornasse tangível e acessível a todos os participantes.

A colaboração entre startups, empresas consolidadas, instituições acadêmicas e governamentais, sublinhou a interdependência dos atores do ecossistema e a importância de unir esforços para impulsionar o desenvolvimento regional. A participação ativa do SEBRAE e de outros parceiros fortaleceu ainda mais essa abordagem colaborativa, trazendo conhecimento técnico, recursos financeiros e conexões valiosas que enriqueceram o evento e estenderam seus benefícios além das datas do Summit.

O legado do Summit Iguassu Valley não reside apenas nos dias do evento, mas nas iniciativas que se seguiram e na consciência coletiva que foi despertada. Ao disseminar uma compreensão abrangente de inovação e ao promover a colaboração entre diversos setores, o evento deixou um impacto duradouro na região do oeste do Paraná. O compromisso de repetir o evento em edições subsequentes e a criação de uma amostra universitária de projetos inovadores, mostram que o Summit não é apenas mais um evento, mas sim um catalisador contínuo de mudanças positivas na região.

Refletindo sobre as ações adotadas para resolver o dilema da falta de compreensão sobre inovação, percebe-se que algumas lições valiosas foram aprendidas ao longo do processo. Primeiramente, foi possível compreender que a inovação não se limita à tecnologia e que pode ser aplicada de maneira tangível em diversos contextos. Além disso, a importância da colaboração entre

diferentes atores do ecossistema se tornou evidente, mostrando que juntos podem ser mais fortes na busca por soluções inovadoras.

Os desafios futuros que se apresentam incluem a necessidade de aprofundar ainda mais a cultura da inovação na região e garantir que o conhecimento e as práticas adquiridas durante o Summit Iguassu Valley sejam continuamente aplicados. Além disso, verifica-se o desafio de ampliar o engajamento de diversos setores da sociedade, como governos, instituições de ensino e empresas, para fortalecer ainda mais o ecossistema.

Quanto aos planos futuros para o ecossistema, os atores demonstram estar determinados a manter o impulso gerado pelo evento e aprofundar a parceria com entidades como o SEBRAE e o PTI. Planeja-se continuar promovendo eventos e iniciativas que fomentem a inovação na região, ampliando a participação de universidades e projetos inovadores. O próximo Summit já está sendo planejado de forma mais estruturada, visando aperfeiçoar ainda mais a capacidade de impactar positivamente a comunidade e os negócios locais.

Em síntese, o Summit Iguassu Valley 2023 representou uma jornada de superação de desafios, colaboração interdisciplinar e promoção da inovação. Ao abordar o dilema da falta de compreensão sobre inovação, o ecossistema Iguassu Valley demonstrou não apenas a capacidade de enfrentar obstáculos, mas também a determinação de construir um futuro mais inovador, inclusivo e próspero para a região do oeste do Paraná.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, José Carlos. **Organizações inovadoras: estudos e casos brasileiros**. FGV Editora, 2003.

SEBRAE. **Metodologia ALI Ecossistemas**. São Paulo: SEBRAE, 2022.

Agência de fomento: entidade de apoio a empresas e organizações de pesquisa e desenvolvimento (P&D) que oferece linhas de crédito para financiamento de capital, realiza de investimentos nas empresas e presta serviços de consultoria e assessoria, em especial na parte financeira do negócio.

Agentes de desenvolvimento: entidades do setor público e privado que promovem ações de fomento ao empreendedorismo e inovação.

ALI Educação Empreendedora: atua na promoção de melhorias rápidas e de alto impacto com objetivo de elevar a aplicação da educação empreendedora e inovação nas escolas. As escolas recebem acompanhamento do bolsista de educação em até 3 ciclos, com duração de 7 meses cada. Através do diagnóstico aplicado junto às escolas, é proposto um plano de ação para aumento de inovação nas dimensões de: uso de tecnologias educacionais, engajamento da escola na adoção de tecnologias educacionais e estratégia. Ao final do ciclo e do plano de ação realizado, espera-se uma evolução em 15 pontos percentuais nas dimensões trabalhadas.

ALI Indicações Geográficas: foco na implantação da inovação em comunidades/associações rurais com vista ao reconhecimento e melhoria de processos produtivos, marketing e vendas de produtos locais, controles gerenciais e novos produtos.

ALI Produtividade: ajuda o empresário a mapear os principais problemas da empresa, e orientar como testar soluções para: vender mais, aumentar o faturamento, reduzir despesas e assim aumentar a produtividade.

ALI Rural: foco na implantação da inovação em cinco dimensões da empresa rural: melhoria de processos produtivos, redução de custos, marketing e vendas, controles gerenciais e novos produtos.

ALI Transformação Digital: auxiliará o empresário a identificar uma solução digital, de mercado, que ajudará a empresa a resolver o problema priorizado, como por exemplo: reduzir custo, aumentar faturamento, melhorar um processo, diminuir o tempo na operação do negócio, etc;.

Atores: Pessoas físicas ou jurídicas que se relacionam em um ecossistema de inovação, como ambientes de inovação (como incubadoras, aceleradoras, parque tecnológico), empresas, ICTIs, poder público, entre outros.

Benchmarking: processo de análise estratégica das melhores práticas de empresas do mesmo nicho.

Brainstorming: É uma técnica de estímulo à criatividade para a solução de problemas. Também pode ser chamado de “chuva de ideias” ou “tempestade de ideias”.

Coworking: é um local ou empresa que possui infraestrutura necessária para que outras empresas ou profissionais autônomos se reúnam e trabalhem.

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Ecossistemas de Inovação: Ecossistema de Inovação são espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais, que atraem empreendedores e recursos financeiros, constituem lugares que potencializam o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e compreendem, entre outros, parques científicos e tecnológicos, cidades inteligentes, distritos de inovação e polos tecnológicos. Fonte: Decreto nº 9.283/2018

Finep: Financiadora de Estudos e Projetos.

Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs): são fundações estaduais de fomento que viabilizam recursos para a pesquisa em Ciência e Tecnologia com foco também em Inovação.

Governança: Atores organizados para a implementação do Plano Estratégico de intervenção, objetivando o aumento do nível de maturidade do ecossistema local de inovação.

Networking: é um sistema em que indivíduos ou grupos têm um interesse em comum e formam conexões e contatos.

Plano Estratégico de Intervenção: Plano realizado com base na maturidade do ecossistema local de inovação e que será implementado pela governança.

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

Ana Paula Murakawa

MBA em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (2006), Especialista em Educação a Distância pela FAAT (2014) e Bacharel em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (2003). Docente de pós-graduação em Gerenciamento de Projetos pelo ISAE/ Fundação Getúlio Vargas, pela Faculdade da Indústria Senai, pela Faculdade Pitágoras e pela Faculdade Arthur Thomas. Docente de graduação em Administração pela Faculdade Arthur Thomas e Inesul. Agente de Ecossistema Local de Inovação, empreendedora, gestora e consultora em projetos de negócios e inovação do segmento de Edtech. Membro da diretoria do Arranjo Produtivo Local de TIC de Londrina e Região - Gestão 2020/2021. Mentora no Founder Institute e na Estação Hack do Facebook. Fundadora e sócia-diretora na On Demand Academy e diretora da Happy Code School - Unidade Londrina/PR.

André Luiz Turetta

Mestre em Tecnologia e Sociedade pelo PPGTE da UTFPR, Especialista em Controladoria e Finanças pela UNIPAR e Bacharel em Administração pela UEM. Atua desde 2010 com cultura e gestão da

inovação, tendo atuado em projetos multi-institucionais como Projeto ALL do Sebrae, NAGI da Finep e MEI da CNI e Sebrae.

Email: turretta@alunos.utfpr.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2209026965228993>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5971-9886>

Andreizza Albernaz Vanin Rosado

Especialista em Contabilidade Gerencial (UEFS),

Graduada em Ciências Contábeis (UEFS). Agente Local de Inovação - Ecossistema de Inovação na cidade de Feira de Santana - BA (SEBRAE), Bolsista de Inovação e Tecnologia UFRB / CINOVA/ SEIVA (FAPESB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7274201568065322>

E-mail: andreizzavanin@gmail.com

Ariny Carvalho de Freitas Fonteneles

Pós-graduanda em Empreendedorismo e Inovação pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI) e em MBA em Inovação, Design e Estratégia pela Universidade Maurício de Nassau (UNINASSAU), com especialização em Inovação, Gestão Cultural e Empreendedorismo pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Graduada em Administração pela Universidade Aberta do Piauí (UAPI – UESPI) e em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atuou como Agente Local de Inovação do Sebrae no Ecossistema de Inovação de Parnaíba; Atua como Produtora Cultural e Gestora de Projetos Culturais de Música no Sesc Caixeiral em Parnaíba. Paralelamente é consultora de Inovação no Sebrae-PI com foco no desenvolvimento do Ecossistema de Inovação de Parnaíba, como também consultora de Inovação na Ferraro Projetos e Investimentos LTDA, atuando com consultorias em projetos de captação de Recursos Inovadores de Inovação.

E-mail: arinyfontenele@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5589668125028896>.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8164-9820>.

Clarissa Stefani Teixeira

Pós-Doutora e professora do Departamento de Engenharia do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui mais de 180 artigos publicados e é revisora de 14 periódicos nacionais e internacionais. Coordena projetos público-privadas e a implantação de programas de inovação de governo. Atua na gestão e construção de metodologias para habitats de inovação como incubadoras, pré-incubadoras, centros de inovação, ambiente maker e living labs. É líder do grupo de pesquisa VIA Estação Conhecimento com foco em habitats de inovação e empreendedorismo. (via.ufsc.br). Tem experiência e formação internacional em ambientes de inovação.

Email: clastefani@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6668948766545628>.

Orcid: <http://orcid.org/0000-003-1362-1255>.

Cláudia Rodrigues Maia

Doutora no Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade do Rio Grande – FURG, e graduada em Administração pela Universidade do Rio Grande – FURG. Agente Local de Inovação - Ecossistemas de Inovação na cidade de Rio Grande – RS.

E-mail: claudiarmaia@hotmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8569056095365603>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7274-0118>

Edilson Nolaço dos Santos

Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui

graduação em Administração e em Gestão Pública pela Universidade Católica Dom Bosco, especialização em Gestão de Pessoas pela Universidade Cândido Mendes e em Gestão Pública pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atua como orientador nas modalidades ecossistemas de inovação e indicação geográfica do Programa Sebrae Agentes Locais de Inovação.

E-mail: edilson.nolaco@ifmg.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5163224887919511>.

Fernanda Moreira Araújo

Mestra em Administração pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Especialista em Desenvolvimento de Regiões de Fronteira pela UNIPAMPA. Especialista em Inovação e Tecnologia Social pela Universidad Católica del Uruguay (UCU). Graduada em Gestão Pública na UNIPAMPA. Co-fundadora da Área B - ecossistema binacional de inovação da fronteira Brasil-Uruguai. Diretora do capítulo Brasil e membro do comitê editorial da revista da Red Latinoamericana para la Investigación y el Desarrollo de Políticas Públicas.

E-mail: fe.gestora@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7693410281440755>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7023-465X>.

Francine de Lima Santos

Especialista em Gestão com Pessoas pelo Centro Universitário Cesumar (Unicesumar). Bacharel em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Cidade Verde (Unicv) e Tecnóloga em Processos Gerenciais pela Faculdade Unissa de Sarandi (Unissa). Agente Local de Inovação na cidade de Jandaia do Sul-PR (2022-2023). Consultora Empresarial na Empreenda Maringa - LTDA.

Email: francineartdigital@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9563161847663647>.

Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. Realizou estudos de pós-doutoramento nas universidades de Coimbra (Portugal), Cádiz (Espanha), Brasília (UnB) e Unesp. Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense (PGCTIn-UFF), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS-UFT) e no Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu-UFBA). Coordenador do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje).

Email: gilsonportouft@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8025807807825011>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5335-6428>.

Henrique Romão Marcondes

Mestre em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2020, graduado em Economia pela mesma instituição em 2018.

Janaína Galdino de Barros

Doutora em Ciência da Propriedade Intelectual pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Comunicação Social - Relações Públicas - pela Universidade Federal de Alagoas e professora colaboradora pelo Programa de Pós-graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação PROFNIT - UFAL.

Email: janagaldino3@gmail.com.

Lattes: ID Lattes: 4458964595349160.

Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-3830-8110>.

João Carlos Hipólito Bernardes do Nascimento

Doutor em Ciências Contábeis. Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Ministro Petrônio Portella (CMPP), nos Curso de Ciências Contábeis, Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) e do Mestrado Profissional em Gestão Pública (MPGP).

E-mail: joahipolito@ufpi.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7222237836912088>.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3505-372X>.

Leonardo Pinheiro da Silva

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF-PGCTIn). Mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT-PROFNIT), Especialista em Gestão De Negócios Com Foco Em Competências Comportamentais (BBI of Chicago/Celso Lisboa) e graduação em Tecnologia em Logística (UFT) e Tecnologia em Gestão da Produção Industrial (IFTO). Agente Local de Inovação - Ecossistemas de Inovação na cidade de Araguaína-TO.

E-mail: leonardo_ps@id.uff.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0867478896100178>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6469-6567>.

Lucas Alves do Nascimento

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Economia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/PPGE). Especialista em Investimentos e Banking (PUC/RS), MBA em Gestão Financeira, Controladoria e Auditoria (FGV/EPGE), Aperfeiçoamento em Agronegócios (UFPR/PRPPG) e Bacharel em Administração (UFBA).

Agente Local de Inovação - Ecossistemas de Inovação na cidade de Salvador - BA.

E-mail: lucasalves@ufba.br / lucas.nascimento@salvador.ba.gov.br / alves.luccas@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2336485210584643>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8861-5821>.

Luiz Fernando Cauduro Telles

Engenheiro de Controle e Automação (PUCRS). Agente Local de Inovação - Ecossistemas de Inovação na cidade de Passo Fundo - RS.

E-mail: luizfernandotelles.eng@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6319072961421481>.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8784-6975>.

Samuel Vinícius Bonato

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), possui graduação em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande (2004) e MBA em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (2008). Tem experiência de 15 anos em Modelagem e Reestruturação de Processos e Implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade (ISO9001), Ambiental (ISO14001), Automotivo (ISO/TS 16949).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9646090589161185>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2486-4909>



ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E ENSINO

Estudo de caso de ecossistemas brasileiros

Organizadores:

Gilson Pôrto Jr.

Leonardo Pinheiro da Silva



Observatório
Edições

ISBN: 978-6-59818-209-0



9 786598 182090